



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Espacializando as conversas na Cidade da Bahia do século XVI – Redes de
informação e mobilidade geográfica de escravizados.**

CARLOS ANTONIO PEREIRA DE CARVALHO

**Brasília
2018**

CARLOS ANTONIO PEREIRA DE CARVALHO

Especializando as conversas na Cidade da Bahia do século XVI – Redes de informação e mobilidade geográfica de escravizados.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Sociedade, cultura e política

Linha de Pesquisa: História Social e suas múltiplas Formas.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Luís Gil

Brasília
2018

CARLOS ANTONIO PEREIRA DE CARVALHO

Espacializando as conversas na Cidade da Bahia do século XVI – Redes de informação e mobilidade geográfica de escravizados.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Tiago Luís Gil (Orientador)

Prof. Dr. Giovanni Levi (Università di Venezia)

Prof. Dr. Manolo Garcia Florentino (UFRJ)

Prof. Dr. Carlos Valencia Villa (UFF)

Brasília
2018

*Dedico essa pesquisa ao meu avô,
Geraldo Coelho de Carvalho, que nunca
imaginou ver um neto formado.*

Agradecimentos

É difícil imaginar como teria sido todo esse processo sem aqueles que – ao longo do tempo – vão se mostrando tão importantes na sua caminhada. Desde quando me propus a iniciar o Mestrado e – consequentemente – esta pesquisa, sempre tive ao meu lado boas pessoas que me ajudaram das mais diversas maneiras. São tantas pessoas para agradecer que não caberia em uma simples folha de papel.

Entretanto, não poderia deixar de nomear algumas pessoa que são tão importantes para mim e que me ajudaram desde o primeiro dia em que pisei nesta Universidade. Portanto, faço um agradecimento especial à minha família. Aos meus pais, Carlos e Douralice, e a minha irmã e meu cunhado, Leiliane e André, que acompanharam de perto todo este processo, me auxiliando em absolutamente tudo que eu precisei. Sem vocês, este trabalho não seria possível.

Quero agradecer enormemente também o meu orientador, Tiago Gil, que me acompanha desde de quando ingressei nessa Universidade, ainda mesmo quando tudo isto era um universo muito novo pra mim. Agradeço enormemente pela gentileza, paciência e disposição em me ajudar, por me apresentar um mundo em que eu nunca imaginei estar inserido. Se hoje eu me encontro finalizando uma dissertação de Mestrado e com perspectivas de um Doutorado, com certeza, isso só foi possível porque tive mais que um orientador, mas um amigo ao lado.

Agradeço também à todos os amigos pessoais que dividiram momentos de alegrias e tristezas, alívios e angustias e tantos outros sentimentos, que com uma boa conversa, me ajudaram a construir essa pesquisa.

A minha gratidão jamais se esgotará em palavras, mas a todos vocês, eu expresso o meu mais sincero obrigado.

Resumo

O objetivo desta pesquisa se concentrou em analisar a mobilidade geográfica de escravizados a partir do livro de denúncias referente à visita feita pelo Santo Ofício na Cidade da Bahia no ano de 1591. Auxiliado pelo Sistema de Informações Geográficas – SIG, pôde-se realizar uma releitura do recôncavo baiano, sobretudo em suas perspectivas geográficas e sociais para o período em questão, em que mobilidade destes escravizados e também de outros agentes, evidencia indícios da existência de pequenas redes que conecta estes personagens tanto isoladamente – identificados a partir de grupos – assim como um todo.

Palavras-chave: mobilidade; redes; SIG; escravizados.

Abstract

The goal of this research is to analyze the geographic mobility of enslaved by the reports generated at the Holy Office visitation in the Cidade of Bahia in the year of 1591. By using Geographical Information Systems – GIS, it is possible to conceive a reinterpretation of the recôncavo baiano, especially in social geographical perspectives for that period. Thus, it is possible to infer evidences of small networks that connect these agents, based on the mobility of the enslaved and of other figures, in an isolated matter - intendified in groups – and in a whole.

Keywords: mobility; social network; GIS; enslaved.

Lista de Abreviaturas e Siglas

PVB – C – Primeira Visitação do Santo Ofício – Confissões da Bahia, 1591.

PVB – D – Primeira Visitação do Santo Ofício – Denúncias da Bahia, 1591

Sumário

Conteúdo

Introdução.....	10
Capítulo 1 - O recôncavo baiano através dos processos Inquisitoriais	20
Capítulo 2: Um debate sobre "redes"	33
Capítulo 3 - A Inquisição e a Historiografia	50
Capítulo 4 - Análise de algumas variáveis da fonte: idade, origem e qualificativo.	66
Capítulo 5 - Os escravizados, as redes e a mobilidade geográfica.	80
Considerações Finais	95
Fontes	97
Referências Bibliográficas.....	98

Introdução

Jerônimo de Barros dizia ser cristão velho, natural da cidade de Salvador, de idade de trinta anos. Filho de Gaspar de Barros – já defunto – e de Catarina Loba, que se encontrava casada pela segunda vez com André Monteiro, morador nesta cidade. E confessando-se sobre a mesa do santo Ofício, Jerônimo disse que a mais ou menos três anos atrás, seu Padrasto – que residia em Passé – vendeu um pedaço de terra a Manuel Ferreira, seu vizinho. Nestas terras, Manuel Ferreira havia feito uma lavoura de milho, algodão e sete tarefas de lenha. Como seu padrasto ainda não tinha feito nenhuma partilha de terra com Jerônimo ou com suas irmãs, seu cunhado – que tem por nome Pero Dias – disse que iria destruir, arrancando toda a obra feita por Manuel Ferreira na dita lavoura.

Do que disse Jerônimo, Pero Dias não foi sozinho. Levou consigo muitas pessoas para destruir a dita lavoura, dos quais destes alguns eram escravizados, como: Bastião – negro da Guiné – Gonçalo, Antônio Arda, Antonio Moleque, Simão Egico, Pedro Ongico, Rodrigo Angola, Lourenço Ongico, Joane Ongico, Duarte Angola, Cristão Angola, sendo todos estes negros da Guiné. Levou ainda dois cativos, denominados como Franciso da Terra e Manuel da Terra. Todos esses eram cativos pertencentes à Pero Dias, segundo o que diz Jerônimo. O confessante ainda disse, que todos os mencionados puseram, cumpriram sua promessa e botaram fogo nas tarefas de lenha e destruíram toda lavoura.

Depois de feito, Manuel Ferreira disse que se calou pra sempre sobre este fato, passando despercebido por todas as confissões obrigatórias da Igreja. Por este fato, pedia perdão¹.

De uma maneira não tão tradicional assim, começamos nosso trabalho com este episódio envolvendo um testemunho na Cidade da Bahia pertencente ao livro de *Confissões e Denúncias* referentes às visitas realizadas pelo *Santo Ofício* à Cidade da Bahia em 1591 e 1620 para a realização de um *Processo Inquisitorial*, por entender que este documento faz menção a muitas coisas importantes para esta pesquisa. Chama-

¹ PVB-C-1590-009

se a atenção do leitor para este documento, a fim de interá-lo acerca de três pontos principais, que serão cruciais para o entendimento desta pesquisa, sendo estes: 1) o nosso *espaço* de análise; 2) os *agentes*; 3) e o *contexto histórico*. Buscaremos nas páginas seguintes mostrar ao leitor – a partir das fontes – de como o cenário que permearemos por toda esta dissertação está montado. Em um primeiro momento, iremos entender um pouco acerca da estrutura da nossa fonte. Compreender, por exemplo, como esta é escrita, classificada e dividida, bem como a forma que utilizamos em nosso estudo. Em seguida, será apresentado o cenário visual, geográfico e social através de descrições pertencentes a esta fonte em conjunto com o auxílio da visão de cronistas da época.

Portanto, nosso estudo concentra-se no livro escrito a partir da Primeira Visitação do Santo Ofício à Cidade da Bahia no anos de 1591. Podemos dividir essa documentação em duas classificações de acordo com a característica e a periodização da fonte, que se fragmenta em: *Primeira Visitação*; e *Confissão* ou *Denúncia*. Somando o conteúdo deste volume produzido a partir da Primeira Visitação, encontra-se um total de 334 testemunhos que se dividem entre relatos de confissão ou de denúncia. Deste total de casos citados, 213 são referente a casos de denúncias e 121 de confissões.

Em relação a apresentação da fonte, podemos contar – majoritariamente – com uma estrutura fixa, obedecendo sempre um padrão de escrita. Contáveis são os casos em que há a modificação desta estrutura, o que acaba sendo irrelevante para o entendimento da fonte. Trata-se, portanto, de um livro que contém normalmente as mesmas identificações, variando-se apenas de acordo com o volume do conteúdo relatado. Geralmente a primeira identificação feita se refere ao qualificativo atribuído a fonte, registrando se o caso é tratado como uma *confissão* ou como uma *denúncia*. Quando o assunto é referido à confissão, registra-se logo em um primeiro momento esta qualificação em conjunto com o nome do confessante; sua identificação religiosa; e a data do registro. Como por exemplo:

*"Confissão de Pero Teixeira, Cristão Novo, no Tempo da Graça, em 2 de Agosto de 1591"*²

Para as denúncias, a forma muda um pouco. Ao invés de registrar no início da página todas as atribuição referente ao denunciante, primeiro se registra a pessoa alvo

² PVB-C-1590-005

da denúncia, seguido da data do relato e então a identificação do denunciante. Referente às atribuições que são destacadas quando o documento é qualificado como confissão, nas denúncias elas aparecem no corpo do texto pertinente ao relato. Vejamos

"Contra Fernão Pires, Fernão Cabral e Antonio Lopes Ilhoa. 1 de Agosto de 1591. Domingos de Oliveira. [...] Diz ser cristão velho da parte de seu pai e que ouviu dizer que sua mãe Beatriz Pires era cristã nova por parte de seu pai dela³. [SIC]

Nas denúncias, essas informações relativas aos denunciantes e aos denunciados aparecem mais. Quase sempre preso ao corpo da denúncia, o registro é feito a partir de uma espécie de "interrogatório", em que – antes do relato próprio da denúncia – é identificado o nome do relator, sua naturalidade e local de moradia, sua idade, profissão, nome e naturalidade dos seus pais e quando ocorreu o fato tocante à denúncia. A partir de então, notoriamente, encontramos variações na forma que são dados os testemunhos, porém, quando nos concentramos ainda nas denúncias, essas informações já citadas acima costumam aparecer relativas à quem estaria sofrendo as acusações. Não é tão rico em detalhes, mas geralmente pode-se contar sempre com o nome e o local de moradia deste denunciado.

Do que diz respeito aos conteúdos, como já dito, não há uma uniformidade quanto ao volume ou ao que é escrito nesses testemunhos. Há testemunhos que contam com 3 linhas de relatos, como há outros que ultrapassam 30 linhas. Entretanto – não se sabe se por coincidência – pode-se contar sempre com relatos que tangem minimamente 15 linhas de denúncia. Aqui entra todo o tipo de denúncia. Acusações de judaísmo, sodomia, desavenças pessoais, de tudo um pouco aparece dentro destes relatos.

A citação deste documento logo no início do capítulo não é em vão. Nele estão contidos as partes que constituem essa estrutura apresentada, assim como os exemplos das informações que usaremos para a realização desta pesquisa. O caso de *Jerônimo de Barros* não é especial ou singular. Nem se trata daquelas heresias que são passíveis de se considerarem horrendas – aos olhos da Inquisição – justificando as duas visitas. O caso de Jerônimo de Barros, nos oferece informações que são de significância para esta pesquisa, como: os nomes dos escravizados e lugares onde estes residem; os agentes que são núcleos das confissões e igualmente o local de moradia destes; e o testemunho

³ PVB-D-1590-017

em conjunto com o fato, propriamente dito. Dados estes que serão essenciais para a construção do objetivo final desta dissertação. O que ficará mais claro ao longo deste capítulo e dos subsequentes.

Banco de Dados

Antes de confeccionarmos um banco de dados de acordo com os nossos interesses, usamos e reorganizamos uma base já existente, muito trabalhada pela historiadora *Dayane Augusta Silva*, em sua dissertação: *Em tempos de visitas. Inquisição, circulação e oralidade escrava na Bahia (1590 - 1620)*⁴. O Banco de dados montado por Dayane Silva e pelo historiador Tiago Gil, nos ofereceu uma base para podermos perceber as informações de uma maneira mais fácil e rápida, tornando prática a serialização das informações. A base foi montada a partir do Software *Filemaker Pro*, que nos permite a criação de campos de acordo com a nossa análise; do destaque das informações requeridas, dentre tantas outras funções que podemos atribuir ao nosso documento. Observemos com a figura 1.

The screenshot displays a FileMaker Pro database record for a historical document. The main text field contains the original transcription of a confession from Jerônimo de Barros, dated August 4, 1591. The structured form includes fields for the interrogant (Jeronimo de Barros), accused (cristão-velho), date (04/08/1591), and location (Bahia). A list of names is provided for reference, including Manuel Ferreira, Cristóvão Angola, Duarte Angola, Joane Ongico, Lourenço Ongico, Rodrigo Angola, Gaspar de Barros, Catarina Loba, André Monteiro, Manoel Ferreira, Pedro Dias, Bastião, negro de Guiné, and Gonçalo. At the bottom, a table tracks the processing of documents:

Pessoa 1	Local 1	Pessoa 2	Local 2	Pessoa_assunto	Local 3	INTENSIDADE	Quando (em meses)
FEITO		Manuel Ferreira	Passé				

Figura 1 - Banco de dados confeccionado para analisar os documentos do Santo Ofício.

⁴ SILVA, 2014

Na figura 1, podemos observar a versão original do banco de dados e, na parte inferior da imagem, o sistema desenvolvido para nossa pesquisa. A partir desta visualização, conseguimos perceber que há vários campos que delimitam uma informação de forma direta, sendo necessário apenas a colocação destes dados de acordo com a categoria que criamos. Vamos aos detalhes dos campos com a figura 2:

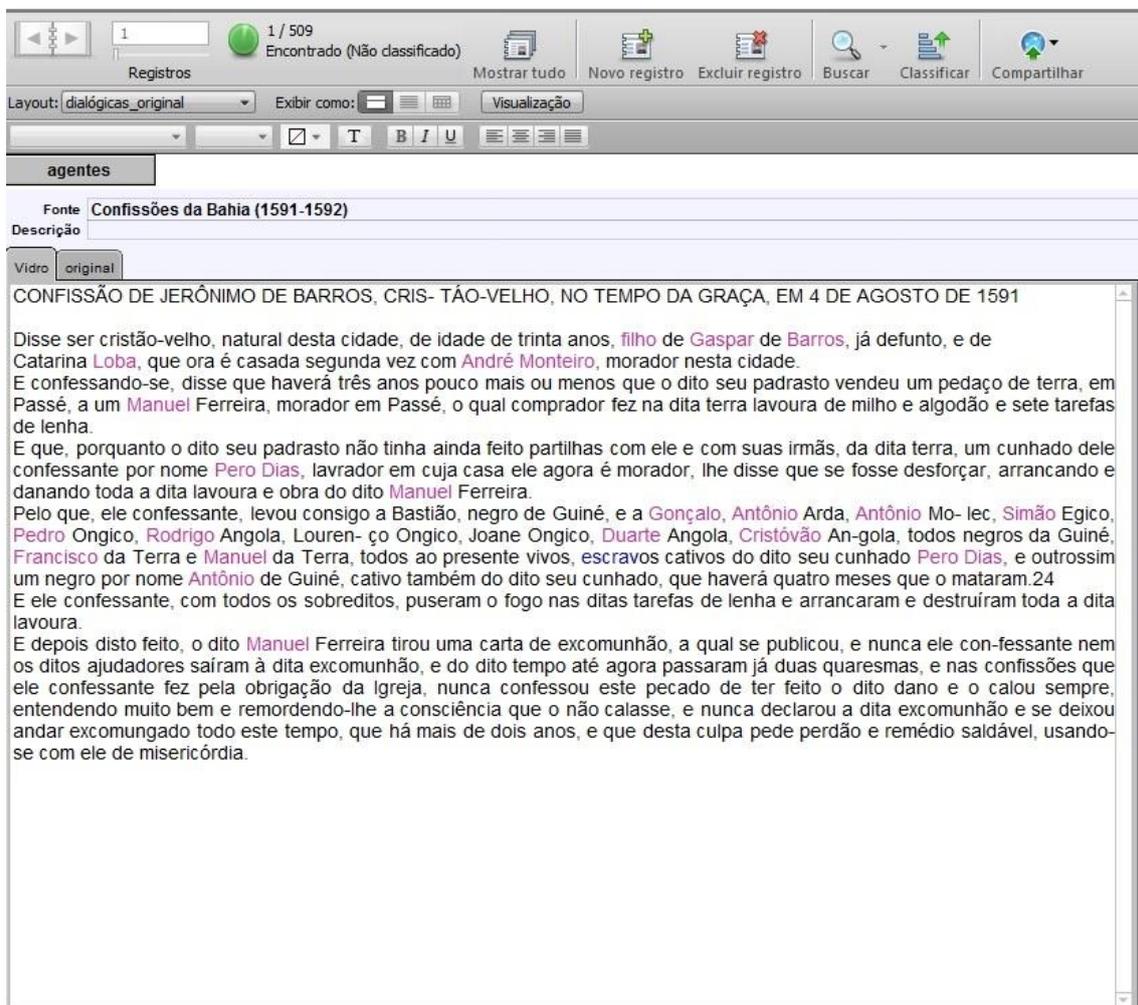


Figura 2 - Aproximação do campo que contém o conteúdo dos relatos.

Com os documentos já transcritos, realocamos toda a informação adquirida neste campo que diz respeito ao conteúdo das informações. Nele, podemos ler o documento na íntegra, destacar informações relevantes para a pesquisa e outras atribuições. Na figura 2, podemos observar como o documento chega até nós e os destaques que são dados a fim de facilitar a visualização dos dados mais quistos. É importante lembrar também que todas as palavras que buscamos dentro dos documentos são palavras que já

Pessoa 1	Local 1	Pessoa 2	Local 2	Pessoa_assunto	Local 3	INTENSIDADE	Quando (em meses)
Victoria de Bairros	cidade	cidade	Alvaro Sanchoes			1	72/84
Victoria de Bairros	cidade	cidade	Paulo de Bairros	em Pasé na	Passé	2	72/84
Victoria de Bairros	cidade	cidade	Ana Roiz	moradora em	Matolim	3	120
Victoria de Bairros	cidade	cidade	Violante Antunes			3	36/48

Figura 4 - Aproximação de campos criados

Neste agrupamento específico, foram criados campos que permitirão a construção de futuros mapas que trarão a visualização do nosso objeto. Apenas com estes dados, conseguiremos aferir relações e espaços a partir do uso de Sistemas de informações Geográficas – SIG. Visualizando o objeto desta maneira parece mesmo um pouco complicado, todavia, está é também a matéria prima para podermos enxergar espaços e deslocamentos na forma de mapas. Vejamos estes de forma separada.

Pessoa 1: Este campo diz respeito ao nome da pessoa que está testemunhando. Tal informação está sempre disponível nos depoimentos, é possível inferir que há uma obrigatoriedade em denominar a pessoa interrogada.

Local 1: Este campo refere-se ao local de moradia da pessoa 1, ou seja, o interrogado. Esta também é outra regularidade encontrada nas fontes, a testemunha se apresentava e dizia de onde era natural e em que local residia. Nos documentos analisados nesta pesquisa sempre apareceu de alguma forma o local de moradia ou a naturalidade da pessoa interrogada.

Pessoa 2: Já este campo refere-se à pessoa denunciada na fonte. Tal campo é específico para os documentos categorizados como "denúncias". Todas as fontes que se encaixam nessa categoria falam sobre a denúncia e a quem esta é dirigida. Geralmente o denunciado é assinalado no começo do documento, com um título de "contra fulano". As vezes as denúncias não são feitas utilizando o nome da pessoa e sim por uma característica forte conhecida desta ou por uma alcunha. Outra utilização possível da Pessoa 2 é por meio de uma variação na intensidade. Quando trabalha-se com a intensidade 2, o campo deixa de ser sobre os dados da pessoa denunciada e torna-se os dados sobre a pessoa que passou as informações ao interrogado. Há diversos casos em que o interrogado denuncia uma pessoa por causa de conhecimentos obtidos por meio de uma conversa que teve com outro agente. Neste caso, o denunciante recebe uma informação indireta sobre um acontecimento, ou seja, aquela informação que está sendo

repassada para o Santo Ofício veio de uma outra pessoa. Quando isso acontece, é catalogado os dados dessa segunda pessoa de forma que possamos saber por onde a informação está circulando.

Local 2: Este campo é relativo ao local de moradia da pessoa 2, podendo ser do denunciado ou do interlocutor da denúncia. Na maioria dos casos esta informação está presente. Todavia, encontramos também documentos em que não foi possível localizar este dado.

Pessoa_assunto: Este campo está diretamente ligado à Pessoa 2 e relaciona-se à pessoa que é denunciada no documento. Este campo só aparece quando há uma terceira pessoa envolvida na denuncia, desta forma a Pessoa assunto é obrigatoriamente o ser humano que está sendo denunciado.

Local 3: Este campo faz referência ao local de moradia da pessoa-assunto, ou seja, do agente denunciado que é tema de conversa entre o interrogado e outra.

Quando (em meses): Esta informação se refere ao tempo em que o fato ocorreu. Geralmente este dado não vem de maneira uniforme e é quase sempre impreciso. Todavia, tentamos estabelecer uma mensuração que possa representar o dado obtido. Escolhemos representá-la em meses devido a facilidade em quantificar os dados diversos.

Intensidade: O campo intensidade foi criado para aferir os níveis das informações faladas pelos depoentes. Estes níveis de informações estão separados em: Informação direta (Intensidade 1); informação indireta ou de segunda mão (Intensidade 2) e de "fama pública" (Intensidade 3) – tal definição é originária da própria documentação.

As *informações diretas* consistem em informações de experiências do próprio interrogado. Estas informações indicam que o testemunhante viu ou participou do acontecimento que está denunciando. Não necessariamente participando como atuante da heresia relatada aos inquisidores, mas como alguém que viu o fato ocorrer. Seria este uma testemunha ocular.

Já a *informação indireta* ou de segunda mão consiste em informações que são repassadas por outro agente. Neste caso, o interrogado está denunciando algo sobre uma

pessoa que ouviu da boca de terceiros. Nesse caso, a segunda pessoa quase sempre é especificada e citada na fonte.

A informação representada por **fama pública** consiste em um conhecimento que teoricamente é compartilhado por todos sobre um relato. Este é um evento de conhecimento público daquela sociedade segundo os depoentes, ou seja, todos detém informações do fato citado na denúncia. Normalmente este evento vem sempre com a expressão é do *conhecimento de todos* ou *ouvir dizer em fama pública*.

Apresentado de uma forma minuciosa, assim está formado o nosso banco de dados tanto para o recolhimento de informações como para o uso destas informações em outras formas, como mapas por exemplo. Dito isso, a funcionalidade deste banco de dados se dá dessas duas maneiras. Em um primeiro momento ele organiza todas as informações que precisamos da fonte e, em seguida, nos dá base para análises que ocorrerão por toda esta pesquisa.

A partir disto, portanto, dividimos este estudo em cinco capítulos. O primeiro capítulo dedica-se a descrever o cenário cujo qual será analisado por toda esta dissertação. Sob os olhares de Gabriel Soares de Sousa e dos próprios testemunhantes presentes no livro do Santo Ofício, conheceremos um pouco sobre o recôncavo baiano a partir da perspectiva destes agentes históricos. Descrições estas que podem ser divididas em duas maneiras: uma geográfica e outra social.

No segundo capítulo a discussão gira em torno do Social Network. Nesta parte são apresentadas vertentes do que chamamos *redes sociais*. Explicamos um pouco acerca do que foi esse movimento, e damos destaque a discussões de alguns autores que são pertinentes para o entendimento desta pesquisa.

O terceiro capítulo se preocupa em realizar um panorama historiográfico acerca do contexto histórico que estamos lidando. Neste estão contidas historiografias clássicas que passam por nossa análise de alguma forma. Intentou-se nesta parte aproximar o leitor das discussões que já foram feitas referente ao nosso espaço e contexto histórico. Para mediar esta conversa, trazemos o caso de Fernão Cabral de Taíde como um comparativo dentro destas historiografias. Por ser um acaso que une tantos as citadas historiografias como a nossa própria pesquisa, nos preocupamos em analisar como estes historiadores trabalharam este caso, na tentativa de encontrar tanto semelhanças como disparidades.

O quarto capítulo se destina a diversas "medições" sociais que podemos apreender analisando o nosso objeto. A partir da tabulação de dados, e de análises de categorias, pôde-se enxergar alguns aspectos que fazem parte da estrutura da sociedade em questão. Aspectos que estão diretamente relacionados com atribuições religiosas; de naturalidade e de idade, demonstrando como estaria organizada a estrutura social do recôncavo. Tudo isto feito a partir do uso do Sistema de Informações Geográficas, que permitiu separar o nosso objeto por categorias, e demonstrá-lo visualmente.

E, por fim, mas não menos importante, no ultimo capítulo analisamos os casos mais intimamente, observando o que podíamos extrair através do cruzamento de dados destas fontes. Sabemos que o livro do Santo Ofício foi escrito a fim de reunir todas as denúncias de heresias relatadas nos períodos de Visitação dos Inquisidores, todavia, pudemos enxergar pequenos fragmentos que nos da a incidência de formação de pequenas redes, algo que na leitura da fonte passa despercebido, mas analisando os casos, e observando quem se relaciona com quem, pudemos apreender o nosso objeto. Ou seja, as relações do mundo dos escravizados e sua dispersão geográfica. Vejamos agora o recôncavo Baiano por meio destas fontes.

Capítulo 1 - O recôncavo baiano através dos processos Inquisitoriais

*Diz ser natural desta cidade; morador em Pasé; Ouviu dizer que em Matoim*⁵. O que as fontes inquisitoriais podem nos dizer acerca do espaço do Recôncavo Baiano? Em um primeiro momento, já podemos compreender que a tanta repetida *cidade* refere-se à *Cidade de Salvador*, o núcleo do recôncavo baiano. Jerônimo de Barros, por sua vez, disse que seu Padrasto, André Monteiro, que é morador na *Cidade de Salvador*, vendeu um pedaço de terra a um Manuel Ferreira em *Pasé*, o qual fez uso desta terra para o cultivo de milho e algodão. Se analisarmos esses pequenos detalhes que a fonte nos traz, podemos perceber *Pasé* inserida no cultivo. O que não é nenhuma novidade para o contexto Rural que a Bahia vivia naquele momento. Contudo, temos outros autores que também discorrem sobre o que era o Recôncavo naquele momento.

Gabriel Soares de Souza, por exemplo, no *Tratado Descritivo do Brazil em 1587* faz uma descrição do cenário "baiano" da época. São 195 capítulos dedicados apenas à descrição da Bahia, detendo-se sobre a fauna, flora e a geografia do lugar. Tiago Luís Gil, em sua pesquisa: *O Império Marítimo Baiano: uma cartografia da produção na obra de Gabriel Soares de Souza (1587)*⁶, remonta as descrições de Gabriel Soares de Souza com o uso do Sistema de Informações Geográfica, trazendo-nos uma visualização do espaço geográfico do Recôncavo Baiano que não é tão perceptível somente através da descrição feita pelo autor suscitado. Para Gil – e também para nós – o espaço descrito por Gabriel Soares de Souza retoma a um Recôncavo significativamente integrado em termos regionais, devido a sua produção agrícola. O que detinha também uma ocupação não tão interiorana. Vejamos o espaço na forma de mapa

⁵ Transcrições de trechos comuns encontrado nos processos Inquisitoriais da Cidade da Bahia.

⁶ GIL, 2016

Legenda
○ locais
■ oceanos



Figura 5 - Mapa vetorizado das localidades da Capitania da Bahia no século XVI.

No tocante as informações que conseguimos retirar das fontes e um pouco do que Gabriel Soares de Souza descreve, este é o recôncavo Baiano em fins do século XVI. Uma área composta por ilhas, em especial, a mais famosa delas que é a de Itaparica, onde a produção de madeiras, roças e pescaria se destaca⁷ e regiões costeiras a Baía. As cidades que mais aparecem em nossas fontes são: Pirajá, Rio do Joanes, Rio Vermelho, Paripe, Matoim, Pasé, Paraguaçu, Jaguaripe, Cachoeira, Tasuapina, Cidade de Salvador, sendo estas quatro ultimas extremidades da Baía. Estas são as localidades onde mais encontramos incidências, seja de heresias, residências ou menções de pessoas relacionadas à Visitação do Santo Ofício.

Vamos conhecer um pouco mais sobre estas localidades, a respeito do que diz *Gabriel Soares de Souza* e as próprias fontes.

No que se refere a *Salvador*, Gabriel Soares de Souza é bastante detalhista e descritivo. Diz que a cidade está situada na Bahia de todos os Santos, uma légua da barra para dentro, num alto com o rosto ao poente. Diz ter nesta cidade mais ou menos oitocentos vizinhos. No recôncavo, pode-se contar com mais ou menos dois mil

⁷ GIL, 2016. p 213

vizinhos. No meio da cidade de Salvador há uma honesta praça, onde corre os touros quando convém. Na parte sul da cidade, encontra-se nobres casas onde se agasalham os governadores. Na parte norte, há casas do negócio da Fazenda, Alfândega e armazéns. Na parte leste, está localizado a casa da Câmara, Cadeia e casas de moradores. Esta praça está no mesmo quadro onde se localiza também o Pelourinho, situado mais ao centro. Na banda do poente, está desabafada com uma grande vista sobre o mar, onde se assenta algumas peças de artilharia *grossa*. Dos cantos da banda desta praça, descem dois caminhos em voltas para a praia. Um caminho da banda do norte, desembarcadouro de pessoas dos navios; e o caminho do sul que é serventia para Nossa Senhora da Conceição, onde se localiza o desembarcadouro geral das mercadorias. Ao norte da praça, está uma famosa rua de mercadores⁸.

Já sobre o que diz as fontes inquisitoriais, Salvador - que é designada como *cidade* - é a campeã de incidências envolvendo denúncias e confissões à mesa do Santo Ofício. Diversos são os casos e as heresias. Como exemplo, temos a confissão do cônego Jácome de Queiróz, mestiço, de idade de quarenta e seis anos. E confessando-se, disse que a mais ou menos sete anos antes da data do seu testemunho, levou a sua casa uma moça mameluca que então seria de idade de seis ou sete anos, escrava cativa de Ana Carneira e corrompeu a dita moça pelo vaso natural. Confessou ainda que corrompeu pelo vaso natural outra moça, sua escrava, por nome Esperança, que ora está casada⁹.

Temos ainda a denúncia de *Mathias Moreira*, que diz ser cristão velho, natural de Lisboa e morador nesta cidade. E denunciando, disse que três meses antes da data do seu depoimento, entraram dois negros no Colégio da Companhia de Jesus para cometer furtos. Sabe que um deles se chama *Joane da Guiné*, escravo de *Bastiam de Faria*; e outro *negro da Guiné* cujo nome não se sabe, mas tem uma perna inchada e é escravo de *Guiomar Fernandes*. Prendendo os ditos negros no Colégio, o escravo da perna inchada disse que o *Joane da Guiné* o trouxera ali e que cometia com ele o pecado nefando. Quando tudo isto aconteceu, estava presente um Padre da Companhia por nome *Joam Roiz*, que não sabia a língua dos escravos. Soube-se que o dito Joane - que antes era escravo do Colégio - cometia o dito pecado nefando com outro *negro da Guiné*, por

⁸ Gabriel Soares de Souza 1573 p: 134

⁹ PVB-C-1590-024

nome de *Duarte*, escravo também do *Colégio da Companhia*, e que por essa causa, os padres tinham vendido o dito *Joane à Bastiam de faria*¹⁰.

Do que diz respeito ao *Rio Vermelho*, Gabriel Soares de Souza a descreve como uma Ribeira que vai de encontro ao mar, onde se pode desembarcar com tranquilidade. Em seu interior, pode-se encontrar *uma grossa fazenda* pertencente aos Padres da Companhia, onde há também casas de refrigério e uma ermida onde os Padres realizam missas¹¹. Assim como Salvador, Rio Vermelho também é palco de denúncias e confissões perante ao Santo ofício. Podemos encontrar cerca de 15 casos que envolvem Rio Vermelho como cenário das heresias, ou como moradia de denunciante. A título de exemplo, é lá que podemos encontrar *Paulo Afonso*, cristão velho e natural desta capitania, morador em Rio Vermelho. *Paulo Afonso* denuncia *Pero Garcia*, morador nesta cidade, pelo pecado nefando de Sodomia junto ao mulato forro *Joseph*. Que tem por verdade a palavra de duas negras cativas de *Pero*, *Inês* e *Juliana*, que viram o caso acontecer¹².

Temos ainda a confissão de *Guiomar Piçarra*, cristã velha natural de Portugal, casada com *Manuel Lopes*, ambos moradores na ilha de Itaparica. E confessando-se disse que quando era moradora no Rio Vermelho, na casa de *Antônio Rodrigues*, juntou-se com uma *Negra da Guiné* por nome *Mécia*, as suas naturas e vasos dianteiros, assim como se deleitava o homem com uma mulher. Acusada de sodomia pelo Inquisidor, foi-lhe perguntada se não sabia que o fato se caracterizava como um pecado mortal e de grande ofensa a Deus. *Guiomar* se inocenta da acusação sob o julgo de que não era do seu conhecimento. Questionada ainda pela Inquisidor, *Guiomar* disse no dia em que ocorria o seu testemunho, que *Mécia* era moradora desta cidade e se encontrava casada com um negro Alfaiate dos Padres do Colégio, exercendo também a mesma profissão. Da qual ainda era amiga¹³.

Já sobre *Pirajá*, Gabriel Soares de Souza faz algumas descrições atentando-se principalmente ao Rio Pirajá, que segundo ele, é muito farto de pescados e mariscos, abastecendo a cidade e fazendas vizinhas que sempre estão com sete ou oito barcos de pescar com redes. Entrando pelo esteiro e observando a terra firme, pode-se encontrar

¹⁰ PVB-D-1590-125

¹¹ Gabriel Soares de Souza, 1573 p:73

¹² SVB-D-1618-006

¹³ PVB-C-1590-100

uma formosa vista de engenhos de açúcar e outras tantas fazendas formosas a vista do mar. Por longo do mar da Baía, tudo é povoado por formosas fazendas, das quais não se cansa de olhar para elas¹⁴.

Apesar de *Gabriel* descrever Pirajá com tanta beleza, podemos encontrar ainda diversas confissões e denúncias que envolvem a dita localidade. Podemos encontrar o caso de *Gaspar Rodrigues*, denunciado sob a acusação de sodomia. Em duas versões da história, podemos encontrar a confissão de *Antônio Gomes*, cristão velho, morador na cidade de Salvador. *Antônio* conta que a mais ou menos quatro ou cinco anos, houve uma denuncia contra *Gaspar Rodrigues*, que era acusado da prática do pecado nefando com *Matias, negro da Guiné*. Tinha como testemunha, *Manuel de Melo* e seu irmão *Bartolomeu de Vasconcelos*¹⁵. *Bartolomeu*, por sua vez, era cônego da Sé e também testemunhou sobre o caso. Em seu relato, *Bartolomeu*, diz que *Gaspar Rodrigues* serviu ao seu irmão, *Manuel de Melo*, em sua fazenda em *Pirajá*. E, estando o dito cujo na fazenda de seu irmão, o *negro da Guiné* que agora está em posse de sua cunhada em *Jaguaripe*, disse a ele que o denunciado pecava com ele no dito pecado nefando. Disse ainda que *Gaspar Rodrigues* o forçava a fazer isso, até quando se cansou e fugiu.

Temos ainda, casos mais cotidianos, como a confissão de *Antonio de Serpa*, lavrador, cristão velho, natural da cidade de Porto, todavia, morador em *Pirajá*. Que confessou sua culpa em comer carne de caça em dia de jejum, enquanto ia a casa de seu pai. Fora repreendido por *João Ribeiro* mas comeu sem culpa e sem necessidade. E por isto, pede perdão.

Com relação a *Paripe*, *Gabriel Soares de Souza* nos conta que há um porto, cujo espaço chama-se Praia Grande, povoado ao longo de sua costa por muitas fazendas, igualmente formosas como as de Pirajá. Há também um engenho de açúcar que mói boi, cujo senhor chamava-se Francisco Aguilar, e um outro de Vasco Rodrigues Lobato, do qual era cercado de canaviais de açúcar, onde era produzido muitas arrobas. *Gabriel* ainda diz que do Porto de Paripe, a terra vai afeiçoando-se como uma ponta lançada ao mar, onde a uma légua dali, está construída a Ermida de São Tome. Segundo o autor, toda a terra por ali é fresca, com frutas da Espanha e da Terra¹⁶.

¹⁴ Gabriel Soares de Souza, 1573 p:147 e 148

¹⁵ PVB-C-1590-027

¹⁶ Gabriel Soares de Souza, 1573 p 147

Nos documentos do Santo Ofício, diversos são os casos em que Paripe serve de cenário para denúncias e confissões. *Maria d'Oliveira*, por exemplo, cristã velha natural da terra da Feira bispado do Porto, residente em Paripe, denuncia uma negra da terra, pertencente à *Joam Fernandes* –ferreiro e morador também em Paripe – de zombar dos cristãos brancos, imitando uma hóstia com um papel e segurando em suas mãos assim como o Deus dos brancos fazia. Sabe-se disso porque a denunciante tem como testemunha *Luisa d'Oliveira*, sua irmã. E denunciou ainda que ouviu dizer que um negro da Guine, do qual ela imaginava ser *Matheus*, cristão e cativo que foi de *Balthesar Pireira* –pertencente agora à *Antonio Vaz* – de realizar feitiçarias diabólicas, adivinhando coisas e movendo tigelas de barro com palavras, fazendo-a acreditar que isto era arte do Diabo¹⁷.

Temos ainda o caso de *Joam Ribeiro*, cristão velho, lavrador e morador na freguesia de Paripe, e denunciando disse que se levantou uma santidade dos gentios em *Jaguaripe* e que Gonçalo Fernandes desapareceu por algum tempo da freguesia. Publicamente, depois foi dito Gonçalo Fernandes, tinha fugido com os negros gentios e se envolvido com cerimônias do dita Santidade¹⁸.

Sobre *Matoim*, Gabriel Soares de Souza a descreve como povoada por muitas fazenda e canaviais. Logo de início, o autor identifica alguns engenhos e discorre sobre suas características. Como exemplo, o Engenho de *Sebastião de Faria*, que mais parece uma vila, é constituído de duas moendas que lavram com os bois, de grandes edifícios, vivendas e outras oficinas. Possui também uma formosa Igreja de Nossa Senhora da Piedade. Correndo pela Ribeira do Salgado, saindo deste engenho e a meia légua dali, podemos encontrar muitas fazendas, dando destaque a uma em especial pertencente à um Deão da sé, que possui uma grande ermida de Nossa Senhora. Gabriel diz ainda que defronte à terra firme, está localizada uma ilha que pertence à Pedro Fernandes, onde vive com sua família e dispõe de uma granjearia de canaviais e roças. Partindo do Engenho do Deão, pode-se encontrar enseadas das quais dizem ser de Jacarecanga, onde está localizado também o formoso engenho de bois de Cristóvão de Barros, constituído de grandes edifícios –assim como o de Sebastião de Faria –e de uma Igreja de Santo Antonio. Saindo destas terras, podemos encontrar ainda dois Engenhos com a mesma estrutura. São os Engenhos de Tristão Rodrigo e o de Luís Gonçalves Varejão, onde,

¹⁷ PVB-D-1590-201

¹⁸ PVB-D-1590-201

respectivamente, estão situadas ermidas de Santa Ana e uma Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Já sobre o que os documentos do Santo Ofício nos contam, há uma grande incidência de casos relativos a denúncias e confissões em Matoim. *Bernaldo Pimentel*, que disse ser cristão velho e natural de Lisboa, residente no seu Engenho em Matoim, denuncia o vigário *Frutuoso Álvares*, de receber na igreja de sua fazenda, em um domingo ou dia santo, uma negra deste Brasil, escrava ou serviente forra de Fernão Pires, com outro negro também *índio* deste *Brasil*. A acusação se dava, que a dita negra já era casada com outro negro e estava agora com outro marido¹⁹.

Temos ainda a confissão do próprio Frutuoso Álvares, Vigário de Matoim, que foi até a mesa do Inquisidor Heitor Furtado de Mendonça sem ser chamado. E, confessando-se, disse que cometeu a torpeza de tocamentos [sic] desonestos com 40 pessoas aproximadamente. Abraçando e beijando. Em Cristovão de Aguiar, mancebo de dezoito anos, filho de Pero d'Aguiar, tocou com suas mãos em suas naturas, ajuntando uma com a outra e havendo a poluição por parte de Cristovão. Tocou também no membro desonesto de Antônio, moço de dezessete anos, criado ou sobrinho de Fuão Siqueira, mercador. E assim, com tantos outros moços, teve tocamentos [sic] e ajuntamento carnal com uns outros²⁰.

Já sobre *Paraguaçu* – que é marcado pelo Rio Paraguaçu – Gabriel Soares de Souza diz que este é um Rio muito caudaloso. Olhando sobre a mão direita, o rio faz um recôncavo muito formoso de três léguas, do qual chamam de Uguape. Olhando sobre a mão esquerda, pode-se encontrar três ilhéus despovoados, porém, cheio de arvoredos dos quais podem ser povoados. Há também uma ilha de Antônio de Paiva, que está aproveitada com Canaviais. Encontra-se também outras ilhas, em especial, a ilha da qual chamam de Ostra. Tem esse nome devido a enorme quantidade de ostras, mais de dez mil moios de cal, em que dia após dia, tira-se tanta ostra que chega a fazer espanto. Na parte em que se encontra terra boa – assim como Gabriel considera – está povoada de diversos canaviais e fazendas. No caminho que segue a Água doce do Rio Paraguaçu, encontra-se o notável e bem assentado engenho de João de Brito de Almeida, cujo

¹⁹ PVB-D-1590-170

²⁰ PVB-C-1590-001

engenho é de pedra e cal e tem grandes edifícios de casas e uma Igreja de São João muito formosa²¹.

Não são muitos os casos em que Paraguaçu aparece como contexto das denúncias. Todavia, ainda podemos achar alguns, como a confissão de Andresa Rodrigues, cristã velha, natural do Rio dos Ilhéus, casada com Antônio de Góes, moradores no termo de Paraguaçu. Confessando-se, disse que estando ela em sua casa, uma negra da terra por nome de Felipa disse certas coisas ruins do seu cunhado, Manuel Góes. Disse então que a dita negra falava tanto a verdade como fala o Evangelho de São João. E por blasfemar, pede perdão²².

No tocante a *Jaguaripe*, Gabriel Soares de Souza nos diz que este território é grande como o Douro, todavia, mais aprazível na frescura. Junto de uma cachoeira está um engenho de água de Fernão Cabral de Ataíde. Uma obra muito formosa com nobres edifícios de casas de vivenda, uma igreja de São Bento muito bem acabada, e o qual engenho está feito nas terras del-rei que estão livres de todo o foro que costumam por os capitães. Abaixo do Engenho de Fernão, vive alguns moradores que possuem roças e canaviais ao longo do rio²³. Jaguaripe, para nós, é tão interessante devido ao destaque feito tanto em Gabriel Soares de Souza como nas fontes da inquisição. O destaque é concentrado em Fernão Cabral de Ataíde. Um personagem conhecido tanto de Gabriel como da população do recôncavo no contexto histórico em questão. Se fossemos ranquear quem mais é mencionado nas denúncias que chegam até a mesa do Santo Ofício, Fernão Cabral com certeza estaria em primeiro lugar. Isto porque a sua heresia tornou-se do conhecimento de todo o recôncavo. É possível achar menções sobre o famoso caso de Fernão Cabral por todas as localidades que preenchem o recôncavo. Vejamos então a confissão de Fernão Cabral perante a mesa do Santo Ofício.

Fernão Cabral de Ataíde dizia ser cristão velho, natural da cidade de Silves no Reino de Algarve, filho de *Diogo Fernandes Cabral* e de sua mulher, dona *Ana d'almada*. Era casado com dona Margarida da Costa e morador na sua fazenda em Jaguaripe. E quando se confessou disse que a mais ou menos seis anos antes do seu testemunho, levantou-se uma nova seita dos gentios, havendo um gentio que era chamado de papa e uma outra gentia que se chamava mãe de Deus. Tinham um ídolo do

²¹ Gabriel Soares de Souza 1573 p 154 e 155

²² PVB-C-1590-097

²³ Gabriel Soares de Souza 1573 p 157

qual chamavam de Maria, que era uma figura de pedra, sem feição aparente. Os Gentios adoravam essa figura e rezavam certas coisas. Tinham também uma casa da qual chamavam de igreja, onde penduravam tábuas com alguns riscos dos quais diziam que eram contas bentas, contrariando assim culto divino dos cristãos. Fernão então ordenou que pessoas com armas trouxesse do sertão esses gentios, deixando apenas o gentio que era chamado de papa por lá. Permitiu também que os gentios se apresentasse em sua fazenda e construíssem sua igreja, onde seria realizado suas cerimônias. Certa vez, Fernão resolveu ir até a dita igreja e honrou e tratou bem os gentios, já que não achava que deveria lhes fazer mal. E assim seguiu por três meses, até que o *Governador Manuel Teles Barreto*, mandou-o derrubar de sua fazenda a dita igreja dos gentios. Fernão então assim fez, e entregou também ao Governador os gentios e seus ídolos²⁴.

Do que diz respeito à *Itaparica*, Gabriel Soares de Souza nos diz que Itaparica é uma ilha de sete léguas de comprimento. O governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa, deu como sesmaria à D. Antônio de Ataíde, primeiro conde da Castanheira. À barra ao Oeste de Itaparica chama-se Jaguaripe devido ao homônimo do Rio. Há um canal estreito por onde navegam e entram caravelões [sic] da costa e barcas dos engenhos, todavia, isso tem de ser feito com o tempo bonançosos, pois com marulho não é possível enxergar o canal. Quem se aventura cometer a barra de Jaguaripe com o tempo fresco e tormentoso corre grande perigo²⁵.

O que as fontes inquisitoriais nos traz acerca de Itaparica são casos mais corriqueiros, como por exemplo, a confissão de Maria Pinheira, cristã velha, natural desta cidade, casada com João d'Aguilar, moradores em Itaparica. Confessando-se, disse que a mais ou menos três anos antes do seu testemunho, em casa de Gaspar Nunes, cristão novo e também morador em Itaparica, estavam ela, Guiomar Piçarra, Ana Alveola – mulher de Gaspar Nunes – e Maria Nunes, todas vizinhas e amigas. Maria mandou que Ana Alveola merendasse um tatu, que é caça do mato, comendo em um sábado ou sexta feira, sem terem a necessidade de comer carne²⁶.

Em suma, este é o cenário com o qual estamos lidando. Através das descrições feitas por Gabriel Soares de Sousa e a partir dos livros do Santo Ofício, podemos compreender um pouco a forma como o recôncavo baiano se constituía na época em

²⁴ PVB-C-1590-006

²⁵ Gabriel Soares de Souza 1573 p 142

²⁶ PVB-C-1590-102

questão. É importante salientarmos que tais fontes nos dão duas ambientações diferentes, das quais pode-se classificar como sendo uma geográfica e outra social. Gabriel – que embora não deixe de fazer as duas coisas – nos remete mais ao âmbito geográfico, e as denúncias e confissões ao âmbito social. Ter em mente estes dois vieses, nos dá margem para compreender dinâmicas que – em um primeiro momento – se separam por se tratarem de modos de análises diferentes, mas também se unem, visto que estes dois elementos também se cruzam. A primeira vista, podemos perceber uma descrição geográfica minuciosa, que segue o desenho natural do recôncavo partindo de Salvador, até a localidade à seu extremo oposto, Jaguaripe. Descrição esta que já pincela pequenos demonstrativos da presença do âmbito social, como a menção a Fernão Cabral de Taíde e seu formoso Engenho em Jaguaripe. Em um segundo momento, contamos com as relações sociais propriamente dita, onde há a menção não mais da geografia como um primeiro plano, mas de dinâmicas sociais que ali se mostrariam com a presença Inquisitória na Cidade.

A união destes fontes e destes três elementos, sendo estes a geografia; o social e o contexto histórico nos deu base para irmos um pouco além das fontes, a fim conhecermos uma Bahia a partir da sua dinâmica social. Vejamos

Legenda
 ○ locais
 — Ligações simples
 ■ oceanos

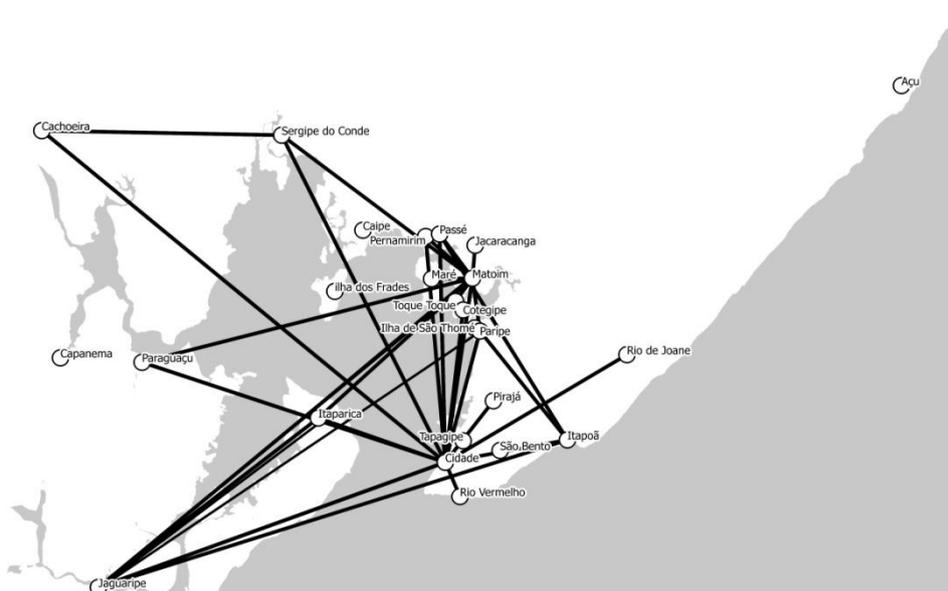


Figura 6 - Mapa Vetorizado representando a geografia e as relações sociais do recôncavo como um todo.

Esta figura representa o cruzamento destes três elementos interligado por todas as menções feitas entre estes agentes que foram possíveis captar através do livro de denúncias de 1591 do Santo Ofício. Esse mapa nos mostra um pouco da dinâmica social daquela sociedade. Em um primeiro momento, podemos ver que tanto a *geografia* – em questão de localidades – como o *social* se interliga por todo o recôncavo. Todas essas ligações representam conexões entre pessoas em algum nível de intensidade a partir dos relatos da Inquisição. Cada linha desta representa que determinada pessoa moradora em Jaguaripe, por exemplo, denunciou uma pessoa que reside em Salvador. Ou ainda que esta pessoa denuncia uma terceira que reside em Matoim, mas ficou sabendo por meio de outro agente que mora em Salvador. Todas essas conexões nos mostram interações de agentes pelo recôncavo Baiano. Notoriamente, podemos perceber que o recôncavo se mostra integrado. Embora essa integração não seja uniforme em suas relações, todos os espaços parecem dialogar entre si. Vejamos este outro por intensidade e notações observadas a partir das anotações de Gabriel Soares de Sousa.

Legenda

- locais
- Ligações com intensidades
- 1 - 3
- 3 - 6
- 6 - 8
- 8 - 10
- 10 - 28
- 28 - 36
- 36 - 156
- ▶ reconcavo Engenhos
- ⊥ reconcavo Igrejas rurais e hermidas
- oceanos

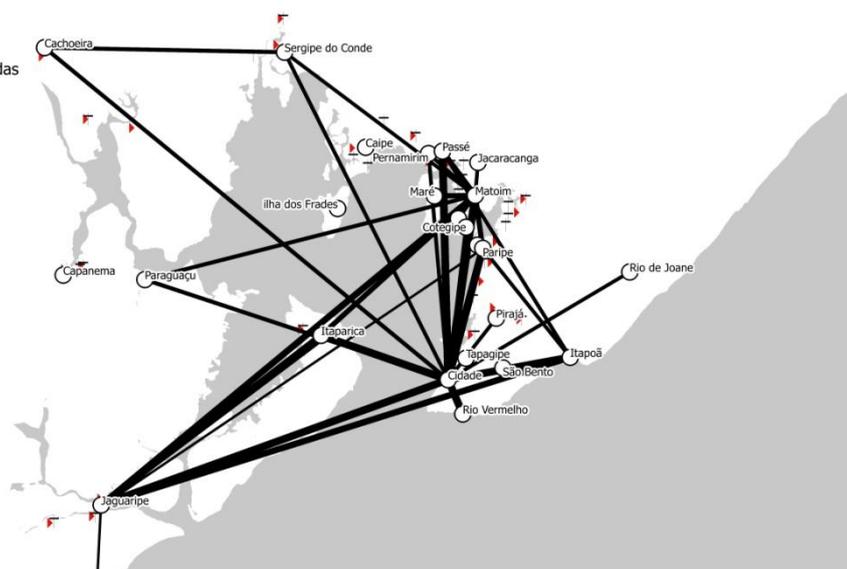


Figura 7 - Mapa vetorizado de acordo com a intensidade dos casos (em número de casos)

Podemos ver que as conexões que se mostram mais intensas é onde se concentra também o maior número de pessoas. Se encararmos como uma questão demográfica, Matoim, por exemplo, é uma região que está cercada por Engenhos, e nas anotações de Gabriel Soares de Sousa, ela concentra uma boa dedicação de descrições. Nos livros do santo ofício, ela é também uma das cidades que mais aparecem dentro dos testemunhos.

E é sobre estes dois âmbitos que a nossa pesquisa irá se debruçar. Voltemos aqui aos três pontos enumerados no início da introdução desta pesquisa. No primeiro ponto, temos um espaço que – já descrito por Gabriel e pelo Santo Ofício – se constitui de diversas maneiras, em que cada um conta com a sua singularidade. No segundo ponto, da mesma forma, encontra-se diversos tipos de agentes, ora mencionados por Gabriel, mas em peso, as informações sobre isso sempre vem das denúncias. E por último, temos a visita Inquisitorial à cidade da Bahia, que se mostra tanto como um contexto histórico desta pesquisa, como um laço que une os dois âmbitos retratados acima. Embora a nossa preocupação não seja a Inquisição, é através dela e da sua historicidade que

podemos unir estes dois pontos e realizarmos a análise que se seguira nos capítulos consequentes. Analise esta que se dedica em retratar uma nova visualização e reconstituição deste recôncavo que acabamos de apresentar, que se faz realizável a partir do cruzamento destas duas geografias mostradas aqui.

Com isso, demonstraremos nos próximos capítulos um recôncavo um pouco diferente do que vimos até agora, em que, só as descrições feitas por Gabriel Soares de Souza e pelos livros do Santo Ofício não nos dão. Mostraremos um recôncavo que, embora esteja conectado por todas suas localidades, não se demonstra homogeneamente integrado. Suas ligações se dão pelas mais diversas interações sociais, e acontece de maneiras diferentes pelo território baiano, que podem ser classificadas em diversos níveis de intensidade, retraindo um pouco esse aspecto estático e desenvolvendo uma visualização mais próxima da maneira como acontecia, com dinâmica. Entretanto, antes de entrarmos nestas demonstrações, precisamos nos dedicar em discussões que irão se mostrar bastante proveitosas para a nossa análise. Sigamos para o próximo capítulo com a apresentação e discussão do *social network*

Capítulo 2: Um debate sobre "redes"

Neste presente capítulo será discutido um pouco mais a fundo debates teóricos que possam ajudar a pensar o nosso problema. Visto que estamos considerando a *mobilidade geográfica escrava* como um problema de pesquisa, não poderíamos deixar de relacionar este objeto com uma boa fundamentação teórica. E, para isto, iremos explanar a *mobilidade* relacionada a *análise de redes sociais*. A hipótese para que esta junção seja feita é a de que a circularidade dos escravizados pelo território da Cidade da Bahia acontece a partir de um *social networking* que é construído sob uma *circularidade de informações* que estabelece ligações negociais entre os escravizados com os outros agentes daquela sociedade. Discutiremos, primeiro, acerca das redes sociais.

Segundo *John Scott*, a construção da base do *social network* ou simplesmente *redes sociais*, contém três vertentes principais em que se discutem e divergem suas principais linhas de pensamento acerca do tratamento com o *social network*, são elas: a chamada *Sociometric analysts*; e as escolas, *Harvard Researchers of the 1930s*; e *Manchester Anthropologists*. A respeito da primeira, esta foi construída em 1930 por emigrantes alemães que estavam realizando pesquisas nos Estados Unidos em Psicologia social e cognitiva sob a influência da teoria *Gestalt* de Wolfgang Köhler (1968). A partir de preocupações com a *dinâmicas de grupos* e a *sociometria* – que remetem a pensamentos influenciados pela teoria *Gestalt* – os alemães se detiveram em analisar a estrutura de grupos e o fluxo de informações e ideias através de grupos. Chamado pelo o autor deste texto de "escolas", os ditos *Havard researchers* e *Manchester Anthropologists*, sofreram influência das ideias do Antropólogo Britânico *Radcliffe Brown*. Embora tenham sofrido a mesma influencia, suas análises se divergem. Seguindo a primeira escola, estes acreditam na importância de relações informais e interpessoais dentro da estrutura social; os respectivos estão preocupados com a análises de conflitos e contradições.

A chamada *Sociometric analysts* teve uma maior difusão a partir de estudos – como dito – de teóricos da sociologia e da psicologia alemã. Pode-se dizer que Jacob Moreno foi quem iniciou esses estudos sob influência alemã nos Estados Unidos, realizando pesquisas para observar como a relação de grupos de pessoas serve como

limitações e oportunidades para suas ações e para o seu desenvolvimento psicológico pessoal. Sua hipótese se concentra na idéia de que o bem estar psicológico das pessoas está relacionado com características estruturais do que ele chama de *social configuration*. Estas configurações são resultados de padrões concretos de escolhas interpessoais, atrações, repulsões, amizades, e outras relações nas quais as pessoas se envolvem²⁷. A inovação que faz destaque ao seu nome é caracterizada como *sociograma*, na qual Moreno defende ser um meio para representar as propriedades formais da configuração social. O *sociograma* se constitui, então, de diagramas parecidos com as da Geometria espacial, onde os indivíduos são representados por pontos e suas relações sociais são representadas por uma linha que interliga estes pontos.

Moreno acredita que a *social configuration* tem estruturas bem definidas e discerníveis. Mapeando essas estruturas em *sociogramas*, por exemplo, um pesquisador pode observar os canais por onde a informação flui; como as pessoas podem influenciar as outras; a identificação de "líderes" ou indivíduos isolados; assimetria e reciprocidade e correntes de conexão. Há ainda – dentro da *sociometric analysts* – outros pesquisadores que trouxeram a matemática aplicada à dinâmicas de grupos para entender melhor como estas eram formadas. Scott disserta sobre esse campo a partir da definição dada pelo pesquisador, Kurt Lewin, no qual acredita que:

*The aim of "field theory" is to explore, in mathematical terms, the interdependence between group and environment in a system of relations[...]*²⁸

Entretanto, Scott defende que a tradição da *Sociometry Analysis* se concentra em descobrir maneiras de desmembrar redes sociais em suas divisões sub-grupais, e entende-las cada uma separadamente em suas devidas características.

Por sua vez, os ditos *Harvard reseachers*, perpassam também por esta ideia de decomposição das estruturas sociais para uma melhor análise destas. Não é retratado se estes sofrem influência da teoria alemã tais como os responsáveis pela *sociometry analysts*, mas suas linhas de pensamentos caminham junto para o entendimento da existência de sub-grupos coesos configurados a partir de uma estrutura social. Nesta

²⁷ SCOTT, 2000 p: 9

²⁸ SCOTT, 2000 p: 11

linha de pensamento, os pesquisadores – por meio de investigações sobre relações informais em larga escala – entendem que sistemas sociais detêm grupos coesos na sua estrutura. Suas contribuições se concentram na tentativa de compreender técnicas que possam revelar a estrutura destes sub grupos.

W. Lloyd Warner, segundo John Scott, foi um dos pioneiros nomes a contribuir, a partir desta linha de pensamento, acerca do social Network. Influenciado conjuntamente por Elton Mayo e Radcliffe-Brown, esse e Warner foram requisitados para realizar uma pesquisa a fim entender o porquê da produtividade de uma fábrica aumentar independente das alterações que pudessem serem feitas sob a condição de trabalho dos trabalhadores daquela fábrica. Mayo entendeu que a preocupação dos responsáveis pela fábrica com a qualidade do ambiente de trabalho de seus empregados, incentivou os mesmos a se envolverem com mais aptidão com suas funções, pois isto representava uma relação de pertencimento e integração com a vida fabril. Para analisar isto, Warner concluiu que o uso de *sociogramas* poderia dar um maior entendimento sobre a estrutura deste grupo²⁹. Todavia, puderam perceber apenas a divisão entre grupos já detectada e os resultados não foram suficientes. Em outra pesquisa, Warner pode perceber que – assim como Moreno – as relações entre grupos se davam através de uma rede de relações onde as pessoas interagem umas com as outras a partir da chamada *social configuration*. Dentro dessa configuração social, são desmembrados vários grupos de interações. O grupo familiar, o da igreja, o de classe etc. Estes grupos, Warner denomina como "cliques", em que sua definição consiste em:

*An informal association of people among whom there is a degree of group feeling and intimacy and in which certain group norms of behaviour have been established*³⁰.

John Scott assegura que este conceito consegue esclarecer uma configuração formada por relações informais interpessoais³¹. A partir desse conceito de "*cliques*", Warner pode perceber que dentro dessas relações informais entre os grupos, os *cliques* podem ser vistos a partir das próprias classificações destas "associações" que sugerem a formação e se vêem como um grupo onde a relação entre essas pessoas são mais íntimas e informais. Por isto, Warner defende que:

²⁹ SCOTT, 2000 p 18

³⁰ A citação original refere-se a obra: Warner, W.L and Lunt, P.S. (1941) *The Social Life of a Modern Community*. New Haven, CT: Yale University Press. E pode ser encontrada na página 110 deste livro.

³¹ SCOTT, 2000 p:20

*People are integrated into communities through "informal" and "personal" relations of family and clique membership, not simply through the "formal" relations of the economy and political system. Any person may be a member of several different cliques, and "such overlapping in clique membership spreads out into a network of interrelations which integrate almost the entire population of a community in a single vast system of clique relations"*³².

Portanto os ditos "*cliques*", são partes constitutivas de uma estrutura social. São esses grupos que dão base para a consolidação de uma rede social conectadas por ligações, que na maioria das vezes, são de características informais e interpessoais. Essa foi a maior contribuição dos ditos *Harvard researchers*.

No que tange a contribuição dos ditos Manchester *anthropologists*, estes foram – para John Scott – quem elevaram as discussões do *social network*. Ao invés de concentrar suas análises em coesão e integração, preferiram analisar conflitos e mudanças³³. Max Gluckman tinha interesses em desenvolver uma abordagem que pudesse compreender a devida atenção que, para ele, devia ser dada aos conflitos e disputas por poder que poderiam agir precisamente nas estruturas social. John Scott diz:

*A central figure at Manchester was Max Gluckman, who combined an interest in complex African societies with a concern to develop a structural approach that recognized the important part played by conflict and power in both the maintenance and the transformation of social structures. For Gluckman, conflict and power were integral elements of any social structure, and his analyses stressed the ever-present activities of negotiation, bargaining and coercion in the production of social integration*³⁴.

Sua disparidade com as demais escolas e pesquisas concentra-se justamente na "tradição crítica" através de uma mistura de abordagens antropológicas e sociológicas. Por ser concebida desta forma, é com esta escola que o *social network* ganha a forma de metodologia. Esta surge como uma necessidade de respostas às suas análises, já que

³² A citação original refere-se a obra: Warner, W.L and Lunt, P.S. (1941) *The Social Life of a Modern Community*. New Haven, CT: Yale University Press. E pode ser encontrada na página 111 deste livro.

³³ SCOTT, 2000 p:26

³⁴ A citação original refere-se a obra: BARNES, J.A (1954) *Class and Committees in a Nowergian Island Parish, Human Relations*, 7. E pode ser encontrada na página 43 deste livro.

outras abordagens não eram suficientes. É nesta junção que se começa a considerar a *web*³⁵ ou as redes de relações sociais como uma resposta às suas abordagens de pesquisa

A partir desta concepção, outros pesquisadores como Mitchel, Barnes e Bott realizaram pesquisas tendo o social network como uma metodologia. Para Scott, Mitchel foi o responsável por "*desteorizar*" – principalmente em termos matemáticos – e reaplicar como um *marco sociológico*. Diversos foram os trabalhos em que o social network agora era visto como uma metodologia de aplicação. Barnes – como já suscitado - realizou uma pesquisa por nome: *Class and Committees in a Norwegian Island Parish*, em que pode observar o funcionamento da estrutura social organizada a partir por relações de parentesco e da formação de redes. Scott diz:

*Barnes was strongly drawn to the part played by kinship, friendship and neighbouring in the production of community integration. These primordial relations were not directly tied to territorial locales or to formal economic and political structures. Instead, they formed a distinct and relatively integrated sphere of informal, interpersonal relations. Barnes claimed that "the whole of social life" could be seen as "a set of points some of which are joined by lines" to form a "total network" of relations. The informal sphere of interpersonal relations was to be seen as one part, a "partial network", of this total network*³⁶.

A pesquisa de Barnes mostra uma organização estrutural da sociedade formadas por relações pessoais e interpessoais. Não se organizavam pela localização territorial ou um sistema político formal, mas sim, por essas organizações que culminam numa grande *web* de relações sociais. Esta concepção foi base para muitos outros trabalhos, como o da pesquisadora Bott³⁷ que estudou a estrutura de parentesco através da instrumentalização do *network*. Esta idealização trazida por Mitchel, também produziu reflexões acerca de como se constituía a esfera social do *network*. A partir de um conceito em que desenvolveu, denominado como *personal order*, Mitchel diz:

The personal order is the pattern of "personal links individuals have with a set of people and the links these people have in turn among themselves". These patterns of interaction are, for Mitchell, the sphere of network analysis. Such interpersonal networks, he added, are built from two different

³⁵ *Web* em uma tradução literal quer dizer *teia*. No contexto trazido pelo autor, o termo corresponde como ligações.

³⁶ SCOTT, 2000 p: 28

³⁷ BOTT, E. (1955) *Urban Families: Conjugal Roles and Social Networks*, Human Relations, 8.

ideal types of action that combine in varying ways to form concrete interaction networks. There is, first of all, "communication", which involves the transfer of information between individuals, the establishment of social norms, and the creation of a degree of consensus. On the other hand, there is the "instrumental" or purposive type of action, which involves the transfer of material goods and services between people. Any particular action will combine elements of both of these ideal types, and so particular social networks will embody both a flow of information and a transfer of resources and services³⁸.

Com a conceitualização do *personal order*, *Mitchel* defende que esta se caracteriza como ligações pessoais que os indivíduos tem como uma série de pessoas e os links que estas pessoas também constrói entre si mesma e, assim, sucessivamente. Ao dar estes olhos, *Mitchel* entende a sociedade como uma série de ramos que se conectam entre si de diversas maneiras e níveis de intensidade, mas que acaba por formar uma estrutura que se constituí por diversas esferas, que ao mesmo tempo, são singulares. O que, ainda para o autor, esses elos interpessoais que se conectam em dois eixos principais que acabam por formar o que seria a *rede social* concreta. O primeiro eixo, remete-se ao da comunicação, onde se estabelece a transferência de informações pessoais entre indivíduos, a implantação de normas sociais e a estipulação de um consenso. O segundo eixo vem a partir de uma ação instrumental ou propositiva no envolvimento da transmissão de bens materiais e serviços entre as pessoas. Para *Mitchel*, estes dois eixos combinam elementos de ambos os tipos que resultam no estabelecimento de uma rede social que incorpora diversos fluxos de informações, serviços e recursos.

Pensando a partir da perspectiva de *Mitchel*, o nosso espaço de estudo e o contexto histórico partilha de características que nos permite analisá-lo a partir da instrumentalização do *network*. Ao nos remetermos ao contexto histórico que estamos tratando da Cidade da Bahia explicitada no Capítulo 1 desta pesquisa, podemos observar relatos presentes nos livros de Ofício da Santa Inquisição que demonstram uma sociedade interligada³⁹. Os laços que são criados entre estes se caracterizam dentro destes dois eixos que *Mitchel* descreve. Os relatos de denúncias entre a sociedade baiana, se caracterizam por diversos fatos que demonstram ou a comunicação entre os

³⁸ SCOTT, 2000 p:30

³⁹ Ver figura 6 nesta pesquisa.

indivíduos sendo elas de quaisquer intensidade, ou pela instrumentalização das ações que se davam por uma prestação de serviço ou uma dívida má resolvida. Apesar do termo "comunicação" ter um sentido dúbio, pois este pode ser interpretado literalmente como uma comunicação de fatos sem um mero sentido, nesta pesquisa e – sob a perspectiva de *Mitchel* – o significado desta ação nos remete a um elo que significa muito mais que uma mera comunicação, mas o estabelecimento de um laço.

O estabelecimento deste laço nos sugere, assim como *Mitchel* explana, um grande ninho ou *web* de conexões interpessoais que carregam em seus sentidos um grande mosaico de diversas relações que se conectam de alguma forma. Como demonstramos no nosso mapa, todas as cidades se interligam por meio das denúncias realizadas na Inquisição. Suas intensidades são precisamente diversificadas, mas nos demonstram uma sociedade fortemente interligada por meios que dão sentido a estes laços.

Ainda discorrendo sobre a perspectiva destes que consolidaram a chamada *Manchester anthropologists*, Scott discute ainda que para estes, é de forte importância a necessidade de selecionar aspectos particulares de uma rede social. O qual é classificado por *Mitchel* como "*partial network*". Quando se pretende analisar uma rede social, assim como fizeram os "teóricos" já discutidos aqui, acredita-se que deva sempre ser dada atenção a algo específico dentro de uma rede. Essa atenção pode ser desdobrada em dois níveis, em que as relações são determinadas como uma relação *ego centrada* ou "*global*". Neste primeiro "nível", as relações *ego centradas* compreendem a características de rastreio de uma determinada pessoa ou grupo para que se entenda a rede construída em volta das suas relações sociais. Já do que diz respeito ao segundo nível - que *Mitchel* denomina como "*global*" ou como *abstração* - este se compromete em dar uma maior atenção às características aos conteúdos que compõem uma rede, tais como: laços políticos, obrigações de parentescos, amizade ou relações de trabalho, por exemplo⁴⁰. Para *Mitchel*, o conjunto destes "*níveis*" resulta em relações *interpessoais* que dão a estrutura de sustentabilidade de uma *rede*. O autor segue dizendo:

⁴⁰ SCOTT, 2000 p: 31

*Interpersonal networks, Mitchel claimed, can be analysed through a number of concepts that describe the quality of the relations involved. These are the "reciprocity", the "intensity" and the "durability" of the relations*⁴¹.

Seguindo a ideia de *Mitchel*, as redes interpessoais podem ser analisadas através de vários conceitos que descrevem a qualidade das relações envolvidas⁴². Alguns destes conceitos são a reciprocidade; a intensidade e a durabilidade. Como um importante medidor destas relações interpessoais, estes conceitos descrevem o ângulo de como as redes são formadas. Para *Mitchel*, a *reciprocidade* é um forte indicativo porque ela precisa de um grau de retorno. Estabelece-se um laço a partir da reciprocidade. Uma pessoa pode escolher uma outra pessoa como amigo, todavia, esta pessoa pode não ser correspondida. Para o autor, as relações envolvem um complexo balanço entre reciprocidade e *não-reciprocidade*. A *durabilidade*, por sua vez, mede o quão duradouro são as relações bases. A *intensidade* é justamente a força da obrigação envolvida em uma relação.

Estas três conceitos são capazes de medir e de elaborar, como já suscitado, a forma de como uma rede é estruturada. Ao entendermos como as relações são formadas, como os laços se estabelecem e de que forma funcionam, conseguimos compreender como é organizada parte de uma estrutura que se escolheu observar.

Com o reaparecimento do *network* em disciplinas como a Antropologia por volta de 1960 em diante, a partir de autores como *Barnes*, *Mitchel* e *Boissevain*, estes últimos, por sua vez, caracterizam a retomada desta metodologia como uma notável crescente desde então. Auxiliada também pela crescente tecnológica da época, as pesquisas que utilizavam o *network* como base consolidaram um campo notável e respeitado *Social Network* a partir de conceitos implementados por *Barnes* e *Bott*⁴³.

Analisado por este autor, o *Network* abriu portas que permitiram a visualização de interações entre pessoas que poderiam interferir diretamente no funcionamento de instituições das quais estas faziam parte⁴⁴. O que antes não poderia ser analisado ou visto dentro das pesquisas por limitações metodológicas, agora estava sendo revelado à luz da assim chamada *análises de redes*. Para esta pesquisa, essa perspectiva do *network*

⁴¹ SCOTT 2000, p: 31

⁴² Tradução literal do trecho citado acima.

⁴³ BOISSEVAIN, 1979 p: 392

⁴⁴ BOISSEVAIN, 1979 p: 392

consegue se fundamentar com facilidade - o que será melhor mostrado nos capítulos seguintes - pois está sendo encarado com um instrumento que possa vir revelar interações antes não percebida dentro do contexto baiano do século XVI. Boissevain diz.

Network analysis, while not a theory, has a theoretical implication. It is an analytical instrument which views circles of relatives of friend, coalitions, groups and business houses, industrial complexes, and even nation-states as scattering of points connected by lines that form networks. The points are of course the units of analysis, the lines social relations. Network analysis asks questions about who is linked to whom, the content of the linkages, the pattern they form, the relation between the pattern and behaviour, and the relation between the patterns and others societal factors. This has theoretical implications in that it forms part of a paradigmatic shift away from structural-functionalism. The failure to recognize these theoretical implication and to provide a consistent theoretical framework within which network analysis can be used has resulted in a sterile overelaboration of classification and definition, in short, a methodological involution⁴⁵.

Apesar das discussões acerca dos pressupostos teóricos que o network deveria atender, Boissevain define bem como este – enquanto uma ferramenta – pode nos ajudar a realizar análises dentro da perspectiva de *redes*. A partir da instrumentalização do network, como o próprio autor afirma, e também ao que nos interessa, podemos enxergar – por exemplo – círculos de amigos. A preocupação da análise de rede encarada sob uma perspectiva instrumental está justamente em saber quem se liga à quem; o conteúdo destas ligações; o padrão formado por estas ligações; a relação entre padrões criados e comportamentos; e a relação entre padrões e outros fatores sociais⁴⁶.

Se aplicarmos esta instrumentalização do network sobre o contexto histórico com o qual estamos trabalhando aqui, considera-se totalmente plausível fazer observações de formações de redes e de que formas estas redes são construídas e interligadas. Pode-se observar, por exemplo, uma rede – que chamarei aqui de rede de comunicação – entre os agentes históricos da Cidade da Bahia no período que vai da primeira visitação em 1591. Esta rede é formada a partir da constatação de comunicação

⁴⁵ BOISSEVAIN, 1979 p 392

⁴⁶ Consiste em partes da tradução de trechos acima.

entre os agentes na hora de denunciar outros agentes diante da mesa do Santo Ofício. O que foi observado nesta constatação é que a todo tempo há diversas pessoas denunciando-se e também incluindo o nome de diversos interlocutores participantes do fato, conforme vimos na *figura 6* desta pesquisa.

Esta referida figura nos mostra o estabelecimento de uma *rede de comunicações* entre os agentes da Cidade da Bahia no contexto histórico com o qual está sendo trabalhado. Por se tratar de denúncias, esta rede nos mostra a interlocução entre diversas pessoas de diferentes cidades, mas que aparecem interligadas por um testemunho dado a mesa do santo ofício. Seja como um denunciante de alguma heresia ou mesmo um denunciado. Como podemos ver, todo o recôncavo Baiano se interliga a partir da *circularidade de informações*⁴⁷ acerca de heresias cometidas nesta sociedade.

Boissevain ainda diz:

*Even without explicit consideration of basic theoretical assumptions, however, network analysis is a powerful tool for social scientists seeking to further their understanding of social behaviour and process*⁴⁸.

Assim como uma importante ferramenta para entender processos e comportamentos sociais, esta mapa nos mostra exatamente o que podemos fazer a partir da visualização do network como um instrumento.

Boissevain ainda divide em dez pontos o que é possível e o que não é possível ser feito com *Network*. Para nós, um dos pontos mais interessantes é entender como estas ligações devem ser vistas e de que maneira elas podem ser entendidas. Para o autor, o primeiro ponto que pode ser observado como uma possibilidade da análise de redes, concentra-se em ter como foco uma atenção sistemática nas ligações entre unidades de análise. Entender que estas ligações podem ser feitas dentro, fora e entre os grupos, sofrendo também, influências externas⁴⁹. Outro ponto importante que diz muito sobre o que estamos preocupados em observar em nossas análises é que a análise de redes não se preocupa apenas com as ligações mas também com o conteúdo das relações que estas ligações criam. É preciso ter todos estes pontos como suporte, de modo que possamos realizar a aplicação do network da melhor maneira possível.

⁴⁷ SILVA, 2014.

⁴⁸ BOISSEVAIN, 1979 p 392.

⁴⁹ BOISSEVAIN, 1979 p 392.

Para isto acontecer, somente o Boissevain não seria suficiente para compreender a nossa análise. Portanto, em concordância com a ideia desta pesquisa, se faz necessário falar um pouco mais sobre *Granovetter* e seu estudo *Strength of Weak Ties*. Este estudo tem como foco principal entender sobre "*A Força dos laços fracos*". Ainda que tenha sido feito uma tradução literal do título original, basicamente, o objetivo do Granovetter é entender e afirmar a importância que um "laço fraco" tem para a construção de relações de redes. Sua principal hipótese é que os laços fracos unem redes que mantêm ligações fortes. Estas ligações fortes podem ser definidas como ligações de amizades, parentesco ou algo que possa representar uma forte ligação entre determinada rede. Os laços fracos são a ligação entre duas redes de laços fortes e, a partir deste laço fraco, é feita uma conexão entre estas duas redes de laços fortes. Vejamos em uma exemplificação simples.

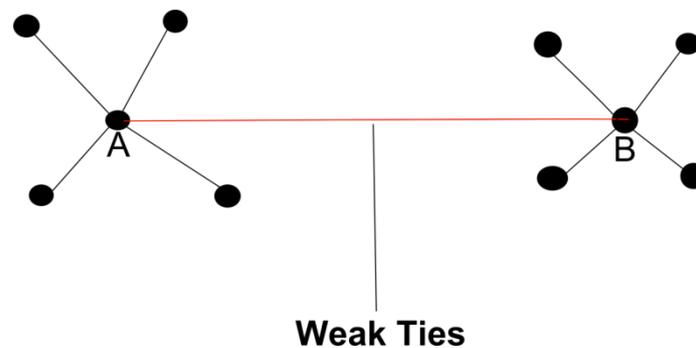


Figura 8 - Esquema demonstrativo de duas redes de laços fortes interligadas por um laço fraco.

Nesta exemplificação, podemos ver duas redes distintas, todavia, ligada por um laço denominado de *laços fracos* (Weak Ties). Na primeira rede há uma unidade representada pela letra "A" que liga todos os laços que forma o conjunto desta rede. Dentre desta, pode-se inferir qualquer tipo de relação que represente um laço mais forte ou um laço de intimidade que possa demonstrar essas ligações. Como citado, pode ser laços de amizade, familiares e entre outros. Na segunda rede, podemos observar outra unidade representada pela letra "B" que, do mesmo modo que o primeiro exemplo, faz ligações com outros laços que são considerados fortes. Esses laços são considerados fortes devido a uma única unidade (A ou B) interligar outros pontos que demonstram uma "dependência" dessa unidade. Todavia, estes dois conjuntos se interligam por suas unidades principais (A e B). Essa ligação é representada pela *linha vermelha* e é

denominado por *Granovetter* como *laço fraco*. Para o autor, os *laços fracos*, representa a devida conexão entre redes. Ou seja, *laços fracos* não só constituem *laços fortes*, mas também estabelecem conexões entre pessoas que, a princípio, não se relacionam, porém, acabam se estabelecendo em uma só *rede* através destas ligações mais fracas.

Isto se torna claro se pensarmos em dois grupos de amigos, por exemplo. Se no primeiro grupo houver uma pessoa que conhece outra pessoa do segundo grupo e estão em constante contato, muito provavelmente estes dois grupos iram estabelecer algum laço ainda que a intensidade desta junção seja variável.

Para *Granovetter*, as ligações secundárias são tão importante quantas ligações primárias ou diretas.

*It is argued that the degree of overlap of two individuals friendship networks varies directly with the strength of their tie to one another*⁵⁰.

Nestas ligações, são construídas relações que demonstram familiaridade entre vínculos de porte micro e macro dentro de quaisquer *redes*. Por exemplo, em um conjunto de letras denominadas "A, B e C"; a letra "A" representa a unidade que liga concomitantemente "B e C". Neste caso, a letra "A" funciona como uma ponte que faz ligação entre "B - A - C".

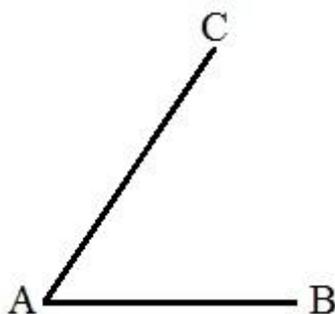


Figura 9 - Exemplificação do esquema montado por Granovetter para explicar "The Strength of Weak Ties".

"A", nestas exemplificações, representa a ligação *forte*, ou seja, a unidade principal que faz duas ligações ao mesmo tempo. É basicamente como se "A" fosse uma pessoa que conhecesse "C" e "B". Todavia, "B" e "C" não se conhecem, mas são

⁵⁰ GRANOVETTER, 1973 p: 1360

indiretamente interligados por "A". Para Granovetter, estas ligações das quais o próprio denomina como fortes e fracas, são, na verdade, um conjunto que muito provavelmente não irá se desfazer.

Em um primeiro momento, *Granovetter* define *Strength of a tie* como:

*Most intuitive notions of the strength of an interpersonal tie should be satisfied by the following definition: the strength of a tie is a (probably linear) combination of the amount of time, the emotional intensity, the intimacy (mutual confiding), and the reciprocal services which characterize the tie*⁵¹.

Como Granovetter define: a força de um laço fraco é – provavelmente – uma combinação de quantidade de tempo; intensidade emocional; intimidade; e um serviço recíproco que caracterize um laço⁵². Partindo desta definição, entende-se que um *laço forte* estabelece-se dentro de redes que são constituídas por estas razões, o que – provavelmente – acontece dentro da maioria da formação de redes, já que estas, por sua vez, sempre carregam alguma variável que pode ser constituída como um laço.

Para esta pesquisa, a idéia do autor parece dialogar bem com o objeto desta pesquisa. Quando ampliamos o conhecimento sobre ligações de redes e entendemos que esta pode ser constituída por diversos laços que determinam intensidades variáveis entre si, podemos compreender que as redes não se formam apenas por pessoas que estabelecem uma relação direta, mas sim, por pessoas que além de estabelecer relações diretas, estabelecem também relações secundárias.

⁵¹ GRANOVETTER, 1973

⁵² Tradução da definição de *Strength Ties* de Granovetter.

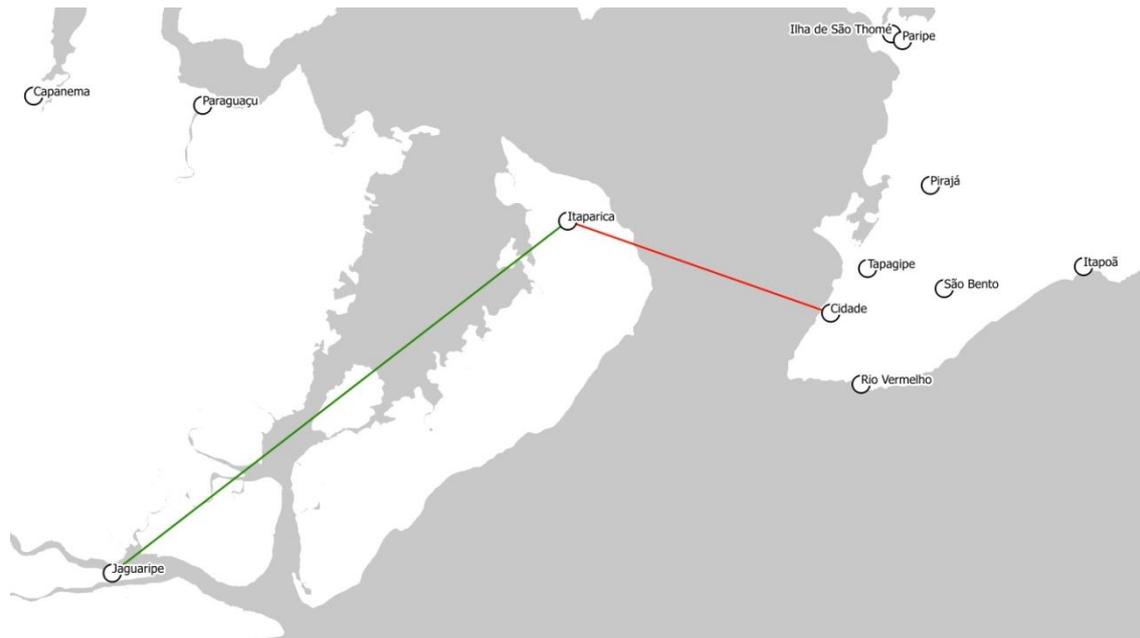


Figura 10 - Mapa vetorizado representando as ligações que dizem respeito ao denunciante, acusado e interlocutor da denúncia.

Como neste caso em que Belchior da Fonseca, residente em Itaparica, denuncia Fernão Cabral de Taíde sob a acusação de organizar reuniões da seita gentílica em sua fazenda, em Jaguaripe. Belchior aparece em um primeiro momento, como testemunhante ocular. Entretanto, o denunciante ainda acusa Fernão de outras heresias, das quais ficou sabendo por intermédio de *Luisa Almeida*. Se observarmos, este mapa interliga três agentes sociais, que se conectam através de uma denúncia em que só aconteceu porque havia a informação de uma outra pessoa. Luisa representa para nós o que Granovetter tanto explicita no seu estudo. Sem este laço que liga Fernão e Luisa, o próprio poderia passar despercebido aos olhos do denunciante, visto que este faz questão de nomear que lhe passara aquela informação, mesmo quando não há qualquer necessidade disso. Portanto, o estabelecimento de diversos laços conforme vimos no mapa geral das ligações, se diferenciam entre variados níveis de intensidades, que delimitam diversas tipificações entre agentes, dentre elas, as ligações de laços fracos que se mostram igualmente importante, quando observamos a série de denúncias que são feitas por meio de outras pessoas.

Como exemplificado na "Figura 6", nós temos o estabelecimento de uma rede que é demonstrada a partir de ligações feitas entre estas cidades. Todavia, estas ligações foram construídas a partir da retirada de informações das fontes Inquisitoriais, em que

os eixos principais eram guiado pelo *nome* do agente e o *local* de moradia. Cada ligação desta representa um documento em que há um denunciante e uma pessoa denunciada. Vejamos em uma construção primária da figura 6.

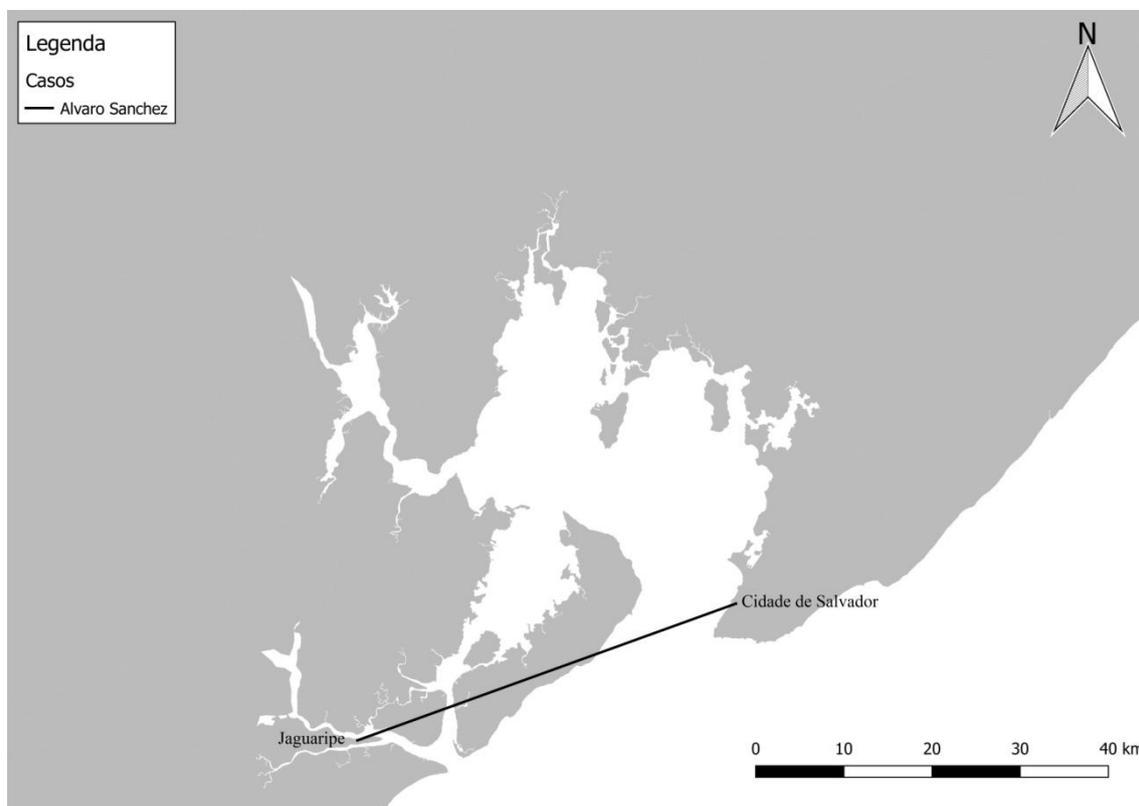


Figura 11 - Mapa vetorizado demonstrando uma ligação simples entre a cidade de Salvador e Jaguaripe.

Nesta visualização da "Figura 11" está representado um caso específico em que o denunciante – por nome *Alvaro Sanchez* – denuncia *Fernão Cabral*, famoso por suas heresias que foram demonstradas no capítulo 1 desta dissertação. Nesta ligação, está representada o produto final da seleções de informações que retiramos da fonte. Sabemos, por tanto, que há um agente histórico que mora na localidade *Cidade de Salvador*, denunciando um outro agente que reside na localização de *Jaguaripe*.

A partir do conhecimento destas informações, observa-se também o conteúdo e a intensidade destas relações. No caso da figura 11, sabemos que se trata de uma denuncia que se refere a acusação de organização de *seitas* religiosas na residência de *Cabral* em *Jaguaripe*. Sabe-se também – a partir da categorização criada pelo o autor desta

pesquisa – que esta ligação se trata de uma relação que foi estabelecida pela fama pública da heresia. Ou seja, o autor da denúncia (Alvaro Sanchez) denunciou à Fernão por uma heresia que ouvira dizer que cometeu na *Cidade de Salvador*. Todavia, esta ligação não se trata de uma relação em que o denunciante e o denunciado se conhecem pessoalmente ou estabelecem algum laço que estreite suas relações, mas sim, foi construída a partir de outros laços que se construíram a partir de ruídos da informação que acabou por se tornar uma informação de nível público.

Se equipararmos e observamos a representação da figura 6, podemos compreender uma grande rede de agentes que residem em diferentes locais e estabelecem uma grande rede de relação através de laços fracos que constituem outros laços fortes.

Bem como a sociedade baiana da época não se alheia às comunicações feitas entre si, os escravizados também não são alheios a este sistema de rede que interliga todo o recôncavo Baiano. Esta hipótese tem como base a ideia de *Circularidade de Informação*, defendida pela autora *Dayane Augusta* em sua dissertação: *Em tempos de Visita: Inquisição, circulação e oralidade escrava na Bahia (1590-1620)*

Nesta obra, a historiadora trabalha o conceito de circularidade de Informação no seu sentido literal. A ideia da autora é que as informações sobre heresia corria por todo o recôncavo baiano, passando inclusive pelos escravizados que eram tidos como confiáveis sobre o conhecimento das heresias que eram cometidas pelos agentes históricos daquela sociedade. Como demonstrado, a Figura 6 nos revela uma *Bahia* que se interliga através das denúncias e confissões perante a mesa do Santo Ofício, confirmando a ideia da circularidade de Informações. A nossa hipótese é que a circularidade de informações não só circula pelas ideias mas também pelo espaço. O estabelecimento deste espaço é constituído por redes – que são construídas por laços fortes e fracos – onde o escravizado representa tanto laços fortes como laços fracos, pois a partir do estabelecimento destas redes, as informações poderiam ser circuladas e tangidas pelos escravos. Neste caso, a nossa rede não pode ser constituída só por ideias, mas é preciso percorrer o espaço baiano para que estas informações possam chegar a outras localidades. A ideia é que os escravos também fazem esse papel de veículo transmissor destas informações através da mobilidade. Mas quais seriam os limites e as possibilidades desta mobilidade?

Em sua pesquisa, Gil demonstra exatamente estes pontos que estão sendo tocados aqui desde os pensamentos da escola sociometric analysis, até Mitchel, Barnes ou Bott. Com o objetivo de analisar possíveis redes de elites locais na América portuguesa, Gil faz uso do *social network* para identificar um líder e a formação de um bando. A partir de aferições de queixas do Vice-rei, Luis de Vasconcelos e Souza, sobre um oficial chamado Rafael Pinto Bandeira – que diziam dar auxílio à contrabandistas e obter um interesse próprio nisso – Gil usou da chamada *rede ego centrada*, para analisar e compreender quem era Rafael Pinto Bandeira e quem eram estes contrabandistas. Entendeu-se então que, na verdade, Rafael ocupava o centro de uma rede com bastantes ramificações, ligando diversos grupos sociais, em que era possível identificar este como líder e suas conexões como o seu bando⁵³.

Apresentada toda esta discussão, é importante nos atentarmos para o que são – conforme classificamos – estas *redes de relações*. É notório que estamos lidando com informações que estão circulando por todo o recôncavo, e são repassadas, em sua maioria, por comunicação entres agentes. Não poderia esta rede de relação ser apenas uma rede de comunicação? Entretanto, em conformidade com os autores apresentados, podemos compreender que a comunicação é também o estabelecimento de um laço que infere na constituição de uma rede. As pessoas podem se comunicar aleatoriamente, mas não é este o nosso caso. Pelo contrário, os agentes que – apesar de se mostrarem integrados – a comunicação, ou o ruído da informação, tem muitas vezes espaço e contexto próprios. Ou seja, ela é controlada e perpassa por agentes que podem não dialogarem com outras localidades. Veremos no capítulo 5 desta pesquisa que, para além da comunicação, a mobilidade geográfica também se mostra como um fator que interliga estas pessoas. Demonstrando que certo assuntos, por exemplo, não passa por certo grupos de pessoas, evidenciando o estabelecimento de redes de pessoas que não se comunicam.

⁵³ GIL, T. Elites locais e suas bases sociais na América Portuguesa: uma tentativa de aplicação das social network analysis. In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol.3 N° 6, Dezembro de 2011.

Capítulo 3 - A Inquisição e a Historiografia

As pesquisas acerca da Primeira e da Segunda Visitação da Santa Inquisição à cidade da Bahia, nos anos de 1591 e 1620, ainda hoje permeiam bastante discussões e produções historiográficas que enriquecem esse debate. Embora o número de pesquisas que tenham como foco os escravizados e como contexto as visitas estejam em menor número, há ainda algumas obras de cunho historiográfico que são consideradas de extrema importância para se discutir o assunto, bem como também uma série de monografias, dissertações e teses que ainda tratam do contexto inquisitório.

Destaco aqui alguns nomes que são essenciais para a discussão. São estes: Ronaldo Vainfas; Laura de Mello e Souza e Stuart Schwartz. Faço menção a estes autores, pois pretendo observar de uma maneira rápida e sucinta como estes abordam tanto o mundo daqueles escravizados nesta citada circunstância, como a presença da Inquisição dentro do contexto que estamos trabalhando.

Em seu livro, intitulado: *A Heresia dos Índios - Catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial*, Ronaldo Vainfas dedica profundo estudo acerca da chamada santidade de Jaguaripe e da presença Inquisitiva na cidade da Bahia, discutindo aquilo que, muito debatido na historiografia, pode ser chamado de religiosidade indígena. Para que então isto seja feito, o autor inicia sua discussão compreendendo o que seria a imagem do outro para o colonizador europeu, que em um primeiro momento, entra em choque com o contato com os autóctones desta região⁵⁴.

A descoberta das terras e povos americanos havia colocado o europeu diante do grave dilema entre reconhecer o outro – inventariar as diferenças que o separavam do homem cristão ocidental – e afirmar o ego, isto é, hierarquizar as diferenças, rejeitando o desconhecido por meio da animalização e da demonização⁵⁵.

Para seguir essa compreensão, Vainfas busca em Todorov⁵⁶ essa questão do outro e faz uma comparação dos modos como sucederam as colonizações portuguesas e espanholas para entender como essa imagem criada do *outro* pelos colonos era refletida em si mesma. É com a palavra *Idolatria* que o autor consegue discorrer sobre estes dois

⁵⁴ VAINFAS, 2010

⁵⁵ VAINFAS, 2010 p: 23

⁵⁶ TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 258 p. ISBN 8533601670.

parâmetros coloniais. A idolatria, que tem seus fundamentos em princípios cristãos do Velho Testamento, separa – na compreensão dos colonizadores – a si mesmo dos índios deste Brasil. Engendrados por essa concepção, a idolatria está presente em todas as partes que constituíram o novo mundo, principalmente no tocante ao credo do *outro*. O que, para o autor, acaba por diferir o tratamento e a visão dos colonizadores portugueses e espanhóis. Enquanto estes viam idolatria nas práticas indígenas, os portugueses por muitas vezes não acreditavam que os indígenas pudessem dispor de qualquer religião, embora a diabolização da idolatria esteja presente em ambos os lados. Vainfas diz:

Em compensação, se os hispânicos viam demônios em toda parte, e despendiam enormes recursos para extirpar as idolatrias dos índios, os portugueses mal falavam em idolatria, julgando que os tupinambás nem sequer possuíam religião⁵⁷.

Entretanto, o autor vê na Idolatria uma expressão passível de resistência indígena frente aos colonos, que os coloca em sua própria imagem quando a diabolização das práticas indígenas vem à tona. O que fora também muito bem discutido por Laura de Melo e Souza em pesquisas que discute a transformação da diabolização do *outro* como uma imagem trazida pelos colonizadores nos porões de seus navios.

Frente a esta concepção, o autor discute – o que considera – dois tipos de idolatria, a chamada idolatria ajustada e insurgentes. Para Vainfas, essas tipificações envolvendo a idolatria, descreve duas maneiras de lidar com a colonização naquele momento. Em referência a primeira, o autor enxerga essa prática como uma resistência cotidiana em manter-se longe dos olhos dos colonizadores, em espaços que estes olhares não poderiam cruzar suas práticas⁵⁸. Do que diz respeito a segunda, esta se difere da primeira no sentido do combate a colonização. A partir de práticas de enfrentamento seja corporal ou no campo das ideias, a prática de insurgência se mostra como uma batalha mais declarada, sem fazer questão de se passar despercebida dos olhares dos colonizadores.

Atrelado a estas duas tipologias, Vainfas vê nesta última uma correlação com o *milenarismo* indígena que demonstraria em face ao poder colonial uma resistência. Apesar do milenarismo se constituir em elementos cristãos, na ideia de um tempo onde

⁵⁷ VAINFAS, 2010 p: 29

⁵⁸ VAINFAS, 2010 p 33

a vinda de Deus seria presente e todos os elementos que constituem o paraíso se mostrariam, o pensamento indígena acerca da promoção de ritos e crenças também se alimentam da criação de um Mito. Talvez seja plausível colocar aqui, o movimento de migração indígena para a chamada Terra sem mal – o que Vainfas discute em sua pesquisa – que se fundamentava em crenças que demonstram – entre várias crenças – um lugar onde os índios não mais passariam por aquelas mazelas trazidas pelo Colonialismo. Movimento este que tem como direção a migração do interior para o litoral, o que na América Portuguesa, tomariam um rumo diferente. Todavia, para Vainfas, estes movimentos demonstram facilmente um ato de resistência anti colonial de varias intensidades. O autor diz:

Eis-nos, enfim, no âmago da insurgência desses milenarismos que, na América colonial, se veiculavam através de seitas idolátricas. Quer pela expectativa de uma batalha cósmica, quer pela deflagração de resistência armada, os milenarismos indígenas assumiram a feição de movimentos anticoloniais⁵⁹.

Voltando um pouco ao que foi mencionado no parágrafo anterior e na citação de Vainfas quando remete a *seitas idolátricas*, o autor dedica parte do estudo para discutir em seu termo estrito, a santidade ameríndia. Apoiado pelas ideias de Maria Isaura Pereira de Queiróz e Kurt Nimuendaju, o autor discute sobre a frente religiosa que permeavam os indígenas. Falava-se na aparição de um profeta indígena, que de aldeia em aldeia, encorajava os índios a abandonar o trabalho e a dançar, pois chegariam ali os novos tempos que se caracterizariam pela Idade de Ouro⁶⁰. Essa ideia parece auxiliar-se com a de Kurt quando estes discorres sobre o movimento migratório para o Litoral, em que os indígenas acreditavam que lá seria a “terra onde ninguém jamais morria”⁶¹.

Não entrarei aqui no mérito de discutir essa frente religiosa indígena – o que o autor já faz com competência – todavia, vale salientar a discussão que é gerada em torno disso. Como já citado aqui, Vainfas encara esses movimentos religiosos indígenas como forças de resistência anticoloniais. Todavia, há outros autores que negam esta visão, levando a ideia de resistência a uma direção contrária do seu significado. Entretanto, quando pensamos nas chamadas santidades, que indicam não só a presença de um

⁵⁹ VAINFAS, 2010 p: 37

⁶⁰ Essa ideia é discutida por Vainfas mas originalmente trata-se de um trecho escrito por Maria Isaura em seu livro: O messianismo no Brasil e no mundo.

⁶¹ VAINFAS, 2010 p: 42

movimento indígena mas também a confirmação de um ato contrário a instituição colonialista naquele momento. Em concordância da existência e difusão da profecia e religiosidade indígena, Vainfas compreende essa migração como um forte indicador desta marca anticolonial. O autor diz:

A própria inversão do sentido das migrações – que se antes visavam o litoral passaram a buscar o interior – sugere com a máxima eloquência quão decisiva foi a chegada dos portugueses nas manifestações e práticas religiosas dos nativos, para não falar no conteúdo anticristão e antiescravista presente na exortação dos profetas⁶².

Ao refletimos sobre essa migração inversa, deixando o litoral e indo para o interior, podemos colocar como exemplo, a representação da Santidade de Jaguaripe, que demonstra exatamente essa forçosa migração inversa em busca da Terra sem mal. Migração esta que fora forçosa no sentido de luta contra as próprias insurgências dos colonizadores com os indígenas, o que demonstra também elementos de resistência anti-coloniais perante a movimentação portuguesa no litoral Baiano. O fato de termos a Santidade de Jaguaripe como um exemplo, nos leva a observar e reafirmar essa onda inversa migratória quando pensamos na localização de Jaguaripe no Recôncavo Baiano. Jaguaripe limita-se territorialmente com alguns sertões que podem ser identificados de acordo com a fonte. Sertões estes que, assim como diz Vainfas e toda a historiografia clássica sobre o assunto, abrigam diversos indígenas que ora submetiam-se a profecia ora fugiam de seus senhores. Por isto, a conexão com a Santidade, sua localização e toda a sua historicidade faz muito sentido. Vejamos

⁶² VAINFAS, 2010 p 45



Figura 12 - Mapa vetorizado demonstrando o espaço onde os sertões se localizavam.

Vainfas acredita que o impacto e o contato com a colonização foi o grande responsável por essa mudança na direção da terra sem mal. O que acaba por reforçar também esse caráter anti-colonialista que tanto insisto e concordo com estes autores, pois este específico caso demonstra claramente essa fuga em que se encaixa perfeitamente estes três pontos: idolatria, anti-colonialista e a criação do mito da profecia indígena. Todos esses três pontos, realocam sentido para a organização de uma seita pelas bandas de Jaguaripe, como descrevem diversos casos do Santo Ofício.

Novamente, não vou me deter em certos pontos que já são discutidos por Vainfas, tais como a ritualização da Santidade. Todavia, vale mencionar que essa característica que tomou a Santidade em sentidos de religiosidade e idolatria, fora notado também por diversos cronistas que passaram pela Cidade da Bahia naquele momento. Embora muito fosse negado – em termos de religião indígena – e bastante diabolizado pelos cronistas, suas notações reforçam essa ideia migratória e o direcionamento para o sertão. Vainfas diz:

Descrita pelos europeus como cerimônia especial dos índios, as ditas “santidades” também foram percebidas como movimento, isto é, como ações coletivas dos índios quer no sentido de migrações em massa rumo ao interior, quer no sentido de rebeliões e assaltos contra o colonizador. [...] Importante observar, ainda, o sentido leste – oeste da viagem, deflagrada aliás no momento em que o colonialismo português começava a se implantar no litoral. [...] Migrações desse gênero, e animadas pelo mesmo mito, sucederam-se, na realidade, por todo o período colonial, predominando o sentido leste – oeste. Evitarei a monotonia de citá-las a exaustão, limitando-me, porém, a sublinhar: a estreita relação entre fugas e busca da Terra sem Mal, mensagem do caraíba que pulsava nas chamadas “santidades” indígenas; a relação entre “santidades”, migrações e guerras anticolonialistas⁶³.

Em concordância com o exposto acima, vamos então nos dedicar um pouco a entender o que a santidade de Jaguaripe representa para este autor. Vainfas a define como:

A mais conhecida das santidades é a de Jaguaripe – região localizada no sul do Recôncavo da Bahia. E a razão disso encontra-se na maior disponibilidade de fontes para o seu estudo, as quais ultrapassam, em números e qualidade, o registro pontual dos jesuítas e viajantes ou a notícia burocrática das autoridades coloniais. No caso dessa santidade, tem-se copioso elenco de fontes em série: Primeira Visitação que o Santo Ofício de Lisboa enviou ao Nordeste brasileiro, entre 1591 e 1595. Em termos precisos, o visitador recolheu pelo menos setenta denúncias e 24 confissões de colonos relacionadas aos ritos e ao movimento daquela santidade, quando não a prática dos quais em 265 folhas manuscritas – um dos mais volumosos, aliás, daquela Visitação a Bahia⁶⁴.

Como Vainfas já salienta, esse é o mais famoso caso que temos acerca de santidades ameríndias para esse período e contexto. Inúmeros são os relatos que descrevem nas suas variadas formas o que fora a Santidade de Jaguaripe e como

⁶³ VAINFAS, 2010 p: 64 e 65

⁶⁴ VAINFAS, 2010 p: 73

funcionara a participação do seu senhor de Engenho, Fernão Cabral de Taíde, que permitia a realização e compadecia, de acordo com alguns olhares daqueles agentes, da organização desta seita religiosa. A seita abrigava, segundo Vainfas, algumas centenas de índios, que no presente contexto, tratam-se de alguns cativos, forros e fugidos dos engenhos de seus senhores. Abrigava também “negros da guiné”, que igualmente eram escravizados pelos seus colonizadores, se classificavam desta mesma maneira. O que não necessariamente compreende um espaço homogêneo, se pensarmos nos diversos grupos locais que formam aquele escopo naquele momento. Vainfas diz sobre a presença de homens, mulheres e crianças que – em sua maioria – eram pertencentes aos tupinambás, embora não há o descarte da presença de outros grupos étnicos⁶⁵.

O poderio de Fernão de Cabral de Taíde não se concentrava somente em sua posição como senhor e todos os privilégios que a partir disso gozava, mas também como um “financiador” da organização daquela seita. Fernão fora, como já supracitado, diversas vezes denunciado na mesa do Santo Ofício, sob esta acusação. Este fato por ser de fama pública na cidade de Salvador, chegou também aos ouvidos do Governador Geral da época, Manuel Teles Barreto, que, em um primeiro momento, estava decidido a enfrentar a seita e destruí-la de sua localização levando a extirpação. Todavia, o poderio de Fernão Cabral se mostra forte e este consegue persuadir o governador a fim de que não cometera o erro pretendido, pois ali estariam gentios que poderiam matar a toda sua expedição. Fernão agira assim, em uma tentativa de marcar uma relação de confiança com o governador, de modo que o que acabara de contar fosse entendido como o real motivo da presença da seita em suas terras era a de lutar contra estes gentios. Entretanto, Vainfas também discute isto e nos demonstra que este não era de fato o real interesse de Fernão. Com sua posição de privilégios e com o auxílio de pessoas de sua confiança, Fernão Cabral não parecia agregar pessoas em seu engenho com o objetivo de reuni-los para que então fossem destruídos, mas sim, como uma forma de angariar cativos para a realização de trabalho no Engenho. O que fora, inclusive, uma reclamação pessoal de outros senhores de engenhos que realizavam suas denúncias não somente perante a mesa do Santo Ofício – em que faziam questão de enfatizar esses detalhes em seus relatos – mas também perante o Governo Geral da cidade da Bahia, reclamando que muito de seus cativos fugiam de suas fazendas e iam para Jaguaripe fazer parte da dita Santidade de Jaguaripe, sob a proteção de Fernão.

⁶⁵ VAINFAS, 2010 p: 77

Tal poder e número que ligam Fernão a seita ameríndia presente pelas bandas de Jaguaripe, pode ser expressado quando este, organiza uma expedição em busca de outros gentios e confia esta missão a um de seus homens. Vainfas diz:

Mas na mesma altura, talvez lhe antecedendo em dias partira para o sertão de Jaguaripe uma outra expedição, composta de algumas dezenas de homens, sem contar os flecheiros, liderados por um tal de Domingos Fernandes Nobre, de alcunha Tomacaúna, mameluco corpulento, experimentado nas lides de sertanista e preador de índios, homem de confiança do poderoso senhor de Jaguaripe, Fernão Cabral⁶⁶.

Não se sabe ainda o real motivo para a realização desta expedição, embora Vainfas defenda e demonstra o fato de que houve realmente uma migração do sertão dos gentios que se juntariam aos incontáveis membros já participantes da seita ameríndia nas terras de Jaguaripe. Quando questionado, Fernão defende ser esta uma estratégia militar para que, uma vez por todas, fosse então destruída a seita. Contudo, podemos compreender que este não era o real interesse de Fernão. Vainfas defende que para responder à esta indagação, seria melhor proveitoso conhecer Fernão Cabral em seu âmago, por isso esse diz:

Para decifrar semelhante enigma, ou pelo menos esboçar algumas hipóteses, é indispensável conhecer um pouco da biografia de nosso personagem. Fernão Cabral era cristão velho que devia ter perto de 44 anos, em 1585, pois contava cinquenta no tempo da Visitação. Casado com d. Margarida da Costa, cristã-velha de Moura, no Reino, com quem teve vários filhos. Em 1592 possuía já sete: Manoel Costa, que andava pelo Algarve; d. Beatriz, casada com o desembargador Ambrósio Peixoto de Carvalho, em Salvador; Diogo Fernandes Cabral, moço solteiro; d. Ana, donzelinha de onze anos; d. Francisca, menina de nove; Bernardo Cabral e Nuno Fernandes Cabral, “meninos de pouca idade”, pouco mais que crianças de colo⁶⁷.

Para Vainfas, ter isso em mente é poder conhecer um pouco a mais sobre esse poderio que detinha Fernão Cabral. Considerado membro de uma nobreza e um dos senhores mais ricos do recôncavo Baiano, Fernão Cabral é um prestigioso e bem-sucedido senhor de Engenho, que consegue – a partir do seu poder – exercer influência não somente sobre o seu território, mas até mesmo à outros do mesmo estamento social

⁶⁶ VAINFAS, 2010 p: 79

⁶⁷ VAINFAS, 2010 p: 84

que o mesmo. Cabral é considerado por muitos como um homem bom, sempre solícito e de pouca preocupação. Embora haja a presença de diversos relatos que denunciam uma outra face de Fernão Cabral, que se mostraria um dos senhores mais cruéis quando mandou à fornalha uma de suas cativas que, sob a acusação de Fernão Cabral, comunicou a sua esposa, relatos de uma traição por parte de Fernão, e de como este agia sob uma conduta duvidosa em relação às outras mulheres do recôncavo. Vainfas debruça-se ainda sobre um possível parentesco de Fernão de Cabral de Taíde com o “descobridor” Pedro Álvares Cabral. O que não vem ao caso aqui nesta pesquisa, mas é importante salientar como forma de demonstrar esse prestígio que carregara Fernão. Portanto, o autor acredita que os motivos reais que possam ter levado Fernão Cabral a organizar e proteger a seita em suas terras, parte em muito, da posição que este se alocava no estamento social daquela época. Vainfas diz:

A resposta exata à questão proposta, poderia sugerir-la logo de início, mencionando o que pensavam os contemporâneos sobre a proteção que Fernão Cabral passou a dispensar à santidade em suas terras. Fernão Cabral a atraía, aos que muitos diziam, “para adquirir mais negros brasis”, “em interesse de seu proveito temporal”, “para enganar os ditos brasis em proveito próprio”, para atrair cativos de outrem e forros dos jesuítas. Jamais para destruí-la, como disse ao governador e ao visitador, e muito menos por acreditar no culto dos índios – gente que Fernão humilhava, desprezava, supliciava e perseguia. Mas devo dizer que o depoimento dos contemporâneos, muitas vezes eivado de ódio – sobretudo dos senhores que perderam cativos para Fernão Cabral -, não teria o mesmo peso explicativo sem a recuperação da biografia possível do senhor de Jaguaripe⁶⁸.

O que de fato sabemos é que Fernão se caracterizava e era visto como um senhor poderosíssimo que admitia seitas ameríndias em suas terras. Mantendo ao mesmo tempo, uma relação dúbia com a sociedade em questão. Alguns o viam com bons olhos e outros não. Ao que foge desta pesquisa mas é importante salientar, que, mais tarde naqueles anos, todo o esforço de Fernão seria em vão, pois a seita seria destruída e este teria de se explicar sobre as diversas denúncias botando em detrimento o seu nome perante a mesa do Santo Ofício.

⁶⁸ VAINFAS, 2010 p: 94

Ronaldo Vainfas é o autor que mais se debruça sobre a santidade e dos desdobramentos que a presença da Inquisição trouxe para aquela Cidade da Bahia no século XVI. Como exposto e relatado, sua obra é de extrema significância para a compreensão de como aquela sociedade se organizava. O que fica para nós e se faz de extrema importância para essa pesquisa, é essa demonstração da estrutura dessa esfera social que ocuparia a santidade. Não somente por ser um rico caso e famoso dentro os historiadores que tem como foco de estudo a Inquisição Portuguesa na Bahia, mas por ser tratar, principalmente, do ajuntamento, convivência e migração de diversos escravizados neste mesmo espaço. Este fato não permite ignorar como os escravizados, sejam estes indígenas, ou mesmo em menor número, negros africanos, dispunham de local onde estes usufruíam de outro tipo de dinâmica. Não é a intenção aqui reduzir o processo escravagista, diminuindo todo o fato em dinamismos ou mesmo uma amenização. Mas podemos compreender que alguns destes escravizados atuavam de uma maneira não tão usual, que alguns outros não gozavam. Quando remeto a estas diversas dinâmicas, coloco em cheque, por exemplo, a mobilidade espacial como um fator determinante dentro de um possível espaço de negociação entre senhores e escravizados. Vainfas diz:

É certo que, recebendo tamanhas demonstrações de apoio na fazenda de Jaguaripe, a santidade cresceu extraordinariamente em números de adeptos. Índios escravos de várias fazendas e engenhos do Recôncavo passaram a frequentar a Santidade de Jaguaripe, alguns com a autorização de seus senhores, como no caso dos escravos de Ambrósio Peixoto, genro de Fernão Cabral, a maioria como fugitivos – índios que se revoltaram contra seus senhores ou contra os jesuítas e acabavam migrando para Jaguaripe. Não faltam notícias, ainda, sobre a adesão de negros da Guiné, mamelucos e até brancos que se converteram à santidade e praticaram suas cerimônias. A Santidade se agigantava a olhos vistos no seu refúgio de Jaguaripe, incitando revoltas, incendiando a Bahia⁶⁹.

Mobilidade esta que se deu por crença de uma insurgência milenarista indígena que pregava a fuga para o litoral, na terra onde ninguém morreria, que mais tarde, se transformaria no movimento inverso em detrimento dos colonizadores, ou mesmo na própria idolatria que traz Vainfas, como uma forma de resistência indígena ao sistema colonial. Todos esses movimentos produziam outros movimentos espaciais que, por

⁶⁹ VAINFAS, 2010 p: 97

motivos já citados, moviam não só a religiosidade indígena – negada por tantos colonos – mas também o indígena no Recôncavo Baiano. Quando vemos, na citação anterior, que alguns cativos participavam da seita com a permissão de seus senhores, podemos compreender, talvez, um espaço de negociação que mesmo que em menor número, pudera existir. É claro que as motivações se fecham sobre outros motivos, mas refletem – mesmo que de uma maneira não tão explícita – o movimentar-se sobre o território do recôncavo. Como vimos, diversas movimentações foram feitas a partir de fugas sem o consentimento de seus senhores, todavia, o reagrupamento em um lugar específico, onde há a presença de inúmeros outros grupos sociais em uma mesma condição, demonstra não só uma organização pessoal, mas um movimento de luta contra as mazelas que os assolavam. Por isto, se faz presente a reflexão sobre o espaço que estes escravizados circulavam e onde pudera se estabelecer. Jaguaripe não é coincidentemente somente um espaço que fora escolhido ao acaso, mas é também um lugar estratégico devido a proximidade com os sertões, que eram lugares ainda pouco explorado pelos colonos. O que, infelizmente, não parece ser tratado por Vainfas, ou talvez, não foi dada a atenção devida para essa discussão. Jaguaripe não pode ser um mero espaço, pois sua localização reunia não só uma importância do espaço geográfico, mas a reunião em conjunto de um espaço social.

Em sua pesquisa, intitulada: Segredos Internos - Engenhos e escravos na sociedade Colonial 1550 - 1835, Stuart Schwartz⁷⁰ dedica uma tímida fala acerca da *santidade* e a escravização. Nesta fala, Schwartz discute sobre o famoso caso de Fernão Cabral. Denominada como a Santidade de Jaguaripe, Fernão Cabral de Taíde pode ser considerado um dos mais famosos entre as denúncias de práticas heréticas dentro da Cidade da Bahia. Se não for o mais famoso, pelo menos é o mais citado. Acusado de realizar *ajuntamento de gentios* e organizar seitas e cultos pagãos⁷¹, Fernão Cabral e sua santidade também aparecem na pesquisa de Schwartz. O qual descreve o culto como:

De modo Geral, o culto da santidade parece ter sido uma combinação da crença dos tupinambás em um paraíso terrestre com a hierarquia e os símbolos do catolicismo. Centrava-se em ídolos feitos de cabaças ou pedra, dos quais se dizia possuírem poderes sagrados. Embora tivessem vários formatos, suas funções e atributos parecem ter sido os

⁷⁰ SCHWARTZ, Stuart B. Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011. 474 p. ISBN 9788571640122

⁷¹ PVB-D-1590-012

*mesmos. Dotavam seus seguidores de força contra os brancos, e suas vitórias trariam o mundo perfeito do paraíso tupinambá. As enxadas lavrariam os campos sozinhas, os arcos disparariam floresta adentro à procura da caça enquanto os caçadores descansariam nas aldeias. Os ídolos voltariam à juventude, todos poderiam ter muitas esposas e todos os inimigos seriam destruídos ou capturados e comidos. Em honra aos "santos" entoavam-se novos cânticos, realizavam-se cerimônias que podiam durar dias a fio e consumiam-se grandes quantidades de bebidas alcoólicas e infusões de tabaco. Aparentemente esses rituais visavam a induzir transe catatônicos nos participantes*⁷².

Schwartz defende a ideia de que a criação desta seita – que coexiste com o catolicismo europeu em um sincretismo – representa também um movimento contra os portugueses. Outros autores também pensam desta mesma forma, como por exemplo, Alida C. Metcalf, que defende que a simbologia do culto e a motivação para que tal acontecesse, se apresenta como uma resistência frente aos colonos portugueses.

*In making this assertion, I go a step beyond the usual characterization of the 1585 Santidade de Jaguaripe as a movement of Indians that emerged out of an indigenous Messianic tradition. I maintain that the Santidade de Jaguaripe is more fully understood as the impulse of the dominated in an alien colonial environment to create a new world and new identities for themselves, appropriating not only their own cultural traditions but also syncretic beliefs, language, and rituals drawn from their immediate experience in colonial society*⁷³.

Laura de Mello e Souza, em seu livro: O Diabo e a Terra de Santa Cruz, também dedica algumas páginas ao famoso caso de Jaguaripe. Souza enxerga a Bahia naquele momento como um cenário mesclado, principalmente no tocante à religião. A autora defende que tanto as diversas faces da religião africana em conjunto com as religiões indígenas e européia, formaram um cenário misto de crenças e sincretismos. Do que diz respeito à *Santidade* – lugar em que esse contexto de mescla poderia fazer todo sentido – Souza faz uma descrição de como era organizada o notório culto pagão. Vejamos.

"A mais famosa delas foi relatada pela Primeira Visitação do Santo Ofício ao Brasil: a de Fernão Cabral de Taíde, senhor de engenho

⁷² SCHWARTZ, 2011 p: 54

⁷³ METCALF, 1999 p: 1534

Jaguaripe. Este senhor permitia em suas terras um culto sincrético realizado por índios em que se destacavam uma índia a que chamavam Santa Maria e um índio que ora aparece como "Santinho", ora como "Filho de Santa Maria". Os devotos tinham um templo com ídolos, que reverenciavam. Alguns depoentes aludem a um papa que vivia no sertão, que "dizia que ficara do dilúvio de Noé e escapara metido no olho de uma palmeira. Os adeptos da Santidade diziam "que vinham emendar a lei dos cristãos", e, ao fazer suas cerimônias "davam gritos e alaridos que soavam muito longe" "arremedando e contrafazendo os usos e cerimônias que se costumavam fazer nas igrejas dos cristão mas tudo contrafeito a seu modo gentílico e despropositado". "Santa Maria", ou "Mãe de Deus", batizava neófitos, tendo nisso a permissão de Fernão Cabral e de sua mulher, Dona Margarida. O próprio senhor do Jaguaripe costumava frequentar o templo, ajoelhando-se ante os ídolos; segundo um dos depoentes, ele era bom cristão, parecendo "que fazia aquilo por adquirir assim a gente gentia"⁷⁴.

Assim como Schwartz, Souza faz uma descrição de como as coisas funcionavam no engenho de Fernão Cabral. Não se compreende se a autora carrega consigo a mesma ideia de Vainfas e Schwartz sobre santidade como um movimento frente a colônia. Apesar de não ser um movimento exclusivo da Bahia, a *Santidade* se estabelece ao sul do Recôncavo Baiano, em Jaguaripe⁷⁵. O autor ainda continua observando que embora a seita seja realizada pelos gentios desta terra, há uma forte presença de escravizados tanto indígenas como africanos que fugiam para essas bandas e constituíam a seita. O sincretismo identificado fica por conta das nomeações que eram feitas dentro dos cultos, em que se nomeava tanto *bispos* como *papas*. Além de que havia a adoração de uma *gentia*, que se denominava como mãe de Deus.

Em outra pesquisa⁷⁶ que trata do mesmo assunto, Schwartz considera a existência dessas possibilidades de culto religiosos pagãos, como algo que se reflete na própria maneira como fora construído. O autor diz.

A verdadeira chave do progresso da colônia consistiu, porém, na relação entre o crescimento da economia açucareira, a exploração e eliminação dos povos indígenas locais e a introdução de escravos africanos. Esse processo transformou a face populacional da colônia, reunindo elementos de sistemas culturais e religiosos de três

⁷⁴ SOUZA, 1986 p: 95.

⁷⁵ SCHWARTZ, 2011 p: 55.

⁷⁶ SCHWARTZ, 2011.

*continentes e ao mesmo tempo criando uma série de desigualdades sobrepostas que se baseavam na religião, na raça e na origem e favoreciam os europeus, mesmo os de baixa renda*⁷⁷.

A Cidade da Bahia, neste momento, apresentava exatamente essa transformação na face populacional da colônia. As relações entre os diversas diferenças daquela sociedade, possibilitou uma forte integralidade entre todas as localidades do recôncavo e uma relação social em diferentes níveis de intensidade que formavam uma espécie de *rede de comunicação*⁷⁸.

É importante observar que – apesar de tratar assuntos similares – estes autores abordam a Inquisição de uma outra maneira. É possível perceber que estes autores concentram sua atenção em testemunho mais corriqueiros, que retratam a perspectiva da elite daquela sociedade. Pouca atenção é dada aos testemunhos que os escravizados atuam como participantes do fato. Veremos nos próximos capítulos que os escravizados aparecem nos testemunhos tanto como denunciante, interlocutores e acusados. E este fato não é mencionado ou aprofundado por estes pesquisadores. Não contamos, por exemplo, com uma discussão sobre o espaço geográfico e sobre a relação de ligação que todas estas localidades carregam entre si.

É notório que, apesar da similaridade dos assuntos, os olhares, a metodologia e o próprio objetivo se diferem em algum nível de intensidade. Todavia, o espaço geográfico – principalmente no caso do Recôncavo – é de extrema relevância para compreender da maneira mais verossímil possível os eventos que ali ocorreram. Quando olhamos para Jaguaripe, por exemplo, não é explícito nas citadas pesquisas que a relação entre esta localidade e a Cidade de Salvador – palco da visita do Santo Ofício – não são tão simples quanto parecem. Se nos realocarmos a distâncias geográficas, Jaguaripe está localizada à extremo sudoeste da Cidade de Salvador, separados pela vasta Ilha de Itaparica. Não se caracteriza uma relação de proximidade geográfica, que tem, por exemplo, a Cidade de Salvador e Rio Vermelho que se encontram localizados em espaços próximos.

⁷⁷ SCHWARTZ, 2009 p: 270

⁷⁸ CARVALHO & SATO, 2016

Ou ainda que Jaguaripe segue sendo a localidade mais extrema (em relação ao mar) e, ao mesmo tempo, mais interiorana do recôncavo. Se observarmos o espaço que Jaguaripe ocupa dentro da geografia da Bahia naquele momento, notaremos que se faz muito plausível a realização dos ritos e cultos pagãos, ou mesmo da grande quantidade de gentios e escravizados que fugiram dos seus senhores e ocupavam aquele espaço. Isto porque o local em questão fica próximo de sertões onde se habitavam muito dos ditos índios. O que faz muito sentido quando nos relatos das denúncias diziam-se que vinham muitos escravizados dos ditos sertões para se ajuntar à sagrada santidade. Vejamos.

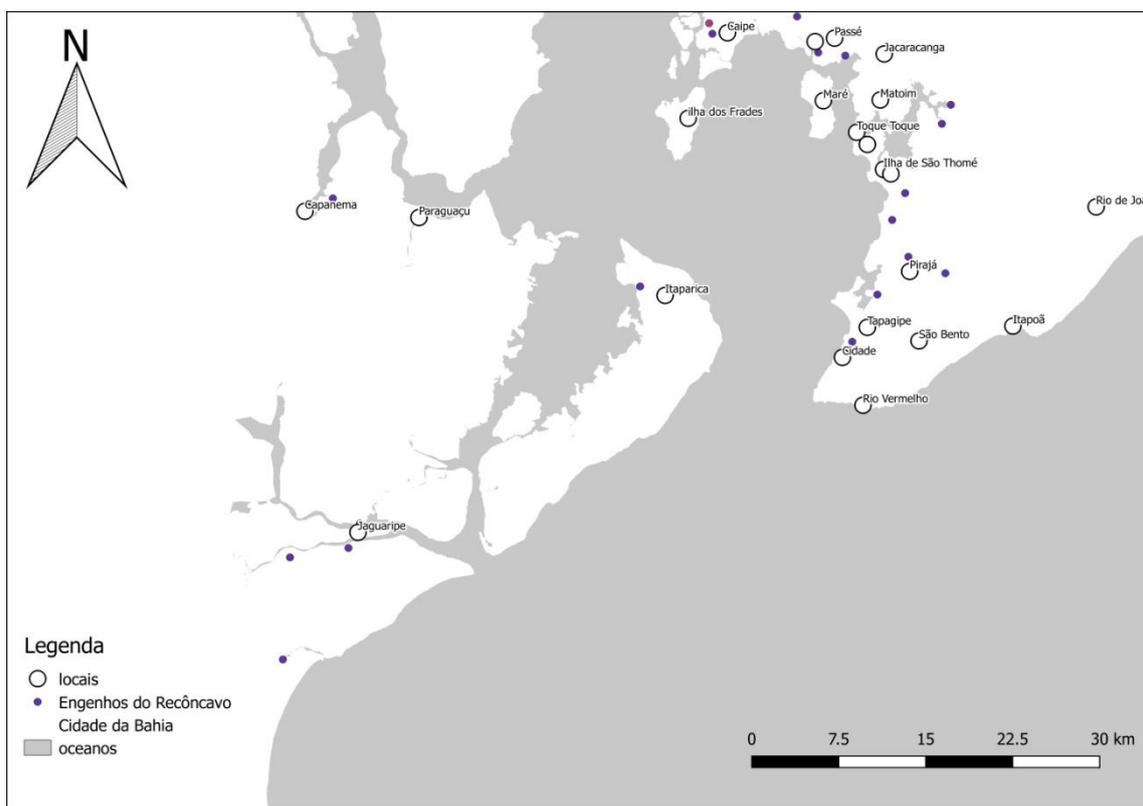


Figura 13 - Mapa vetorizado demonstrando a localidade de Jaguaripe.

A partir deste mapa, podemos observar todas as notações feitas anteriormente acerca da localidade de Jaguaripe. Além de podermos entender melhor o que Jaguaripe representa dentro do Recôncavo Baiano.

Podemos observar também que – apesar de ser fama pública entre os moradores do recôncavo – o caso de Fernão Cabral e de toda a localidade de Jaguaripe, se concentra especialmente com mais três localidades: a cidade de Salvador, Matoim,

Itaparica e Itapoã. Isto não quer dizer que não há integralidade com as outras cidades, mas especialmente estas são as que mais citam Jaguaripe nas denúncias do Santo Ofício. É coincidentemente relacionada à localidades em que mais se concentra a presença Engenhos dentro do Recôncavo⁷⁹.

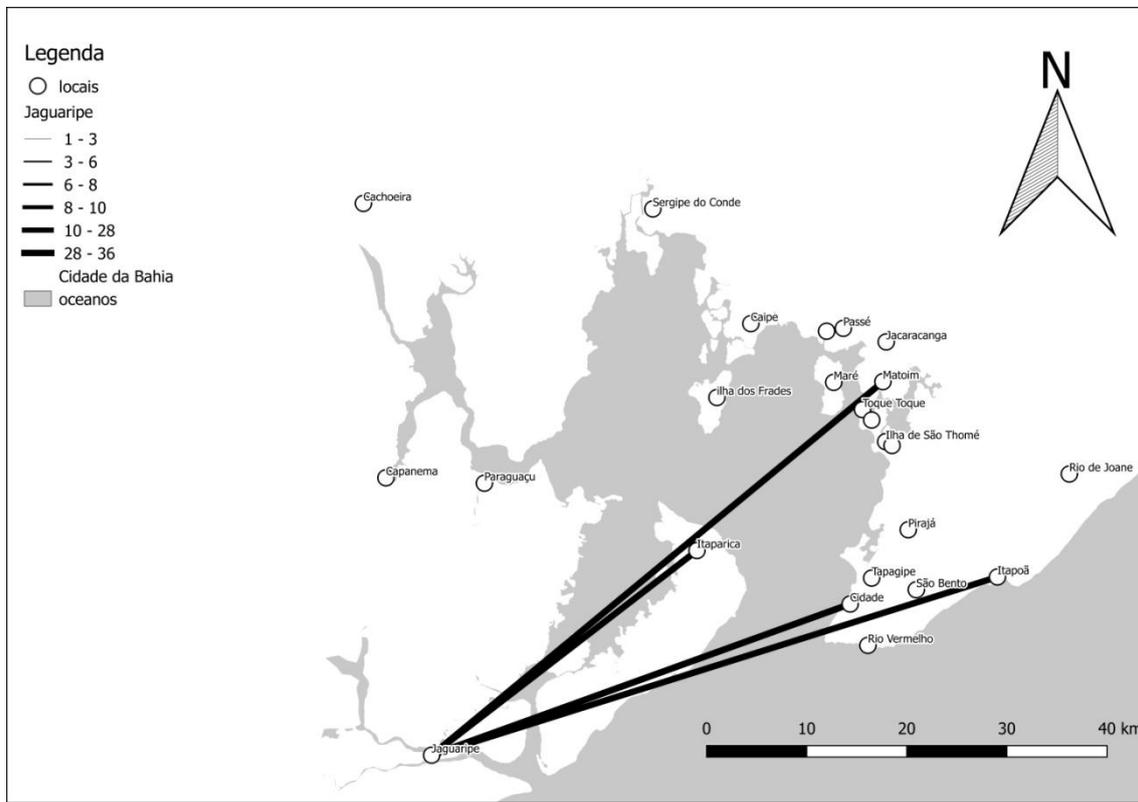


Figura 14 - Mapa Vetorizado demonstrando as ligações mais intensas de Jaguaripe

Assim como define a historiadora, Dayane Augusta Silva, a circulação de informações durante o período inquisitória a cidade da Bahia não confiava suas palavras apenas aos colonos ou aos fidalgos e senhorios daquela época, mas também passavam pelos ouvidos e bocas de escravizados. Neste mapa acima, podemos ver as localidades que mais partiram denúncias sobre Fernão Cabral. Não se sabe como isso se tornara fama pública, mas me parece muito plausível a afirmação de Dayane quando lembramos o que ocorrera naquele espaço de Jaguaripe. Como as informações atravessavam quilômetros e quilômetros de extensão entre as localidades de Jaguaripe e Salvador, por exemplo? Seriam, então, os escravizados – como afirma Dayane – os veiculantes das informações? Como as fugas eram empreendidas e realocada para Jaguaripe? Nos debruçaremos melhor sobre isso nos próximos capítulos.

⁷⁹ Ver figura 7

Capítulo 4 - Análise de algumas variáveis da fonte: idade, origem e qualificativo.

Para esta sessão, foi realizado uma análise sobre algumas variáveis que foram percebidas durante a execução desta pesquisa. Em conformidade com o que já apresentamos em relação a estrutura da fonte e a forma como tratamos os dados, buscou-se fazer um cruzamento de informações de forma que pudesse ser averiguado alguns aspectos desta sociedade. Pensando também de acordo com o que apresentamos no capítulo referente ao social network, procurou-se verificar quais são as idades destas pessoas que denunciam, a origem da qual estas pertencem e seus qualitativos.

Os resultados destes cruzamentos, em suma, são diversas interações que não estão explicita nos relatos. A partir da utilização do Sistema de Informações Geográficas, podemos compreender um pouco como aquela sociedade também se organizava. Analisamos três tipos de classificações que são pertinentes em uma tentativa de compreensão da organização daquela sociedade, que são: a naturalidade dos depoentes; a Idade e o que vamos chamar aqui de *qualificativo*. Vejamos

- Naturalidade:

Quando se faz a descrição destas naturalidades podemos encontrar pessoas advindas de muitos lugares. Há a presença, inclusive, de menções a franceses⁸⁰ e espanhóis nas denúncias do Santo Ofício. Entretanto, as que mais ocorrem são pessoas naturais de Portugal e da própria Bahia. As localidades que tangem a naturalidade de quem mais aparece são de pessoas advindas de (a): Ilha terceira; Ilha de Santa Maria; Ilhéus; Guimarães; Arouca; Lisboa; Elvas; Porto; Torres Novas; Viana e da Cidade da Bahia. Dentre estas, se fizermos uma espécie de um Ranking, as naturalidades que mais aparecem são de pessoas da Lisboa, Bahia e Porto.

Esses dados foram coletados e cruzados da seguinte forma: descobrimos a localidade de cada pessoa que denunciou e foi denunciada. Através de cada denuncia, foi classificado um cruzamento de relação social em três níveis de intensidade: relação de testemunha ocular, testemunha interlocutora e informações de fama pública. Quando

⁸⁰ PVB-D-1590-014

o caso é caracterizado como ocular, significa que o denunciante viu o fato relatado pessoalmente. Quando a relação é de testemunha interlocutora significa que há a presença de uma segunda pessoa na denúncia, que comunicou ou comentou o fato com este denunciante. E o de fama pública se caracteriza em sua forma literal, sendo o fato denunciado conhecido por todos. A partir dessa coleta de informações, foi possível cruzar dados como de localidade e naturalidade, e observar onde estão localizadas as naturalidades na Cidade da Bahia e como estas interagem. Vejamos:

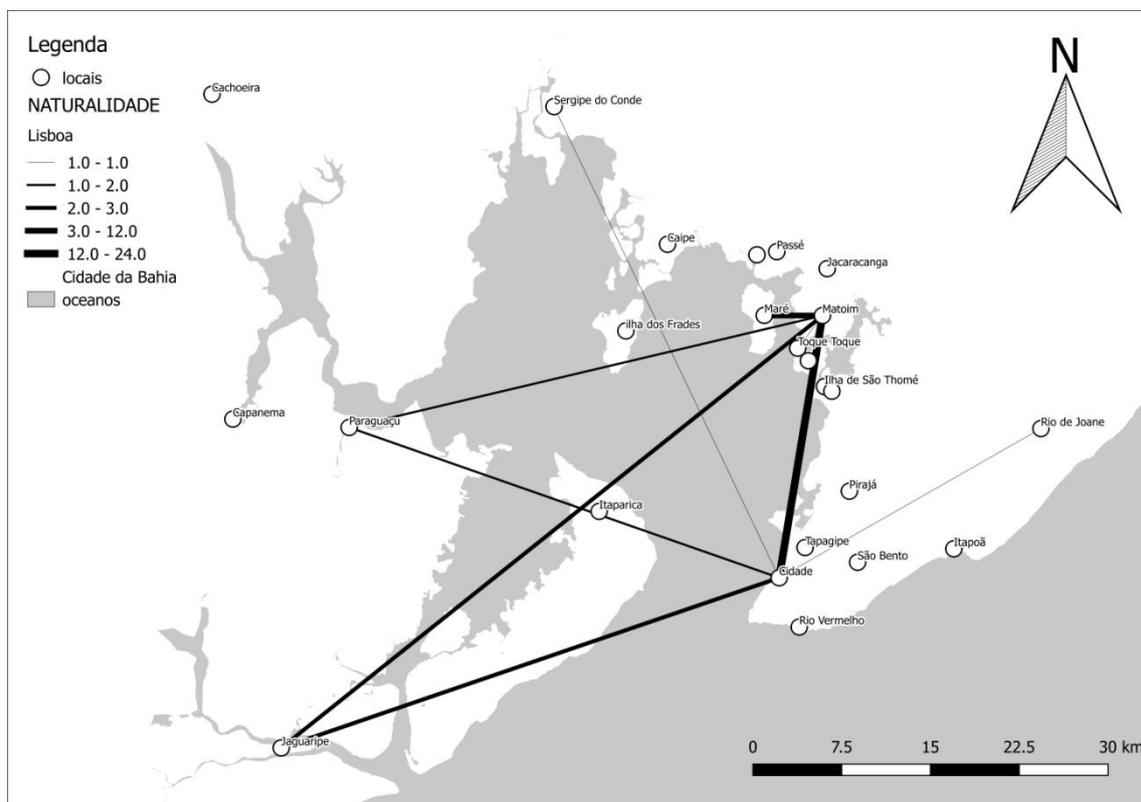


Figura 15 - Mapa vetorizado representando a localidade que tangem naturalidades referentes à Lisboa.

Neste mapa podemos observar uma rede entre pessoas residentes nas referenciadas cidades. Rede esta que é montada a partir da interlocução de diferentes agentes em diferentes níveis de relação social. Se analisarmos como se procedeu até a concretização deste mapa, e o que este nos mostra agora, podemos tratar como: a partir da menção de diversos agentes que são identificados a partir da sua localidade, podemos compreender essa visualização, demonstrando que há – em algum nível de intensidade – a interação entre pessoas de diversas localidades. Se este mapa pudesse ser desmontado em pequenos quadros, esta seria a forma de como ele seria montado novamente.

No tocante ao que este nos mostra, podemos compreender que pessoas naturais de Lisboa estão localizada nestas determinadas cidades e sua interação circula por esses espaços. Neste caso, este mapa nos apresenta que determinada parcela dos 213 denunciante são naturais de Lisboa e se localizam e denunciam pessoas residentes nestas localidades do recôncavo. Matoim e a Cidade são as que mais demonstram essa interação dos naturais de Lisboa. O que podemos imaginar também a distribuição destes agentes pela Cidade da Bahia neste primeiro século da colonização. Se observarmos a figura 13 podemos observar que estas duas cidades se destacam pela maior presença de numero de engenhos. E, se destaca também agora, pela maior interação entre Lisboetas em uma região de tanto destaque. Comparemos agora com os advindos do Porto:

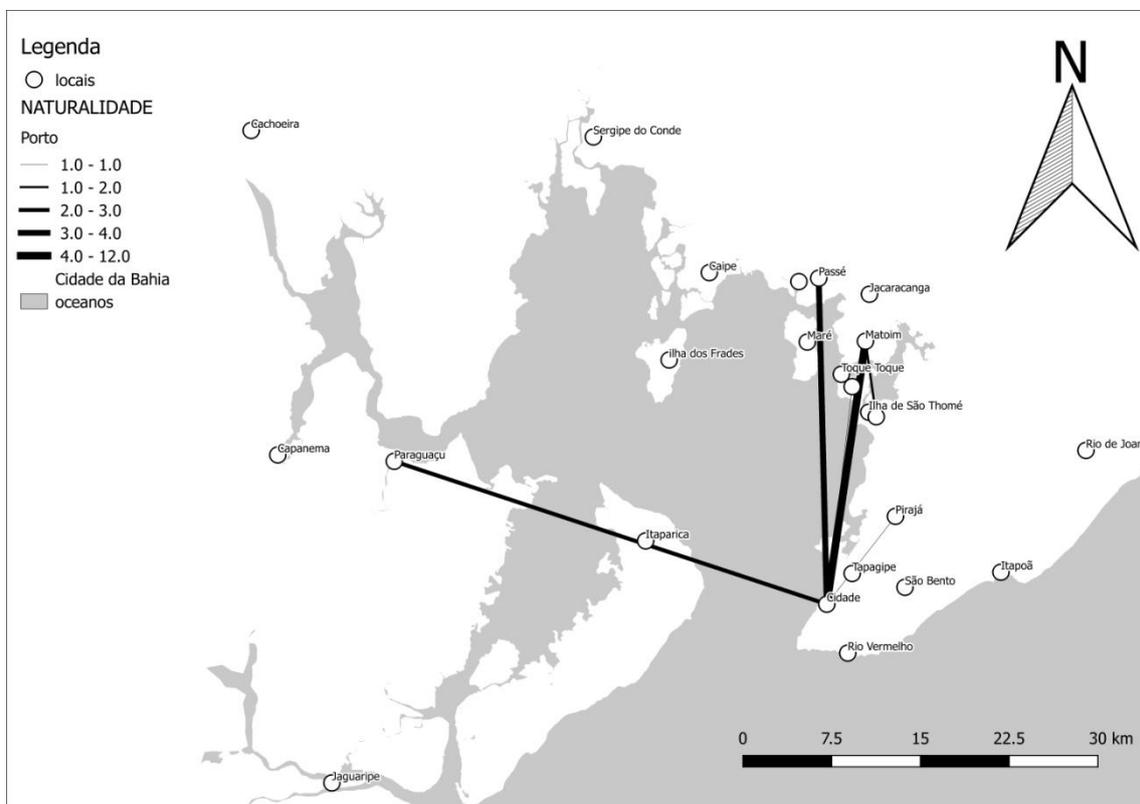


Figura 16- Mapa vetorizado representando a localidade que tangem naturalidades referentes à Porto.

Dessa vez, em uma parcela menor, os denunciante que tem por naturalidade a cidade de Porto, se distribuem e se relacionam desta maneira apresentada no mapa. Podemos observar que os Portuenses possuem uma relação um pouco diferente daqueles que são naturais de Lisboa, por exemplo. Podemos concluir, por exemplo, que os agentes naturais do Porto que foram, por vontade própria ou não, até a mesa do Santo Ofício realizar alguma denúncia, não denunciaram o caso de Fernão

Cabral, tido por todos como fama pública na localidade de Jaguaripe. Se pensarmos nas já citadas historiografias e dos autores estudiosos do contexto e do período aqui trabalhados, podemos lembrar das falas sobre como a religião e a relação destes que então residiam na América portuguesa, não era tão ortodoxa assim. Ou mesmo a negligencia de diversos senhores de engenhos perante as condutas do catolicismo. O caso de Fernão para época era extremamente escandaloso, passivo de ser considerado heresia por qualquer um que minimamente vivesse sob as leis do Catolicismo. Bom, este mapa no mínimo nos mostra que para os Portuenses, o caso de Fernão não foi preocupante para uma denúncia à mesa do Santo Ofício. Ou que suas redes relacionais não eram extensas o suficiente para saber do caso de Fernão, o que considero esta uma hipótese fraca, visto que a seita religiosa de Jaguaripe era de fama pública. É notório que há diversos motivos para a formalização ou não de denúncias, que não parece ser alcançável aos nossos olhos. Todavia, se ligarmos isso com o que a historiografia relata, podemos observar que alguns Portuenses – pelo menos – pareciam não ligar muito para o propósito da Inquisição. Vejamos agora os de naturalidade da Cidade da Bahia.

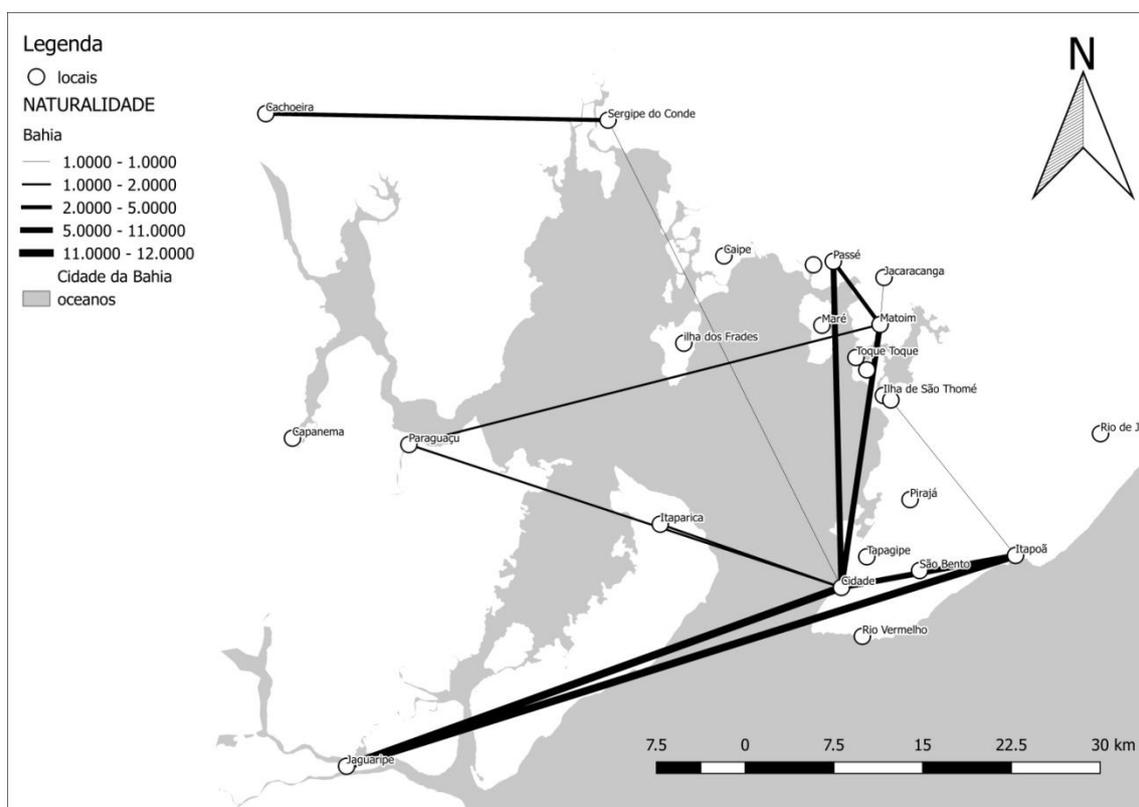


Figura 17 - Mapa vetorizado representando a localidade que tangem naturalidades referentes à Bahia.

Seguindo o mesmo pensamentos que demos aos dois mapas anteriores, este que representa os de naturalidade *baiana* também nos demonstra uma relação um tanto quanto diferente dos demais. Podemos assemelhar esta representação com os de naturalidade Lisboeta. Entretanto, os de naturalidade da Cidade da Bahia parecem ir além. Estes parecem se integrarem melhor socialmente e conhecer melhor o espaço territorial do recôncavo, por exemplo. Nos mostra até uma excepcionalidade, que é a interação entre residentes de Cachoeira e Sergipe do Conde, o que eu arrisco a dizer que todos os casos referentes a estas localidades são representados por aqueles que são naturais da Bahia. Podemos observar também que, diferente daqueles nascidos no Porto, o caso de Fernão Cabral foi de extrema importância no quesito denúncia a Inquisição para os nascidos na Bahia. Que demonstra que boa parte das denúncias contra o Senhor de Jaguaripe, partiram daqueles que nasceram na Bahia.

O que poderemos observar – nas páginas seguintes – que a maioria das denúncias endereçadas a Cabral, são de pessoais naturais da Bahia que em sua grande maioria, se denominam cristãos velhos.

Obviamente, podemos contar ainda com a presença de outras naturalidades dentro da parte que é relativa aos denunciante. Embora esse numero seja expressivamente menor que os exemplos anteriores, podemos ainda dispor com a existência de uma rede menor que se limita apenas a uma relação dual. Vejamos



Figura 18 - Mapa vetorizado representando a localidade que tangem naturalidades referentes à Ilha Terceira.

Nesta representação, podemos observar os denunciante de naturalidade pertencentes à Ilha Terceira, localizada em Portugal. Como relatado, os números de denunciante alusivos a tal nacionalidade são extremamente baixos se comparados aos Lisboaetas, Portuenses ou ainda aos "*baianos*". Todavia, podemos intentar a compreender que as relações sociais e geográficas destes advindos da Ilha Terceira, se resume a contatos com Jaguaripe e Tasuapina.

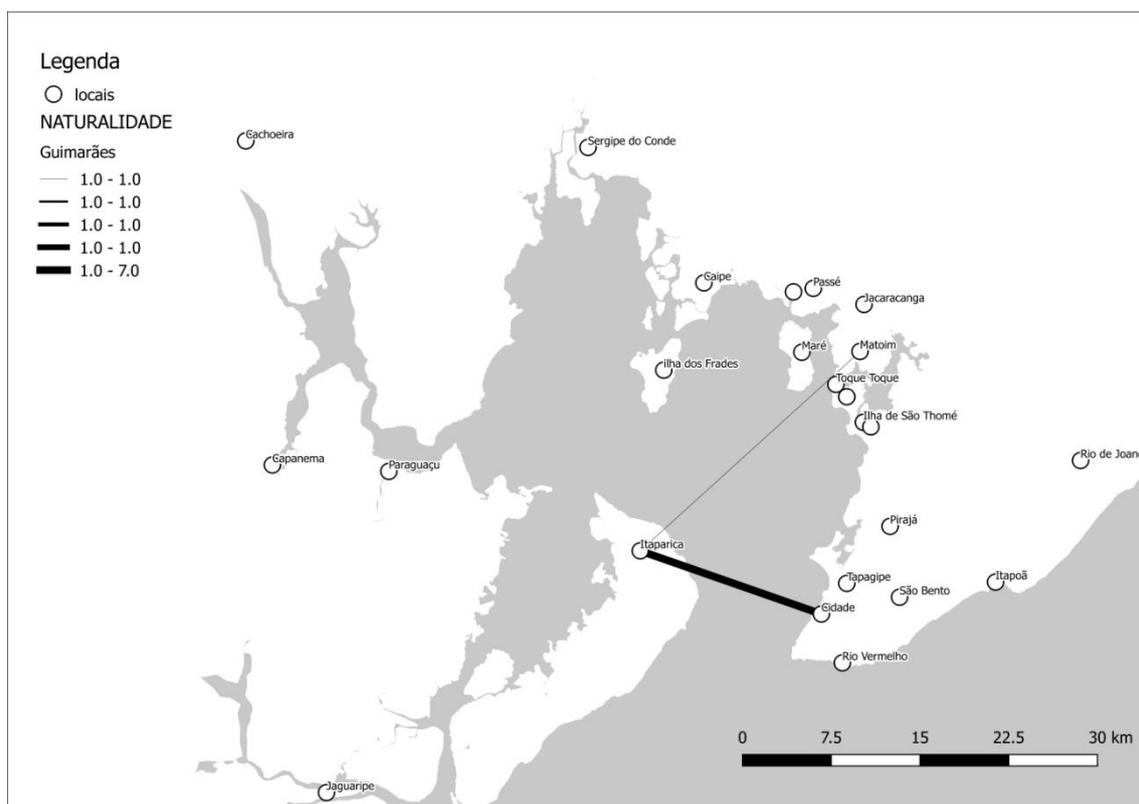


Figura 19 - Mapa vetorizado representando a localidade que tangem naturalidades referentes à Guimarães.

Desta mesma forma, podemos observar àqueles que são naturais de Guimarães, que também está localizada em Portugal. Com interações maiores que aqueles da Ilha Terceira, mas ainda menor que daqueles que possuem as naturalidades mais recorrentes, as pessoas advindas de Guimarães acabam por também manter uma relação da qual classifico como dual. Localizados em Itaparica, os denunciante Guimarãesense parecem manter uma relação com Matoim e uma mais forte com a Cidade.

- Qualificativo

O termo "qualificativo" nos refere a denominação que foi colocada na fonte de cada registro trabalhado. Assim como fizemos para recolher os dados e atribuí-los a mapas para a questão da naturalidade, fizemos também para esta classificação. Aqui a classificação "qualificativo" se divide em três termos: Cristão velho, Cristão novo e Cigano⁸¹. Estes termos foram mantidos a partir de categorizações que a própria fonte nos deu.

⁸¹ Apesar de estar presente nos qualificativos, encontramos pouquíssimos casos referentes. De modo que os dados se mostraram insuficiente para poder realizar uma representação específica ao termo.

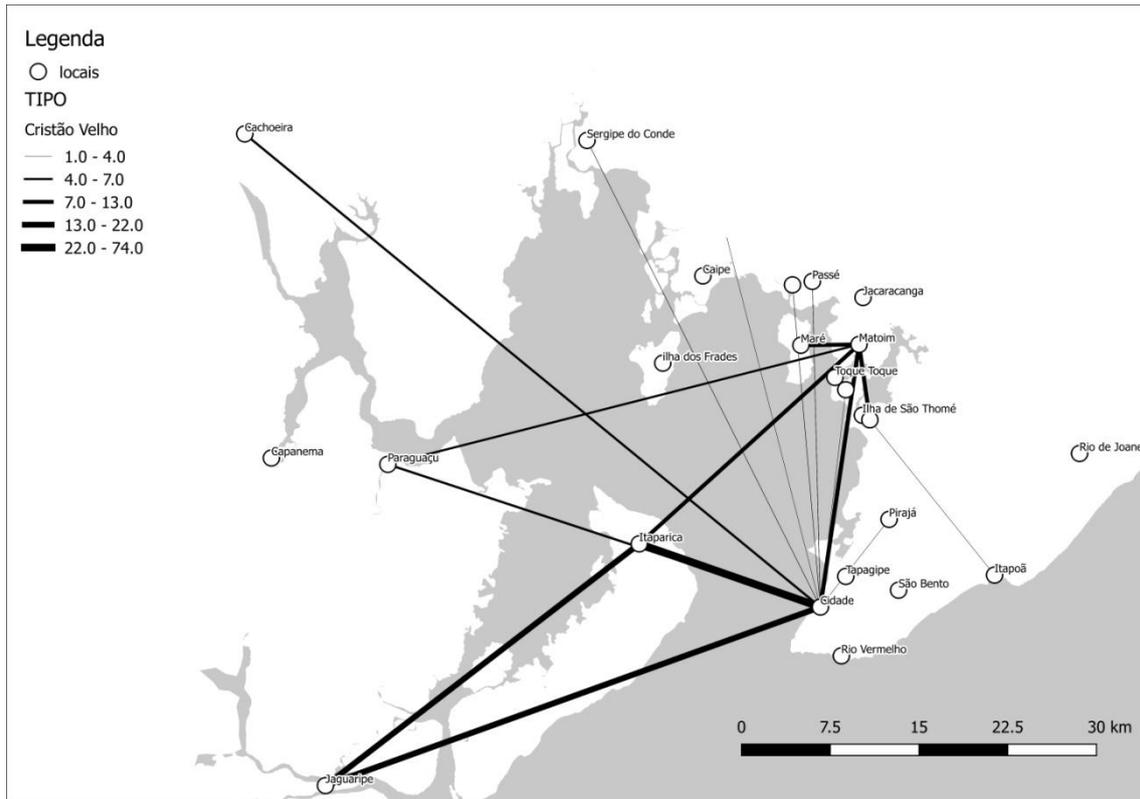


Figura 20 - Mapa vetORIZADO representando atribuições religiosas.

Este mapa nos mostra onde residem e com quem se relacionam os Cristãos Velhos na Cidade da Bahia. Como já era de se esperar, estão por todo o recôncavo denunciando suas consideradas heresias. Voltando aquela relação entre aqueles que são naturais da cidade da Bahia e o caso de Fernão Cabral, podemos observar aqui que a maioria daqueles que denunciaram Fernão, são cristãos velhos naturais de Salvador.



Figura 21 - Mapa vetorizado representando atribuições religiosas

Neste mapa, podemos observar algo curioso. Enquanto que os cristãos velhos participam em massa nas denúncias de heresia ao Santo Ofício e estão distribuídos por todo o recôncavo, os cristão novos aparecem minimamente como denunciante. Novamente, faço questão de salientar, que estes mapas dizem respeito às relações de denúncia. Quando voltamos nossas buscas por cristão novos na parte que está relacionado as confissões, encontramos diversos deles. Todavia, estes – por algum motivo – não aparecem como denunciante. Temos o caso da figura 11 que nos demonstra que há uma mera participação que liga um agente residente da cidade à Jaguaripe, o que provavelmente se refere ao caso de Fernão Cabral. Apesar dos cristãos novos aparecerem mais na parte de confissão, eles aparecem muito também como denunciado.

- Idade

Nos preocupamos em observar também a idade em que estariam todos aqueles que foram até a mesa do santo Ofício realizar alguma denúncia. O que percebemos foi que o número de denunciante cresce proporcionalmente com o avanço de idade destes agentes. Categorizamos os dados relativos à idade de forma que pudéssemos agrupá-los uma representação em décadas. Portanto, selecionamos idades precisas - que são as mais recorrentes - que represente grupos de décadas que vai de 10 à 50 anos. Desta maneira, contamos com mapas relativos à pessoas que contem a idade de 50, 30, 25 e 17. Vejamos

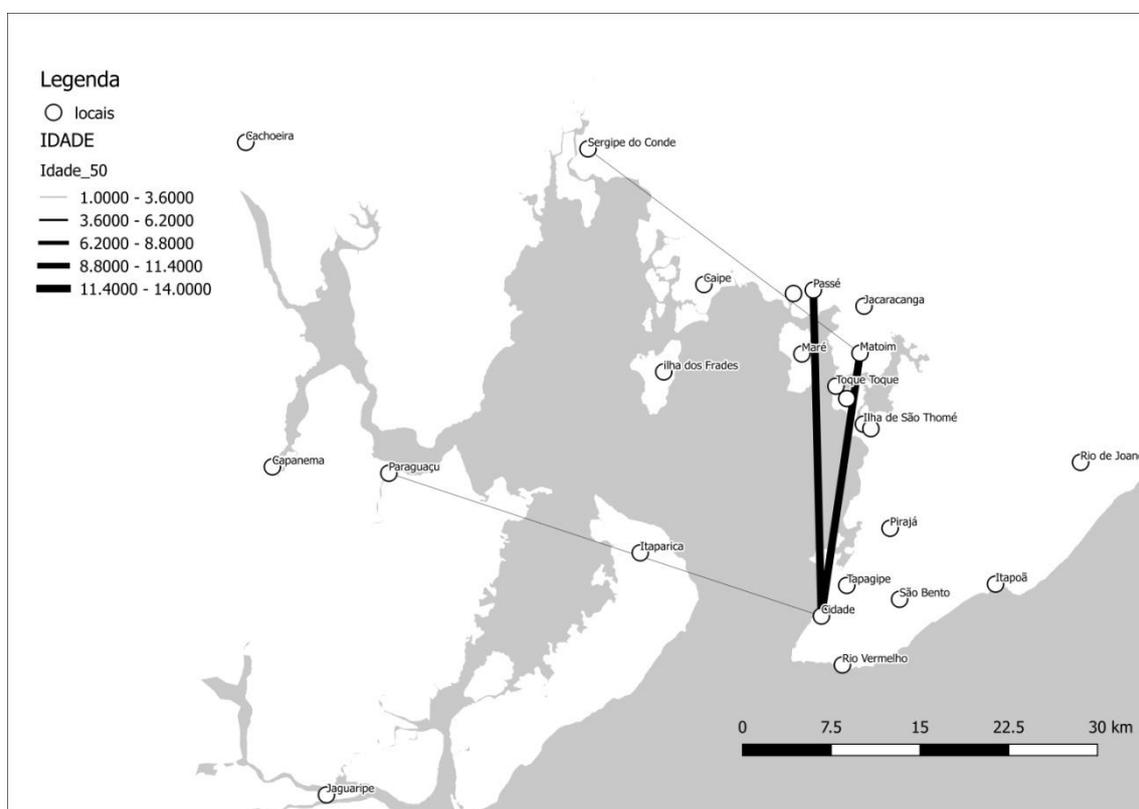


Figura 22 - Mapa vetorizado demonstrando a localidade dos agentes de acordo com sua idade aproximada.

Neste mapa podemos observar os denunciante que possuem a idade de 50 anos. Esta é a rede mais forte dentre as variáveis de idade. Podemos observar que aqueles que possuem a referida idade, se relacionam fortemente entre três pontos principais: a cidade (Salvador), Matoim e Passé.

Podemos observar também que neste caso não há conexão com o nosso famosíssimo Fernão Cabral. Vejamos o próximo mapa.

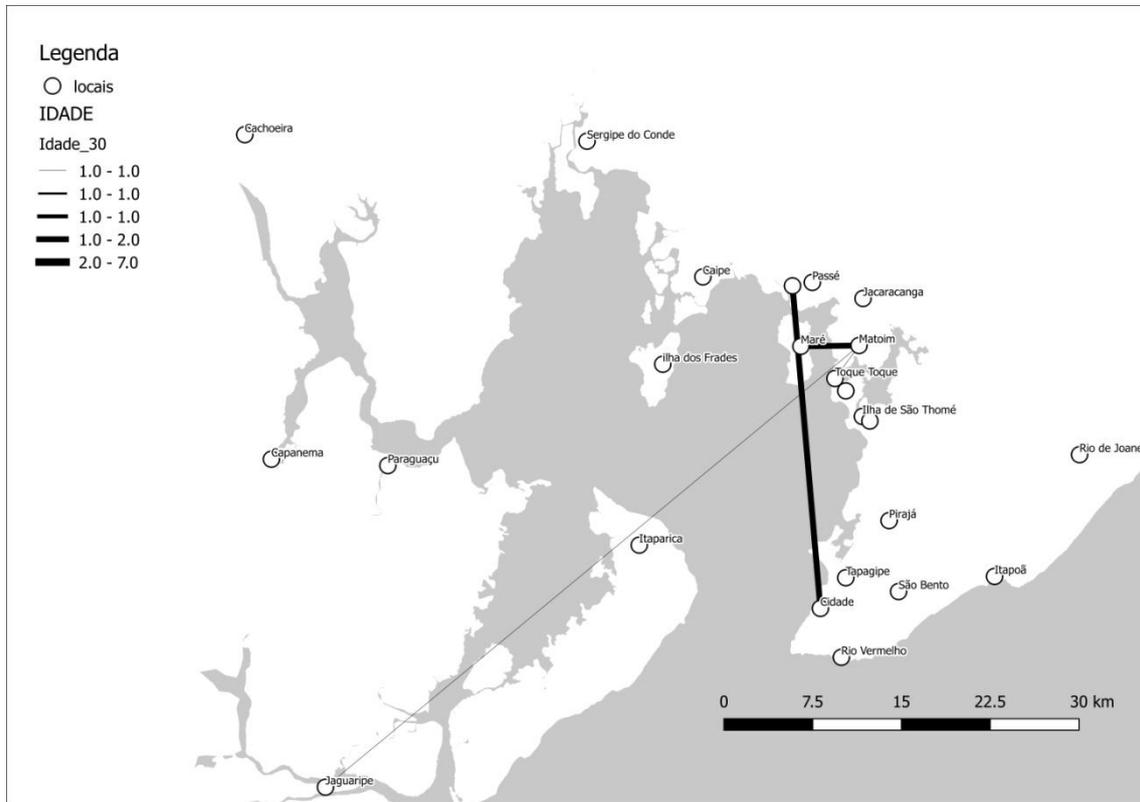


Figura 23 - Mapa vetORIZADO demonstrando a localidade dos agentes de acordo com sua idade aproximada.

Neste mapa, podemos observar as relações dos denunciadores que possuem 30 anos. Menor ainda que a rede daqueles que possuem a idade de 50 anos, todavia, ela parece estar entrelaçada com esta, quando observamos que os locais de ligações são relativamente semelhantes ao do grupo anterior. Vejamos o próximo mapa.

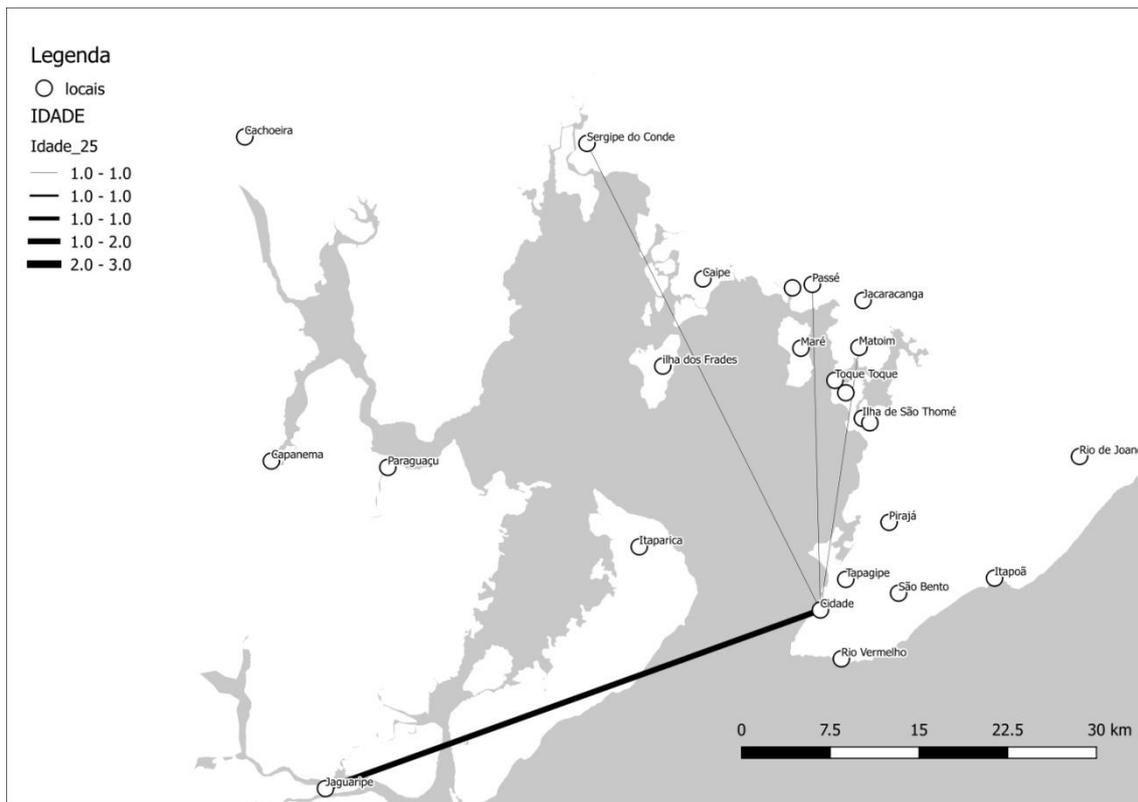


Figura 24 - Mapa vetORIZADO demonstrando a localidade dos agentes de acordo com sua idade aproximada.

Neste, podemos observar os denunciante que possuem a idade de 25 anos. Como observado, podemos observar que aqueles que possuem a referida idade, possuem uma rede menor e menos intensa que aqueles de idade superior. Para a referida idade, sua ligação mais forte se mostra com Jaguaripe, o que provavelmente, se ligara também com o caso de Fernão Cabral.

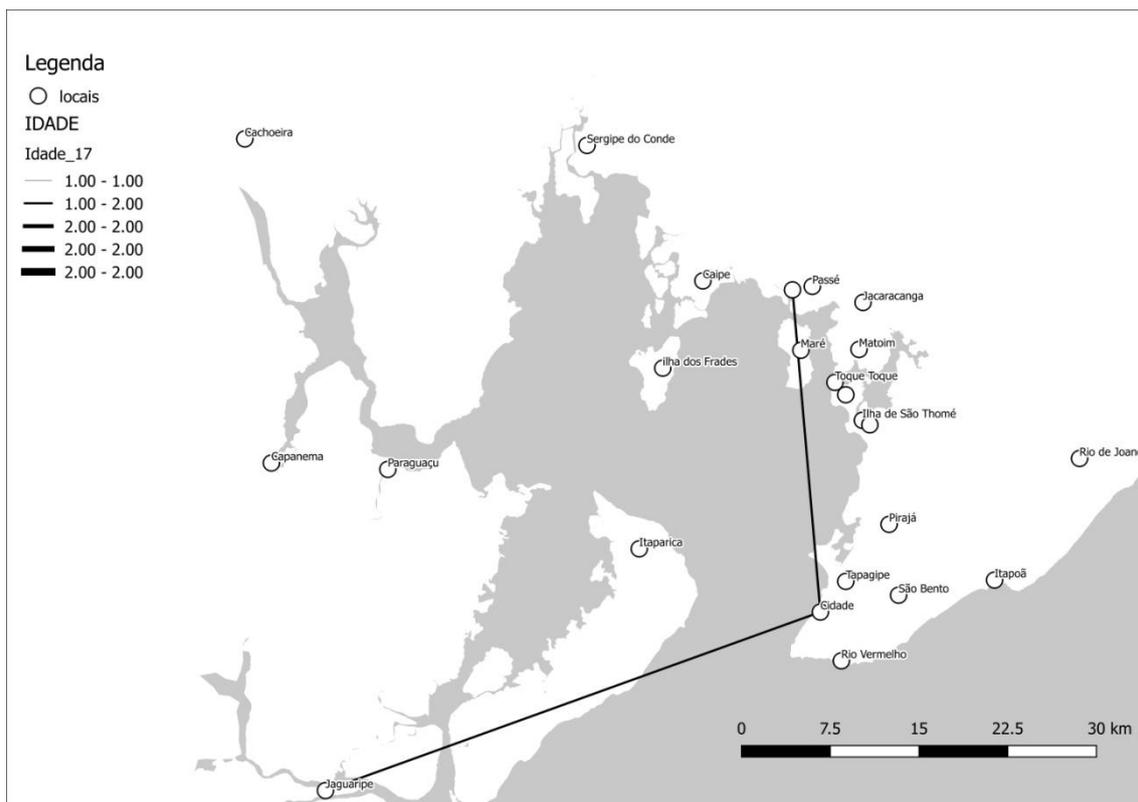


Figura 25 - Mapa vetorizado demonstrando a localidade dos agentes de acordo com sua idade aproximada.

Para aqueles que estão possuem a idade aproximada de 17 anos, temos poucos dados. Contamos apenas com dois casos que fazem referência a idade, ligando apenas duas localidades, demonstrando uma excepcionalidade dentro a *variável* idade, visto que se compararmos com os mais velhos, a atuação é bem maior.

O que estes dados nos mostram está ligado diretamente com as classificações sociais que podemos fazer para estes agentes na cidade da Bahia. Ao separarmos por categorias, podemos apreender e conhecer melhor um pouco dos nossos denunciante. Podendo observar em que localidades e regiões estes grupos parecem atuar mais. Como veremos no capítulo 5 desta pesquisa, alguns destes grupos se cruzam, estão mais preocupados com certo tipos de denúncias. Quando observamos o caso de Fernão Cabral, podemos observar que nem todas as pessoas falam sobre este caso, e que estas pessoas que falam ou deixam de falar, podem possuir características em comum com outros denunciante que atuam em uma mesma perspectiva que a dele. Quando observamos os denunciante da Santidade, podemos observar que a maioria deles são de cristãos velhos, naturais de Salvador e de Lisboa. Portanto, essa análise feita neste

capítulo nos possibilita um conhecimento maior sobre *grupos* que emergem a partir da compreensão destas categorias.

Capítulo 5 - Os escravizados, as redes e a mobilidade geográfica.

Como propunha a historiadora, *Dayane Augusta*, as informações referentes às denúncias ou práticas heréticas circularam por todo o recôncavo. A própria fonte, muitas vezes, realça essa afirmação quando sugere que tais heresias ou tal fato relatado é do conhecimento de todos ou, mais frequentemente citado, como sendo de fama pública. Demonstramos ainda neste estudo, um mapa que está representado pela figura 6 que confirma a hipótese trazida por Dayane, constatando que, de fato, as informações circularam por todo o recôncavo, distribuídas por diversas redes, que incluem características singulares, conforme vimos no capítulo 4 desta pesquisa, ou ainda em conjunto. Se faz necessário salientar também, que a autora traz para a discussão em conjunto com as ideias já mencionadas, a questão da *circularidade de informações*. A partir da idealização da *circularidade de informações*, a autora conseguiu enxergar não somente essa extensa movimentação da *informação* pelo recôncavo, mas observou também que os escravizados possuíam voz de confiança entre os denunciadores, atuando por muitas vezes, como veiculador destas informações. A Historiadora diz:

A circulação de escravos no espaço físico da capitania baiana da época permitiu que ideias sobre heresias e outros temas fossem difundidos e tivessem um grande alcance, chegando à mesa da Inquisição. Isso contribuiu para que um sem-número de escravos, longe de estarem passivos ou conformados com a condição social a que lhes era atribuída, mudassem sua condição, depondo na mesa da Inquisição ou "fazendo" com que outros depusessem por eles⁸².

Este último capítulo se dedicará, portanto, em dialogar com as ideias apresentadas pela autora mencionada. A partir deste *insight* pensado por *Silva*, tentaremos aqui visualizar quem eram esses escravizados e de que forma estes apareciam nos relatos do Santo Ofício. Nos dedicaremos também em pensar o conteúdo dos relatos em que são mencionados, e como a sua voz poderia ecoar pelo território do recôncavo.

Acordado com o nosso banco de dados, podemos contar com um total de 61 registros que fazem menções à escravizados, sejam como denunciadores, participantes de denúncias ou como veiculadores da informação. Destes 61 registros, podemos dispor de

⁸² SILVA, 2014 p: 128

33 registros em que são feitas descrições onomásticas destes escravizados. Estes documentos estão agrupados nos livros referentes as duas visitas feitas à cidade da Bahia pela Santa Inquisição. Portanto, podemos classificá-las de diversos modos. Algumas são pertencentes à Primeira visita feita em 1590, no tocante às confissões; outras dizem respeito à Segunda visita realizada em 1621 também relativas às confissões. E, em especial, os 33 registros que possuem os nomes dos escravizados são referentes a Primeira Visitação, que tange somente às denúncias. Nos debruçaremos nas páginas seguintes, portanto, um pouco acerca de alguns casos relativos a estes em que podemos contar com o nome dos escravizados.

Podemos iniciar nossa discussão com um caso específico, que tem por objetivo denunciar Fernão Cabral e sua mulher, sob a já clássica e notória acusação de organização de seitas religiosas sobre as propriedades dos mencionados em Jaguaripe. Este caso diz respeito a denuncia realizada por Maria da Fonseca, cristã velha e natural da Bahia, que não somente acusa Fernão dos atos, mas nomeia alguns escravizados participantes do fato, vejamos o documento na íntegra.

Maria da Fonseca diz ser cristã velha, natural da cidade de Salvador e filha de Belchior da Fonseca e de sua esposa, Victoria de Figueiredo que no presente momento, era defunta. Maria possui a idade de 17 anos e é moradora na referida cidade em casa de seus pai.

Contra Fernão Cabral e-sua mulher D. Margarida

17 de Agosto de 1591

[Maria da Fonseca que não sabia assinar]

disse ser cristã velha natural desta cidade filha de Belchior da Fonseca e de sua molher Victoria de figueiredo, defunta, donzella de dezasete annos, moradora nesta cidade em casa do dito seu pai e denunciando disse que averá seis annos que morando em Jaguaripe hia aos domingos e dias santos a casa de Fernão Cabral seu vezinho folgar com suas filhas e nes- se tempo via que ho dito Fernão Cabral consentia os seus negros cristãos do seu engenho irem a huã abusão de hum idolo dos gentios que elle tinha em huã sua aldea e consentia fazer as ceremonias dos gentios c rebautizarem se ao modo delles, e huma vez estando ella denunciante presente foi huã negra do dicto Fernão Cabral cristã mãi doutra sua negra Sabina pedir licença a

sua senhora Dona Margarida molher do dito Fernão Cabral pera bautizar ao dito modo gentio da dita abusão a outra negra tambem sua do seu engenho, e a dita Dona Margarida lhe respondeo que a fossem bautizar, e outros declarou que disse Dona Margarida desculpando se que consentia aquillo por adquerirem hum gentio principal daquella Santidade que estava no sertão em cuja busca erão idos alguns homens brancos e sabe que outros muitos negros, da terra do ditto Fernão Cabral se rebautizarão na dita abusão a saber, Domingos taxeiro, e Antonio c Fernãodo, Cristovão e o Cão grande, e sua molher e outros que lhe não lembram os quais sendo cristãos e tendo aquelles nomes se rebautizavão pello dito modo gentio e tomavão outros nomes que lhe punha a gentia que os bautizava os quais nomes são a saber Unduari que foi posto a Lois escravo de Gaspar Francisco de Taparica, Bujuri que foi posto ao ditto Domingos taxeiro e tudo isto sabia o ditto Fernão Cabral, e sendo mais perguntado disse que o ditto Fernão Cabral e a ditto sua molher Dona Margarida estavam em seu sizo e são discretos⁸³. [SIC]

Maria da Fonseca faz duas acusações em seu relato. Uma se endereça à Dona Margarida, mulher de Fernão Cabral e a outra ao dito cujo. Dona Margarida é acusada de conceder a uma de suas escravizadas, o direito de batizar sua filha nos moldes que eram feitos os batismos pela Santidade. Quando questionada, Dona Margarida revela que só permitia aquelas concessões por ter adquirido um gentio que era considerado "um dos principais daquela santidade⁸⁴". Margarida diz ainda que tantos outros vão até a Santidade para se batizarem, deixando a entender que aquela era uma prática comum, visto o motivo apresentado por ela.

O que é, para nós, mais interessante neste relato, tange justa a parte em que Dona Margarida relata sobre esta ser uma prática um tanto quanto que comum, demonstrando que aquele relato não era um episódio inédito. A partir desta constatação, pode ser visto a denominação de alguns homens brancos e escravizados, tais como: *Domingos Taxeiro, Antonio, Cristovão e Cão grande*, sendo este último, escravizado pertencente a Fernão. Todavia, um escravizado específico nos chama atenção. *Lois*, ou

⁸³ PVB-D-1590-082

⁸⁴ PVB-D-1590-082

por seu novo nome de batismo, *Unduari*, é um escravizado que fora batizado, mas não é pertencente a Fernão e sim a *Gaspar Francisco*, que ora eram residentes em Itaparica.

Observemos agora, outro caso que nos trará semelhanças com este primeiro. Desta vez, temos como denunciante *Mecia Barbosa*, cristã velha, natural da capitania de Porto Seguro, estando residente na cidade de Salvador. Os alvos da denúncia são: o índio *Silvestre*, Simão da Proença, Rui Lopes e Domingos Fernandes. Todavia, concentraremos nossa atenção somente neste primeiro denunciado, do qual iremos ler a parte em que é mencionado no testemunho a seguir:

"Contra o indio Silvestre, Simão da Proença, Rui Lopes e Domingos Fernandes

25 de Agosto de 1591

[Mecia Barbosa]

dixe ser cristã velha natural da capitania de Porto Seguro costa deste Brazil filha de Gonçalo Pires defunto capitão que foi da dita capitania e de sua molher Maria Barbosa de idade de trinta e sete annos pouco mais ou menos casada com Joam da Rocha Vicente, estante ora nesta cidade que está óra pera hir ser morador da cidade de S. Cristovão de Ceregipe desta Capitania, e denunciando dixe que averá cinco annos pouco mais ou menos no tempo que andou nestas terra a abusão gentilica chamada Santidade, hum seu indio deste Brasil, per nome Silvestre, que ora poderá ser de idade de quarenta annos, e á dezoito annos que he cristão e óra esta em poder, de Gaspar Curado capitão óra da dita capitania de Porto Seguro, andou na dita Capitania fazendo as cerimonias da dita abusão e pregando a e ensinando a aos outros indios induzindo os que creessem nella e de tal maneira os induzio que adquierio assim muita sóma delles os quais o seguiam andando levantados com elle pellas roças fazendo as cerimonias da dita erronia na qual diziam que era aquelle o tempo em que tinham o seu Deus e os seus santos verdadeiros e que elles indios aviam de ficar senhores dos brancos e os brancos seus escravos, e que quem não cresse nesta sua erronia a qual elles chamavão Santidade se aviam de con-verter em peixes e passaros e assim tinham outros abusos sem prepositos e que o dito Silvestre durou nesta inquietação e nestes induzimentos tres ou quatro mezes, e o dito seu marido o mandou prender nos matos e o açoutou e meteu em gri- lhôis por isto, e o dito Gaspar Curado o tirou dos grilhões e o tem ora em seu poder⁸⁵". [...]

Mecia conta uma história que, estando ela na capitania de Porto Seguro, andou por lá um *Índio deste Brasil*, por nome Silvestre, o qual fazia parte da abusão gentílica

⁸⁵ PVB-D-1590-154

chamada Santidade. Abusão esta que bem nos lembra a já mencionada diversas vezes, seita religiosa, organizada por Fernão Cabral e seus escravizados pelas bandas de Jaguaripe. Mecia nos conta que Silvestre – então pertencente à Santidade de Jaguaripe – andou pelas terras de Porto Seguro, organizando cerimônias, pregando e induzindo outros índios a se juntar a Santidade, com o discurso⁸⁶ anti-colono, muito bem trabalhado por Vainfas⁸⁷. Segundo Mécia, Silvestre pareceu ter êxito, visto que muitos índios aderiram ao seu grupo. Por fim, Silvestre fica a cargo de Gaspar Curado, que reside em Porto Seguro.

Os casos de *Unduari* e *Silvestre* se tornam importantes para nós quando passamos a observar as diferentes localidades que estes circulam. Em um primeiro momento, sabemos que *Unduari* pertence a um senhor de Engenho residente em Itaparica. No segundo caso, vemos Silvestre – que pertence a dita Santidade de Jaguaripe – circulando pelas terras de Porto Seguro, com o objetivo que bem nos lembra as expedições organizada por Fernão Cabral, deixada a encargo de Domingos Fernandes, mais conhecido como Tomacaúna. Vejamos parte da confissão de Tomacaúna à mesa do Santo Ofício.

"CONFISSÃO DE DOMINGOS FERNANDES NOBRE, DE ALCUNHA TOMACAÚNA, MESTIÇO, CRISTÃO-VELHO, NO TEMPO DA GRAÇA DO RECÔNCAVO, NO ÚLTIMO DIA DELA, EM 11 DE FEVEREIRO DE 1592

Disse ser cristão-velho, natural de Pernambuco, costa deste Brasil, mameluco, filho de Miguel Fernandes, homem branco, pedreiro, e de Joana, negra do gentio deste Brasil, defuntos, de idade de quarenta e seis anos, casado com Isabel Beliaga, mulher branca, cristã-velha, morador nesta cidade e não tem ofício [...] Confessou que haverá vinte anos pouco mais ou menos que ele foi ao sertão de Porto Seguro em companhia de Antônio Dias Adorno, à conquista do ouro, e no dito sertão ele usou dos usos e costumes dos gentios, tingindo-se pelas pernas com uma tinta chamada urucum e outra jenipapo, e empenando-se pela cabeça de penas, e tangendo os pandeiros dos gentios, que são uns cabaços com pedras dentro, e tangendo seus atabaques e instrumentos, bailando com eles, cantando

⁸⁶ Ver Capítulo 3 desta dissertação.

⁸⁷ VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. 275 p. ISBN 9788571644601.

*suas cantigas gentílicas pela língua gentílica que ele bem sabe, e que estas coisas fez por dar a entender aos gentios do dito sertão que ele era valente e não os temia, por andarem sempre em guerra*⁸⁸. [...]]

Podemos observar, então, uma movimentação por parte destes dois agentes históricos. Seja pelo motivo de adesão a uma nova comunidade, ou pela busca de novos membros, Unduari e Silvestre circulam de maneiras a serem testemunhada por denunciante. Vejamos agora, parte da confissão de Gonçalo Fernandes – cristão velho – acaba por contribuir com outros nomes que mostram essa circulação destes escravizados atrelado a estes motivos em sua confissão. Gonçalo nos conta:

*"[...] E como quer que a fama e nova de todas as ditas coisas da dita chamada Santidade correram e se espalharam por toda esta capitania, logo os brasis, todos escravos e forros, ou fugiam a seus senhores para o dito sertão a juntar-se na companhia dos da dita abusão, ou não fugindo, onde quer que estavam, usavam as ditas cerimônias e criam na dita abusão. E assim o fizeram os brasis cristãos que estavam na dita freguesia de Paripe, geralmente assim forros como cativos, Simão e Paulo, e todos seus companheiros escravos que ora são do doutor Ambrósio Peixoto e o foram de Francisca da Costa, já defunta, tia de sua mulher, e outros muitos que com eles se ajuntavam, cujos nomes lhe não lembram.[...] E por não dizer mais, foi perguntado quem o induziu a ele confessante e o provocou a crer na dita abusão e ido-latria, respondeu que um brasil, negro da terra, foi o pri-meiro que o induziu, pregando-lhe pela língua gentia que ele bem entende, que era verdade aquela Santidade e que vinha seu Deus, e defumando-o, o qual se chamava Manuel e era escravo do dito Antônio Pereira, já defunto*⁸⁹. [...]

A história de Gonçalo nos chama atenção por esta se tratar de uma confissão de participação dos cultos religiosos da santidade em Jaguaripe. O confessante inicia seu testemunho alertando sobre a existência da organização religiosa em Jaguaripe. Assim como tantos outros denunciante, ele é bem minucioso em sua explicação sobre o que acontecera por aquelas bandas. Todavia, Gonçalo confessa que foi seduzido a participar da seita, assim como Simão e Paulo, escravizados pertencentes à Ambrosio Peixoto

⁸⁸ PVB-C-1590-113

⁸⁹ PVB-C-1590-045

residentes em Paripe. Gonçalo continua a explicar sobre sua jornada pela seita⁹⁰, com detalhes que não nos interessa tanto em expor aqui, salvo o fato já mencionado na citação anterior, em que o confessante diz que fora induzido por um tal de Manuel, escravo de Antônio Pereira, residente em Matoim.

Desta vez, podemos notar a circulação de Gonçalo – cristão velho e mameluco – e também de Simão e Paulo, que se juntaram, assim como outros escravos, à dita abusão gentílica pelas bandas de Jaguaripe.

Dada estas informações, o que é para nós mais importante salientar, como já mencionado diversas vezes, é o local por onde estes circulam. Vejamos

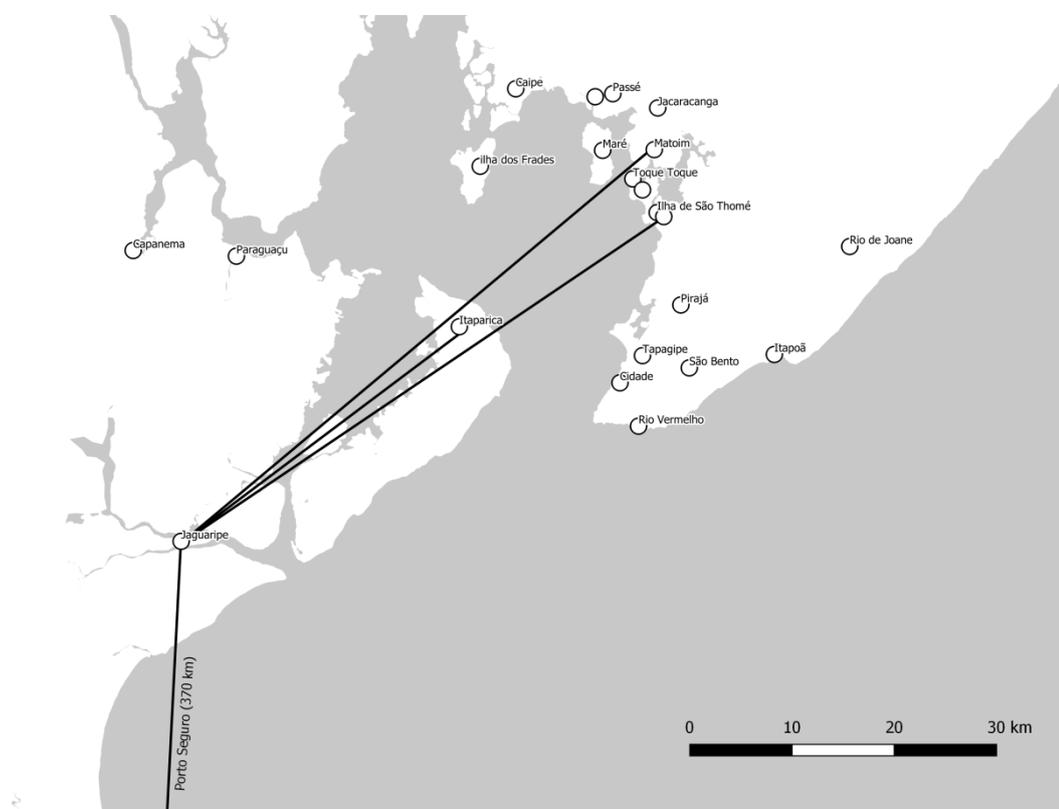


Figura 26 - Mapa vetorizado representando a circulação de alguns escravizados referentes a santidade de Jaguaripe.

Analisando os casos que acabamos de apresentar, podemos perceber uma movimentação por parte dos escravizados, que ligam diretamente estes cinco territórios. Se nos remetermos as ideias apresentadas anteriormente, podemos ver na ligação que conecta Jaguaripe a Itaparica, o caso de *Lois*, que fora batizado como *Unduraí*, denunciado por Maria da Fonseca, que sendo este escravo de Gaspar Francisco, residia em Itaparica, mas circulava no território em que a santidade se localizava. Ou ainda a

⁹⁰ PVB-C-1590-045

ligação que conecta Jaguaripe à Porto Seguro, demonstrando a denuncia de Mecia que acusou o dito *índio Silvestre* de ser responsável pela pregação a outros escravizados em Porto Seguro. Ou mesmo a ligação de Jaguaripe com Paripe e Matoim, demonstrando o último caso apresentado, em que Gonçalo Fernandes, afirmar ter participado – em conjunto com Simão, Paulo e outras escravizados – da dita abusão gentílica, induzidos por Manuel, escravizado participante e pregador da Seita, residente em Matoim.

Percebe-se que a *santidade* pode ter uma forte significância quando pensamos na circulação de escravizados pelo território do recôncavo. É notório que a mobilidade dos escravizados não se esgota em Jaguaripe e vice e versa. Todavia, através dos testemunhos, podemos compreender que a santidade e as missões de "evangelização" contribuíram e muito para a circulação de escravizados pelo espaço do recôncavo. Como vimos ao longo desta pesquisa, a santidade reuniu grandes quantidades de escravizados em Jaguaripe. Seja pelas expedições organizadas por Fernão Cabral a procura de mais seguidores, ou seja por iniciativa própria dos índios que tinham por fé, a terra sem mal que bem retrata Vainfas. Ou ainda por escravizados, tais como *Manuel*, que não aparece como mandado de Fernão Cabral, mas foi um importante pregador, que segundo testemunho⁹¹, levava muitos outros escravizados e até mesmo *Gonçalo*, para freqüentar a dita abusão.

Tendo isto em vista, apresento aqui um pouco da perspectiva dos autores discutidos no capítulo 2 desta pesquisa. Como visto, a organização desta seita religiosa não era desprezível. O numero elevado de denúncias direcionadas a Fernão Cabral não nos deixa mentir. A seita não é desprezível nem para os escravizados que a freqüentam, muito menos para a sociedade do recôncavo, que tornou o assunto conhecimento público. Jaguaripe representa uma rede que bem nos lembra as trazidas por ditos autores. Se tomarmos *Granovetter* e sua pesquisa *Strenght of Weak Ties*, podemos perceber como os laços fracos constituem laços relevantes dentro do nosso espaço. Se considerarmos Jaguaripe o *egos* da nossa rede, assim como traz Mitchel, podemos observar que diversas localidades se ligam à esta por laços que podem escapar aos nossos olhos. Ora, o escravizado Manuel, responsável pela pregação dos suscitados residentes de *Paripe*, apenas aparece aqui como frequentador da seita. Todavia, ainda assim, este usou de sua influência para induzir outros agentes históricos a visitar a dita seita. Manuel é um laço – em que podemos considerar como fraco – que se mostra

⁹¹ PVB-C-1590-045

muito importante na ligação de Jaguaripe com Matoim. Tamacaúna pode ser outro bom exemplo, quando observamos que este foi o responsável por comandar expedições a mando de Fernão, a fim de alcançar outros índios. Ou ainda o dito Silvestre, que sendo participante da santidade, se deslocou até Porto Seguro para converter outros escravizados à seita. A santidade está, para nós, como um grande ninho ou web, como classifica Mitchel, que interliga diversas localidades por meio de uma *rede* que se distribuem em diferentes níveis de intensidade, conectando diversas pessoas de diversas localidades, pois – como bem nos lembra Vainfas – a santidade não era somente frequentada por escravizados, mas também por outros personagens que não tinham como condição o ser escravo.

O que quero enfatizar aqui é que o estabelecimento de certas práticas, levam a formação de uma rede que não só permite o deslocamento dos escravizados, atuando como difusores de informação de interesses, mas provoca também o estabelecimento de outras redes que podem servir como pequenos espaço de negociações, em que incluem não ser incriminado por denúncias, ou mesmo incriminar outros agentes.

Vamos agora direcionar nossos olhares para outro caso, em que os escravizados estão presentes no testemunho como denunciados. O alvo da imputação é conhecido como *Joane*, negro da Guiné, pertencente à Bastiam Faria, residentes em Matoim. Neste testemunho, foi atribuído a Joane, a acusação de cometer o pecado nefando. Vejamos o documento na íntegra:

Contra Joanne, negro da Guiné e Francisco manicongo

21 de Agosto de 1591

[Mathias Moreira]

disse ser cristão velho natural de Lixboa, filho de Isabel Guomez e de seu marido que morreo primeiro que elle nacesse e por isso não lhe sabe o nome, e denunciando disse que averá tres meses que den tro no colejo da companhia de Jesus onde elle he morador nesta cidade entrarão huã noite dous negros a furtar a saber Joane de Guiné escravo de Bastiam de Faria, morador no Rio de Mathoim, e outro negro de Guiné cujo nome não sabe que tem huã perna inchada muito mais grossa que a outra, escravo de Guiomar Fernandes viuva molher que foi de Jorge Fernandes çapateiro defunto, moradora nes ta cidade, e prendendo se os ditos negros dentro no dito colejo na ditta noite o dito escravo da perna inchada disse que o dito Joane o trouxera alli e que tinha pecado com elle no pecado nefando ao que respondeo o dito Joanne que men tia e isto fallavão pella lingoa a qual elle denunciante muito bem entende e quando isto aconteceu

estava presente hum Padre da Companhia Joam Roiz o qual os não entendeo por que não sabe a lingoa, e antes disto acontecer foi o dito Joane escravo do Colejo da Companhia desta cidade e nelle se veo a descobrir que elle cometia para o dito peccado nefando per muitas vezes a outro negro de Guiné per nome Duarte escravo do dito Colejo o qual Duarte por não querer consentir o descobrio e por essa causa os padres do colejo venderão o dito Joane ao dito Bastiam de Faria que ora o tem e declarou que o dito Joane que no dito peccado usa do officio de mulher é isto, digo de femea, e isto sabe pelo dito Duarte que descobrio que o cometia pera que elle Duarte usasse de macho, denunciou mais que elle sabe, que em Angola e Congo nas quais terras elle denunciante andou muito tempo e tem muita experiencia dellas he costume entre os negros gentios trazerem hum pano cengido com as pontas por diante que lhe fica fazendo huã aberta diante, os negros somitigos que no peccado nefando servem de molheres pacientes, aos quais pacientes chamão na lingoa de Angola e Congo jinbandaa que quer dizer somitigos pacientes e que nesta cidade esta hum negro per nome Francisco de Congo captivo de Antonio Pires çapateiro morador abai xei da Misiricordia do qual Francisco elle denunciante ouvio nesta cidade fama entre os negros que elle era somitigo, e nesse mesmo tempo despois de ouvir esta fama vio elle denunciante ao dito Francisco trazer hum pano cingido assim como na sua terra em Congo trazem os somitigos pacientes como dito tem, e logo o reprendeo disso e o dito Francisco lhe respondeo que elle não usava de tal e o reprehendeo tambem por que não trazia vestido o vestido de homem que lhe dava seu senhor dizendo lhe que em elle não querer trazer o vestido de homem mostrava ser somitigo paciente pois tambem trazia o dito pano do ditto modo e contudo, lhe negou que não usava de tal e despois o tornou ainda duas ou tres vezes a ver nesta cidade com o dito pano cingido e o tornou a reprehender e já agóra anda vestido em vestido de homem e quando o reprehendeo não estava mais outrem presente⁹².

O denunciante tem por nome *Mathias Moreira*, um lisboeta residente na cidade de Salvador. Mathias nos conta que certo dia, dentro do Colégio da Companhia de Jesus – localizado também na cidade – entraram dois escravizados para furtar. O primeiro é identificado como Joane da Guiné e o segundo não se sabe o nome, mas sabe-se que este é pertencente à Guiomar Fernandes, moradora na cidade de Salvador. Ao serem surpreendidos, o escravizado não identificado nominalmente diz que eles estavam ali por conta de Joane, que o levara até lá e com ele havia cometido o dito peccado nefando. Joane, notoriamente, nega o fato. Todavia, foi revelado que antes de pertencer à

⁹² PVB-D-1590-125

Bastiam Faria, o escravizado pertenceu ao dito Colégio da Companhia de Jesus, e foi vendido por descobrir que o dito cujo realizava as tais práticas referente ao relatado no testemunho. Sobre este episódio, quem nos conta é Duarte, outro escravizado pertencente ao Colégio.

Entretanto, a denúncia de Mathias Moreira não se endereça somente à Joane, mas também à Francisco Manicongo. Neste caso, o denunciante diz que é famoso o rumor entre os negros, de que Francisco era sodomita. Disto afirma com propriedade, pois observou que Francisco trazia consigo sempre um pano branco cingido, o que caracteriza o dito cujo como sodomita, visto que o denunciante passou muito tempo em Angola e no Congo e disse que é costume entre os negros que identifique os sodomitas desta forma. Vejamos agora, o testemunho do próprio Duarte, que narra o fato a partir da sua perspectiva – embora intermediado por Mathias – denunciando o dito Joane.

Contra Joanne negro de Guiné

21 de Agosto de 1591

[Duarte negro de Guiné, filho de gentio dc Angola, mancebo até vinte annos, solteiro, escravo cativo do collejo da Companhia de Jesus, que não sabia assinar]

recebeo juramento dos Santos Evangelhos e outrosim o recebeo Matias Moreira, morador no dito collejo que sabe a lingua dos negros pera ser seu interprete em que puse- rão suas mãos dereitas sob cargo do qual prometerão dizer em tudo verdade e denunciando disse que de quatro meses a esta parte Joane de Guiné escravo de Bastiam de Faria o venderão os Padres do ditto Collejo ao ditto Bastiam de Faria e antes que o vendessem estando no ditto Collejo de que era captivo o ditto Joane per muitas vezes o perseguio e co- meteo com dadas que fizesse com elle o peccado nefando, comettendo lhe que no ditto peccado com elle fosse elle Duarte o macho no qual elle Duarte nunca consentio mas o reprendeo e lhe disse que era caso de os queimarem ao que o ditto Joane lhe respondeo que tambem Francisco Mani congo negro de Antonio çapateiro, fazia o ditto peccado com outros negros, e que não o queimavão por isso, e depois de elle descobrir isto no collejo venderão o ditto Joane ao ditto Bastiam de Faria e inda ora depois de vendido o persegue o busca com dadas e o comete pera o ditto peccado nefando, e elle não quer consentir e sendo perguntado disse que nenhuã outra pessoa sabe disto de vista⁹³.

⁹³ PVB-D-1590-127

A denuncia de Duarte, atrela-se diretamente ao caso anterior, sendo este o testemunho posterior ao de Mathias no livro do Santo Ofício. Duarte nos conta a mesma história que relatamos, de que Joane o perseguia a fim de cometer o dito pecado nefando. Todavia, Duarte diz nunca ter consentido e diz que aquela atitude era passível de que queimassem Joane por tal. Entretanto, o autor da denúncia nos diz que o alvo desta lhe dissera que Francisco Manicongo também cometia o dito pecado com outros negros, mas ninguém lhe perturbava por isso. E, disse ainda, que mesmo depois de vendido ao Bastiam de Faria, Joane ainda continuou perseguindo Duarte a fim de que sua vontade fosse concretizada.

Assim como Unduari, Silvestre, Paulo e Simão, Joane se mostra circulante entre o espaço físico do recôncavo. Ao observamos, antes do fato acontecer, o dito cujo já era pertencente à Bastiam Faria que reside em Matoim. Todo o incidente aconteceu no Colégio dos Padres que tem por localização a Cidade de Salvador. Joane não só circulava por estes espaços, como levava também outros escravizados para a localidade

Se encaramos a *Sodomia* como uma *egos* de uma *rede*, podemos ver que ela conecta – só com este dois testemunhos – três escravizados dos quais conseguimos ter o nome e duas localidades diferentes. Relata também que o fato é conhecido entre outros escravizados, os quais não temos os nomes ou as localidades, entretanto, podemos perceber que a sodomia liga estes agentes tanto por ser algo escandaloso e, conseqüentemente, do conhecimento de muitos para a época em questão, como um pequeno espaço de negócio, quando vemos que Francisco Manicongo, por exemplo, não fora denunciado somente pelas desconfianças de Matias Moreira, mas por Joane, que tentou convencer Duarte de praticar o pecado nefando, dizendo que o dito Francisco assim o fazia e ninguém o perturbava por isso.

Joane atua não só como fruto de uma denuncia, mas como veiculador de uma informação referente a outro agente, que acaba por ser denunciado indiretamente por este. Matias diz ter desconfiado e ter apertado Francisco contra estes fatos, mas este sempre negara veemente. As negações de Francisco não foram suficientes para esconder o fato trazido por Joane, que somente o mencionou através de um laço que os ligam: o da sodomia.

O que é importante observarmos a partir da apresentação destes casos e das ideias apontadas é que o escravizado está circulando. Parece notório afirmar isto. Ainda

que não se veja a quantidade, ou a razão da circulação, ou mesmo que se faça uma comparação com a circulação de não-escravos pelo território do recôncavo, não se pode negar que os escravizados são fortes atuantes no espaço baiano. Os referidos casos nos mostram isto.

Nos parece notório também que esta circulação dos escravizados levara consigo diversas funções. Para além da subjetividade dos agentes que os movem naquele momento, pode-se perceber que este movimento carrega consigo muito mais além de meros passos pelo território do recôncavo. Como trazido no início deste capítulo, a autora *Dayane Augusta* já nos alertou sobre uma destas funções ao que serviria as circulações destes escravizados. Guiomar e Clara não nos deixa mentir:

[...] e denunciou mais que Guimar e Clara escravas da terra suas captivas e em sua casa óra moradoras lhe disserão averá anno e meo que hum negro da terra per nome Bento captivo de hum cristão novo alfaiate morador nesta cidade de alcunha Deos o guarde, era somitigo e servia de molher no pecado nefando com os outros negro⁹⁴.[...] [SIC]

A história que envolve Guiomar e Clara se refere a uma denúncia feita por *Maria Gois*, cristã velha, natural da cidade da Bahia, endereçada à Bento, cativo de um cristão novo – cujo nome não se sabe – alfaiate e morador nesta cidade. Gois conta que Guiomar e Clara, suas escravizadas, disseram-lhe que o tal Bento era sodomita e praticava o pecado nefando com outros negros. Novamente aqui podemos ver a circulação dos escravizado não somente em termos de mobilidade espacial, visto que Maria, Guiomar e Clara viviam em Itapoã e Bento na cidade de Salvador, mas podemos observar que as ditas escravizadas atuam como interlocutoras da denúncia de Gois.

É sobre esta circulação de informações que *Dayane Augusta* nos alertou em sua dissertação de mestrado. A circularidade de informações acaba por veicular diversas pessoas que movimentam essas informações. Os escravizados aparecem como sendo parte destas pessoas, que, de algum modo, dissipam informações pelo recôncavo. É Gois quem vai até a mesa do Santo Ofício a fim de realizar sua denúncia, mas são Guiomar e Clara a fonte da informação que está sendo repassada.

⁹⁴ PVB-D-1590-129

É importante salientar também que não havia qualquer necessidade destes testemunhantes – principalmente àqueles que dizem respeito as denúncias – falar, mencionar ou mesmo relatar os fatos acontecidos. Dentro desta questão, sabemos que diversos podem ser os motivos que levam um denunciante a mesa do Santo Ofício, como desde a cumprir com suas obrigações enquanto cristãos, ou por quaisquer razões pessoais daqueles agentes. Todavia, se faz necessário lembrar que as pessoas estão ali pra realizar denúncias de pecados. A citação destes escravizados, principalmente como interlocutores desta informação, poderia facilmente ser omitida ou mesmo ignorada. Entretanto, estas informações não somente são mantidas nos testemunhos como também muitas vezes são nomeadas, como nos sugere o caso de Guiomar e Clara que atuam como difusoras de uma informação. Estamos lidando diretamente com fragmentos de informações de uma documentação que não tinha como objetivo falar destas coisas. Nos parece muito plausível a partir da observância destes fragmentos, a afirmação que nos traz Dayane acerca da circularidade de informações e do escravizado como vetor de informação. Guiomar, Clara, Joane podem nos atestar isso.

Nos parece muito plausível também observar que a circularidade de informações e a mobilidade geográfica dos escravizados pode nos dizer muita mais sobre o modo de agir daquela sociedade, bem como da possível existência de distintas redes que convivem no mesmo espaço entre si. Nos casos que apresentamos aqui, se pegarmos o testemunho contra Joane, por exemplo, podemos observar que estas pessoas que estão envolvidas nas denúncias, não aparecem, como denunciante ou interlocutores das informações contra Fernão Cabral e a santidade de Jaguaripe. Estes casos que apresentamos no começo do capítulo que se referem a denúncias contra Fernão Cabral, não tem quaisquer menções ou envolvimento nas denúncias daqueles que se referem à sodomia praticada por Joane, por exemplo. Como é o caso de Maria Fonseca, que denúncia Dona Margarida e Fernão Cabral; é moradora da cidade de Salvador – onde aconteceu o tido fato de Joanes – e não há quaisquer registros em que ela apareça como denunciante ou mesmo como interlocutora do caso de *Joane*, ou mesmo de qualquer outro caso de sodomia.

Maria da Fonseca aparece em uma rede de pessoas que bem nos lembra o capítulo 4, quando separamos os agentes em "grupos". Naturais de Salvador, cristãos velhos e que estão intimamente ligados com o caso de Jaguaripe. Se notarmos, essa categoria que pertence Maria ela se refere ao grupo que mais denuncia Fernão ao Santo

Ofício. Saber, por exemplo, onde Maria da Fonseca se encaixa resulta entender que estes pequenos fragmentos que conseguimos extrair auxiliados pela fonte, nos demonstra, talvez, uma pequena vista de um mundo não conhecido. Um pequeno indício de algo que pudera ser bem maior.

Da mesma forma, Joane, Duarte, Francisco e Matias Moreira não aparecem em nenhum momento relacionados a quaisquer denúncias contra Fernão Cabral. Ainda que Matias Moreira se caracterize como participante do grupo dos que mais denunciam a Santidade, este não faz nenhuma menção sobre o caso.

Com isso, o que queremos destacar é que estamos lidando com uma sociedade que, ao mesmo tempo em que se mostra conectada entre si, como vimos nos mapas que demonstram as conexões entre os agentes do recôncavo, ela também se mostra ritmada por outras demandas que interessam mais a uns agentes do que a outros. Demandas estas que podem ser lidas como *assuntos de interesse comum*, que acabam por conectar grupos dentro desta conexão já existente em todo o recôncavo. Demandas estas que conectam determinadas pessoas, ou mesmo grupo, como os negros da Guiné mas que não conecta outras. Que apesar de todas as localidades estarem ligadas entre si, determinados assuntos circula por espaços e agentes próprios. Quando pensamos nos escravizados como veiculadores de informações, podemos enxergar que nem todos os assuntos vão circular da mesma maneira, e nem passar pelas mesmas pessoas.

Considerações Finais

Tentou-se ao longo desta pesquisa apresentar ao leitor uma releitura da Bahia e do recôncavo baiano. O contexto utilizado para a tentativa de apresentar esta releitura se concentrou sob as visitas realizadas pelo Santo Ofício à Cidade da Bahia. A partir da produção de documentos relativos à confissões e denúncias, sob tudo sobre este último, nossa pesquisa se concentrou em analisar esses dados, cruzando diversas informações mediante auxílio do uso Sistema de Informações Geográficas - SIG. No capítulo inicial foi apresentado uma Bahia sob a perspectiva daqueles que ali viveram ou passaram. Utilizamos das próprias fontes para poder fazer descrições de como era visto o nosso cenário de pesquisa. A partir destas descrições e dos cruzamentos de dados relativos a estas fontes, pode-se perceber uma Bahia cheia de conexões e interações medidas por denúncias feitas ao Santo Ofício. Com isso, seguimos o nosso primeiro passo para releitura.

No capítulo subsequente, foi apresentado um pouco sobre as bases que nos dariam suporte para a realização desta releitura. Dialogamos com o *social network* a fim de compreender o que estas conexões e interações poderiam representar no mundo das análises de *redes*. Auxiliados por este instrumento, pode-se compreender melhor a constituição de uma rede, e o que esta poderia trazer de contribuição para nossa pesquisa. No terceiro capítulo, foi apresentado um pouco sobre a visão historiográfica que se tinha até então para o contexto trabalhado. Em conjunto com historiografias clássicas sobre o assunto, pode-se observar como os historiadores olharam para a presença da Inquisição à cidade da Bahia. Sobre o que falaram, como falaram e do que não foi falado.

No quarto capítulo, observamos características daquela sociedade. A partir da categorização de termos que pudesse classificar os agentes analisados, foi observado alguns atributos que constituíam nossos personagens. Separamos em categorias como de naturalidade, atribuição religiosa e idade. A partir desta categorização e obtenção dos dados, pudemos conhecer melhor como certos grupos agiam a partir destas denúncias. Observamos ligações mais incentivadas, outras nem tanto, e ligações que talvez possam se unir por interesse mútuo.

No quinto capítulo pode-se acompanhar mais um pouco acerca de como os escravizados aparecem nestas fontes. Foi observado que estes atuam de diversas maneiras para esta sociedade. Em concordância com Dayane Augusta, observou-se que os escravizados atuavam como veículos de informações. Observou-se também pequenas inserções de escravizados em determinados grupo que, a partir de uma semelhança que os une, nos deixa indicio de uma possível rede.

Como relatado neste ultimo capítulo, trabalhou-se nesta pesquisa com uma fonte que não queria dizer nada mais além de pecados. A primeira vista, quando apenas é feita a leitura destas fontes, a imagem que aparece é bem esta que carrega o objetivo dos relatos, testemunhar heresias. Todavia, a partir do cruzamento de dados e da análise feita em cima destas informações em conjunto com o SIG, pode-se ir um pouco além dos pecados. Pecados estes que nos mostram uma Bahia que está majoritariamente conectada entre si, ainda que com diferentes intensidades. As pessoas dialogam, circulam e falam sobre si e entre si por todo o território baiano. Sobre tudo os escravizados, que estão atrelados não somente a circulação física mas também de informações.

Portanto, pode-se observar um pequeno fragmento de um mundo que não conhecemos. Um mundo que nos deixa a possibilidade da existência de pequenas redes, tanto entre os agentes colonizadores, como sobre os escravizados. Redes estas que movem pessoas e informações, que relatam práticas de terceiros, que falam sobre determinado grupos, que cruzam universos diferentes. Quando lembramos aqui do caso de Joanes, Duarte, Francisco, e a sodomia que ligou estes três agentes nas três possibilidades possíveis, como denunciante, interlocutor da denúncia e denunciado; ou ainda do escravizado Manuel que saiu de Matoim e foi pregar para pessoas em Paripe sobre uma tal santidade que este conhecia lá em Jaguaripe. Todas exemplificações nos abrem leques de possibilidades, para um pequeno entendimento desta sociedade que lidamos, como propostas de análises para outras pesquisa.

Fontes

Primeira visitação do santo Ofício às partes do Brasil – Denúncias da Bahia - 1591-1592. São Paulo: Ed. Paulo Prado, 1925.

SOUSA, Gabriel Soares de. (1540-1591) Tratado Descritivo do Brasil em 1587. São Paulo: Editora Nacional, col. Brasiliana, v. 117.

Referências Bibliográficas

BARNES, J.A (1954) *Class and Committees in a Nowegian Island Parish, Human Relations*, 7.

BERTIN, Jacques. *Semiologie graphique: Les diagrammes, les réseaux, les cartes*. Paris: Mouton, 1967002E.

BOTT, E. (1955) *Urban Families: Conjugal Roles and Social Networks*, Human Relations, 8.

CARVALHO, Carlos; SATO Moraes. *Geoprocessando as relações sociais na cidade da Bahia - século XVI*. In: VALENCIA Villa, Carlos; GIL, Tiago. *O retorno dos mapas: sistemas de informação geográfica em história*. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2016. ISBN 9788569621034.

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. *A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c. 1790 - c. 1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

GÓES, José Roberto Pinto de. *O Cativo Imperfeito: Um Estudo Sobre a Escravidão no Rio de Janeiro da Primeira Metade do Século XIX*. Vitória: Lineart, 1993.

GIL, Tiago. *O Império Marítimo Baiano: uma cartografia da produção na obra de Gabriel Soares de Souza (1587)*. In: VALENCIA VILLA, Carlos; GIL, Tiago: *O retorno dos mapas: sistemas de informação geográfica em história - Porto Alegre*: Ladeira Livros, 2016. ISBN 978-85-69621-03-4.

GIL, T. *Elites locais e suas bases sociais na América Portuguesa: uma tentativa de aplicação das social network analysis*. In: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Vol.3 Nº 6, Dezembro de 2011.

GRANOVETTER, Mark. S. *The Strength of Weak Ties*, "American Journal of sociology" 78, no 6 (May, 1973): 1360-1380.

KÖHLER, Wolfgang. *Psicologia da Gestalt*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1968.

MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

METCALF, Alida. *Mellenian Slaves? The Santidade de Jagaripe and Slave Resistance in the Americas*. Oxford University. *The American Historical Review*, Vol. 104, No. 5.

MORETTI, Franco. *Atlas of the European Novel, 1800-1900*. London: Verso, 1998.

SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SCHWARTZ, Stuart B. Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011. 474 p. ISBN 9788571640122.

SCHWARTZ, Stuart B. Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico . São Paulo: EDUSC: Companhia das Letras, 2009. 483 p. ISBN 9788574603667 (EDUSC).

SCOTT, John. Social Network Analysis: A Handbook. Ed. SAGE, 2000. ISBN 0761963391 9780761963394, 208 p.

SILVA, *Dayane Augusta*: Em tempos de visitas. Inquisição, circulação e oralidade na Bahia (1590 - 1620). <http://repositorio.unb.br/handle/10482/17199>.

SOUZA, Laura de Mello e. **Diabo e a Terra de Santa Cruz**: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

THOMAZ, Luiz Felipe. "Estrutura Política e Administrativa do Estado da Índia no século XVI". In: De Ceuta a Timor. Lisboa: DIFEL, 1994.

TUFTE, Edward R. The Visual display of quantitative information. 2nd ed. Cheshire, Conn: Graphics Press, 2001.

TUFTE, Edward R. Visual Explanations: images and quantities, evidence and narrative. Cheshire, Conn: Graphics Press, 1997.

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 258 p. ISBN 8533601670.

VAINFAS, Ronaldo. A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. 275 p. ISBN 9788571644601.

WARNER, W.L and Lunt, P.S. (1941) *The Social Life of a Modern Community*. New Haven, CT: Yale University Pres.

Anexos: Lista de Interrogados da Inquisição e o código de referência

Interrogado	Código
Diogo Monteiro	PVB-D-1590-002
Joam Fernandez	PVB-D-1590-003
Catherina Nunez	PVB-D-1590-004
Isabel de Oliveira	PVB-D-1590-005
Nicolao Faleiro de Vascongocellos	PVB-D-1590-006
Gaspar Dias de Figueiroa	PVB-D-1590-007
Gaspar Fernandes	PVB-D-1590-008
Affonso Romeiro	PVB-D-1590-009
Pero d'Aguiar Daltero	PVB-D-1590-010
Domingos de Almeida	PVB-D-1590-011
Pero Novais	PVB-D-1590-012
Joam Alvares Pireira	PVB-D-1590-013
Guaspar Guomez lavrador	PVB-D-1590-014
Isabel Ramos	PVB-D-1590-015
Gonçalo Barroso	PVB-D-1590-016
Domingos de Oliveira	PVB-D-1590-017
Fernão Garcia	PVB-D-1590-018
Manoel Ferreira	PVB-D-1590-019
Amador da Silva	PVB-D-1590-020
Manuel de Freitas	PVB-D-1590-021
Matheus Salvado	PVB-D-1590-022
Gironimo de Bairos	PVB-D-1590-023
Belchior de Sousa	PVB-D-1590-024
Antonio da Fonseca	PVB-D-1590-025
Belchior da Fonseca	PVB-D-1590-026
Maria Rodrigues	PVB-D-1590-027
Fernão Ribeiro de Sousa	PVB-D-1590-028
Antonio Simões	PVB-D-1590-029
Maria Fernandes	PVB-D-1590-030
Gaspar Lobo de Sousa	PVB-D-1590-031
Isabel Monteiro Sardinha	PVB-D-1590-032
Bertolameu Madeira de Sá	PVB-D-1590-033
Julio Pereira	PVB-D-1590-034
Paulo Moreira	PVB-D-1590-035
Francisco Roiz Castilho	PVB-D-1590-036
Balthesar Pereira	PVB-D-1590-037
Antonio Roiz Loureiro	PVB-D-1590-038
Nuno Pireira de Carvalho	PVB-D-1590-039
Caterina Fernandes	PVB-D-1590-040
Aleixo Lucas	PVB-D-1590-041
Maria Gonçalves	PVB-D-1590-042
Francisca Rofz	PVB-D-1590-043
Manuel de Paredes	PVB-D-1590-044
Simão	PVB-D-1590-045
Caterina Rois	PVB-D-1590-046
Alvaro Sanchez	PVB-D-1590-047
Heitor Mendes	PVB-D-1590-048
Gaspar de Gois	PVB-D-1590-049
Felipe Estacio Sintra	PVB-D-1590-050
Maria da Costa	PVB-D-1590-051
Francisco d Abreu	PVB-D-1590-052

João Bautista	PVB-D-1590-053
Gaspar de Palma	PVB-D-1590-054
Maria d'Eça	PVB-D-1590-055
Nuno Franco	PVB-D-1590-056
Antonia de Oliveira	PVB-D-1590-057
Fernão Cardil	PVB-D-1590-058
Luiz da Gram	PVB-D-1590-059
Ruy Lourenço Perdigã	PVB-D-1590-060
Guiomar de Fontes	PVB-D-1590-061
Caterina de Fontes	PVB-D-1590-062
Alvaro de Villasboas Barbosa	PVB-D-1590-070
Antonio Dias	PVB-D-1590-071
Simão Pinto	PVB-D-1590-072
Gaspar Dias Barbosa	PVB-D-1590-073
Lucia de Mello	PVB-D-1590-074
Antonio Guedes	PVB-D-1590-075
Maria Antunes	PVB-D-1590-076
Antonio da Fonseca	PVB-D-1590-077
Gaspar de Fontes	PVB-D-1590-078
Balthesar de Miranda	PVB-D-1590-079
Joam Bras	PVB-D-1590-080
Pauloa d'Ahneida	PVB-D-1590-081
Maria da Fonseca	PVB-D-1590-082
Cristovão Afonso	PVB-D-1590-083
João daVilla	PVB-D-1590-084
Luis Gonçalves	PVB-D-1590-085
Guimanesa Tavares	PVB-D-1590-086
Maria Loba	PVB-D-1590-087
Phelipa de Freitas	PVB-D-1590-088
Antonio da Rocha	PVB-D-1590-089
Pedro Madeira	PVB-D-1590-090
Luisa de Almeida	PVB-D-1590-091
Caterina de Fontes	PVB-D-1590-092
Maria da Mota	PVB-D-1590-093
Roque Garcia	PVB-D-1590-094
Joam Bras	PVB-D-1590-095
Marçal Beliarte	PVB-D-1590-096
João Garcez	PVB-D-1590-097
Diogo Martim Cão	PVB-D-1590-098
Felicia Loba	PVB-D-1590-099
João Antão	PVB-D-1590-100
Ambrosio Peixoto de Carvalho	PVB-D-1590-101
Maria Antunes	PVB-D-1590-102
Maria Pinheira	PVB-D-1590-103
Bertalomeu de Vascogoncellos	PVB-D-1590-104
Bernaldim Ribeiro da Gram	PVB-D-1590-105
Antonio Nunes Reimão	PVB-D-1590-106
Pauloa de Almeida	PVB-D-1590-107
Simão de Siqueira	PVB-D-1590-108
Pero Dias	PVB-D-1590-109
Brianda Fernandes	PVB-D-1590-110
Diogo Zorrilha	PVB-D-1590-111
Domingos Nunes da Rosa	PVB-D-1590-112
Margarida Pachequa	PVB-D-1590-113

Maria da Costa	PVB-D-1590-114
Geronimo de Bairros	PVB-D-1590-115
Gonçalo Fernandes	PVB-D-1590-116
Angelina da Costa	PVB-D-1590-117
Gonçalo da Mota	PVB-D-1590-118
Jacome de Queiroz	PVB-D-1590-119
Tareja Roiz	PVB-D-1590-120
Isabel Serram	PVB-D-1590-121
Francisco do Rego	PVB-D-1590-122
Caterina Lobo	PVB-D-1590-123
Domingos d'Almeida	PVB-D-1590-124
Mathias Moreira	PVB-D-1590-125
Manoel Roiz Ribeiro	PVB-D-1590-126
Duarte negro de Guiné	PVB-D-1590-127
Maria Antunes	PVB-D-1590-128
Maria de Gois	PVB-D-1590-129
André Monteiro	PVB-D-1590-130
Sebastião Barreto	PVB-D-1590-131
Pauloa de Bairros	PVB-D-1590-132
Joam Mendes Correa	PVB-D-1590-133
Antonio Poderozo	PVB-D-1590-134
Manoel Bras	PVB-D-1590-135
Antonio Guedes	PVB-D-1590-136
Joam Ribeiro	PVB-D-1590-137
Margarida Carneira	PVB-D-1590-138
Violante Carneira	PVB-D-1590-139
Maria Bautista	PVB-D-1590-140
Grimaneza Roiz	PVB-D-1590-141
Miguel Gonçalves	PVB-D-1590-142
Alvaro Sanches	PVB-D-1590-143
Simão de Sousa	PVB-D-1590-144
Margarida Pachequa	PVB-D-1590-145
Isabel Ribeira	PVB-D-1590-146
Isabel Antoniane	PVB-D-1590-147
Margarida Pinta da Fonseca	PVB-D-1590-148
Manuel de Freites	PVB-D-1590-149
Victoria de Bairros	PVB-D-1590-150
João de Uzeda	PVB-D-1590-151
João da Rocha Vicente	PVB-D-1590-152
Belchior Mendes de Azevedo	PVB-D-1590-153
Mecia Barbosa	PVB-D-1590-154
Maria Barbosa	PVB-D-1590-155
Ignacio de Barcellos	PVB-D-1590-156
Gaspar Manuel	PVB-D-1590-157
Antonio da Fonseca	PVB-D-1590-158
Antonio Luis Viegas	PVB-D-1590-159
Diogo Martins Seixas	PVB-D-1590-160
Joam Garcez	PVB-D-1590-161
Pero do Cãopo	PVB-D-1590-162
Pero Durazio	PVB-D-1590-163
Diogo Dias	PVB-D-1590-164
Breatiz de Lemos	PVB-D-1590-165
Custodia de Faria	PVB-D-1590-166
Breatiz Gomes	PVB-D-1590-167

João Velho	PVB-D-1590-168
Anna de Aveloa	PVB-D-1590-169
Bernaldo Pimentel	PVB-D-1590-170
Bastiam Pires	PVB-D-1590-171
Anna Vaz	PVB-D-1590-172
Gracia de Siqueira	PVB-D-1590-173
Fernão Garcia	PVB-D-1590-174
Maria da Mota	PVB-D-1590-175
João Francisco	PVB-D-1590-176
Francisco Fernandes	PVB-D-1590-177
Paulaa Antunes	PVB-D-1590-178
Violante Barbosa	PVB-D-1590-179
André Fernandes	PVB-D-1590-180
Balthasar Nogueira	PVB-D-1590-181
Diogo Cardoso de Avelar	PVB-D-1590-182
Manuel Fernandes	PVB-D-1590-183
Manuel Fernandes Granada	PVB-D-1590-184
Guilhere Martins Pompejo	PVB-D-1590-185
Thomé Dias	PVB-D-1590-186
Manuel Chorro Dinis	PVB-D-1590-187
Cristovão de Figueiredo	PVB-D-1590-188
Pero Fernandes	PVB-D-1590-189
Francisco Pinto Doutel	PVB-D-1590-190
Caterina Vasques	PVB-D-1590-191
Catherina de Almeida	PVB-D-1590-192
Jorge de Almeida	PVB-D-1590-193
Antonio André	PVB-D-1590-194
Antonio Botelho	PVB-D-1590-195
Ines de Barros	PVB-D-1590-196
Isabel de Sandales	PVB-D-1590-197
Madalena Pimentel	PVB-D-1590-198
Ilena da Fonseca	PVB-D-1590-199
Caterina Fernandes	PVB-D-1590-200
Joanna de Sa Betanquur	PVB-D-1590-201a
Isabel Rebeiro	PVB-D-1590-202
Maria d'Oliveira	PVB-D-1590-201
Ines Roiz	PVB-D-1590-202a
Maria Carvalha	PVB-D-1590-203
Francisco Machado de Faria	PVB-D-1590-204
Isabel Davilla	PVB-D-1590-205
Catherina Quaresma	PVB-D-1590-206
Cristovão Pais d'Altero	PVB-D-1590-207
Bernardo Pimentel de Almeida	PVB-D-1590-208
Francisca da Costa	PVB-D-1590-209
Balthesar Pires	PVB-D-1590-210
Ernesto Gonçalves	PVB-D-1590-211
Domingas Allegre	PVB-D-1590-212
Pero de Moura	PVB-D-1590-213
Bernardo Velho	PVB-D-1590-214
Luisa Fernandes	PVB-D-1590-215
Thomé Pires	PVB-D-1590-216
Jeronimo Barbosa	PVB-D-1590-217
Diogo Monteiro	PVB-D-1590-002